

C 21-75



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

PATRULHAS

1ª Edição  
1986



**C 21-75**



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

## **Manual de Campanha**

# **PATRULHAS**

1ª Edição  
1986

Preço Cz\$ 27,80

CARGA

EM. . . . .



Portaria Nº 033 – EME, de 09 de julho de 1986

**MANUAL DE CAMPANHA C 21–75**

**PATRULHAS**

**O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**, usando das atribuições que lhe confere o Art 59 das “Instruções Gerais para as Publicações do Ministério do Exército” (IGP M Ex), aprovadas pela Portaria Ministerial Nº 890, de 28 de setembro de 1985,

**R E S O L V E**

Aprovar o Manual de Campanha C 21–75 – PATRULHAS, 1ª Edição, 1986.

Gen Ex FERNANDO VALENTE PAMPLONA  
Chefe do EME



## NOTA

Solicita-se aos usuários deste manual a apresentação de sugestões que tenham por objetivo aperfeiçoá-lo ou que se destinem à supressão de eventuais incorreções.

As observações apresentadas, mencionando a página, o parágrafo e a linha do texto a que se referem, devem conter comentários apropriados para seu entendimento ou sua justificação.

A correspondência deve ser enviada diretamente ao EME, de acordo com o Art 75 das IGPME<sub>x</sub>, podendo ser utilizada a carta-resposta constante do final desta publicação.





## ÍNDICE DOS ASSUNTOS

	Prf		Pag
<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</b>			
Artigo I – Generalidades . . . . .	1– 1 a	1– 3	1– 1
Artigo II – Conceituação de patrulha . . . . .	1– 4		1– 1
Artigo III – Classificação . . . . .	1– 5 e	1– 6	1– 2
Artigo IV – Responsabilidades . . . . .	1– 7 e	1– 8	1– 6
Artigo V – Organização geral da patrulha . . . . .	1– 9 a	1–11	1– 6
 <b>CAPÍTULO 2 – PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO</b>			
Artigo I – Normas de comando . . . . .	2– 1		2– 1
Artigo II – Estudo sumário da missão . . . . .	2– 2 e	2– 3	2– 2
Artigo III – Planejamento da utilização do tempo . . . . .	2– 4 a	2– 6	2– 2
Artigo IV – Estudo de situação . . . . .	2– 7 e	2– 8	2– 4
Artigo V – Ordem Preparatória . . . . .	2– 9 e	2–10	2– 8
Artigo VI – Reconhecimento . . . . .	2–11 a	2–13	2– 11
Artigo VII – Complementação detalhada do planejamento . . . . .	2–14 e	2–15	2– 12
Artigo VIII – Ordem à Patrulha . . . . .	2–16 e	2–17	2– 14
Artigo IX – Inspeções e ensaios . . . . .	2–18 a	2–20	2– 17
 <b>CAPÍTULO 3 – CONDUTA DAS PATRULHAS</b>			
Artigo I – Aspectos gerais e comuns na conduta dos diversos tipos de patrulha . . . . .	3– 1 a	3–14	3– 1
Artigo II – Conduta e peculiaridades de uma patrulha de reconhecimento . . . . .	3–15 a	3–19	3– 15
Artigo III – Conduta e peculiaridades de uma patrulha de combate . . . . .	3–20 a	3–34	3– 19

<b>CAPÍTULO 4 – PATRULHAS SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE</b>		<b>Prf</b>	<b>Pag</b>
<b>Artigo</b>	<b>I</b> – Patrulha em área de caatinga . . . . .	4– 1 a 4–10	4 – 1
<b>Artigo</b>	<b>II</b> – Patrulha em área de montanha . . . . .	4–11 a 4–22	4 – 4
<b>Artigo</b>	<b>III</b> – Patrulha em área de selva . . . . .	4–23 a 4–33	4 – 8
<b>Artigo</b>	<b>IV</b> – Patrulha em área urbana . . . . .	4–34 a 4–39	4 – 13
<b>CAPÍTULO 5 – PATRULHA COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS</b>			
<b>Artigo</b>	<b>I</b> – Patrulha aeromóvel . . . . .	5– 1 a 5– 5	5 – 1
<b>Artigo</b>	<b>II</b> – Patrulha na contraguerrilha . . . . .	5– 6 a 5–15	5 – 5
<b>Artigo</b>	<b>III</b> – Patrulha fluvial . . . . .	5–16 a 5–24	5 – 17
<b>Artigo</b>	<b>IV</b> – Patrulha motorizada. . . . .	5–25 a 5–35	5 – 25

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

#### ARTIGO I GENERALIDADES

##### 1-1. FINALIDADE

O presente manual tem por finalidade apresentar os aspectos gerais de caráter doutrinários sobre patrulhas.

##### 1-2. OBJETIVO

- a. Conceituar patrulha, classificá-la e definir as responsabilidades pelo seu lançamento e execução.
- b. Apresentar a organização geral dos diferentes tipos de patrulha e as técnicas de planejamento e preparação das mesmas.
- c. Definir conduta e apresentar peculiaridades dos diversos tipos de patrulha.

##### 1-3. LIGAÇÃO COM OUTROS MANUAIS

- a. Os conceitos aqui apresentados podem ser utilizados tanto em operações especiais como no emprego regular de patrulhas, por tropa especializada ou não.
- b. A consulta a este manual pode ser complementada com o C 21-74 INSTRUÇÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE e com outros que abordem assuntos técnicos de interesse para o cumprimento da missão.

#### ARTIGO II CONCEITUAÇÃO DE PATRULHA

##### 1-4. CONCEITO

- a. **Patrulha** é uma força de pequeno efetivo, destacada para cumprir missões

de reconhecimento, de combate ou da combinação de ambas.

b. A missão de reconhecimento é caracterizada pela ação ou operação militar com o propósito de confirmar ou buscar informes sobre o inimigo, o terreno ou outros aspectos de interesse em determinado ponto, itinerário ou área. Normalmente, deve evitar engajamento com o inimigo.

c. A missão de combate é caracterizada pela ação ou operação militar, de objetivo restrito, destinada a proporcionar segurança às instalações e tropas amigas ou hostilizar, destruir e capturar pessoal, equipamento e instalações inimigas.

### ARTIGO III CLASSIFICAÇÃO

#### 1-5. QUANTO À FINALIDADE DA MISSÃO

a. **Patrulha de reconhecimento** – Tem por finalidade confirmar ou buscar informes. Somente combate pela sobrevivência. O sigilo é essencial durante toda a missão e, em particular, na área do objetivo. São missões típicas de uma patrulha de reconhecimento as que se seguem.

(1) **Reconhecimento de um ponto** – É o reconhecimento de um objetivo específico, podendo incluir a própria descoberta desse ponto, que tenha dado origem à missão (Fig 1-1).

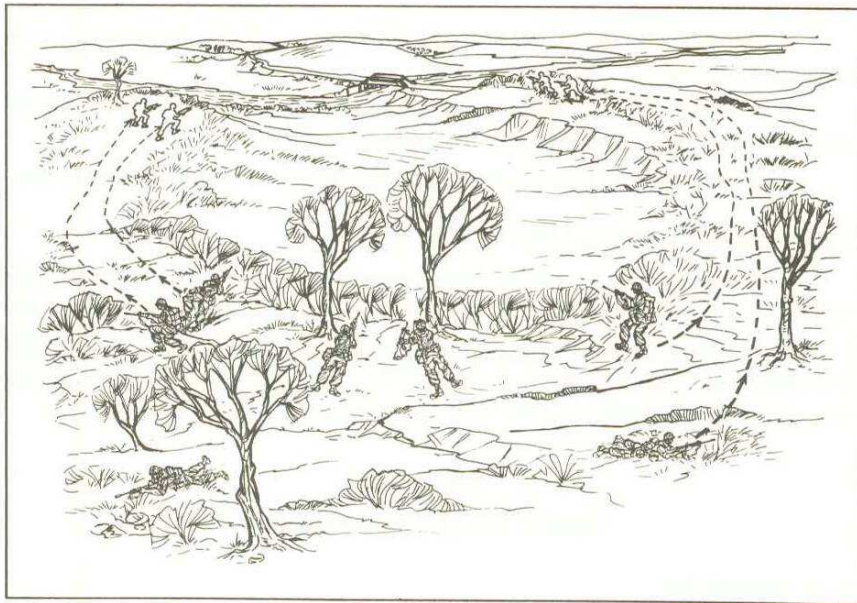


Fig 1-1. Reconhecimento de um ponto.

(2) Reconhecimento de área – É a busca de informes no interior de determinada área ou a própria delimitação de uma área com características específicas. O reconhecimento pelo fogo é uma técnica que poderá ser empregada no cumprimento desta missão.

(3) Reconhecimento de itinerários – É a busca de informes sobre um ou vários itinerários ou sobre a atividade do inimigo no(s) mesmo(s) (Fig 1-2).

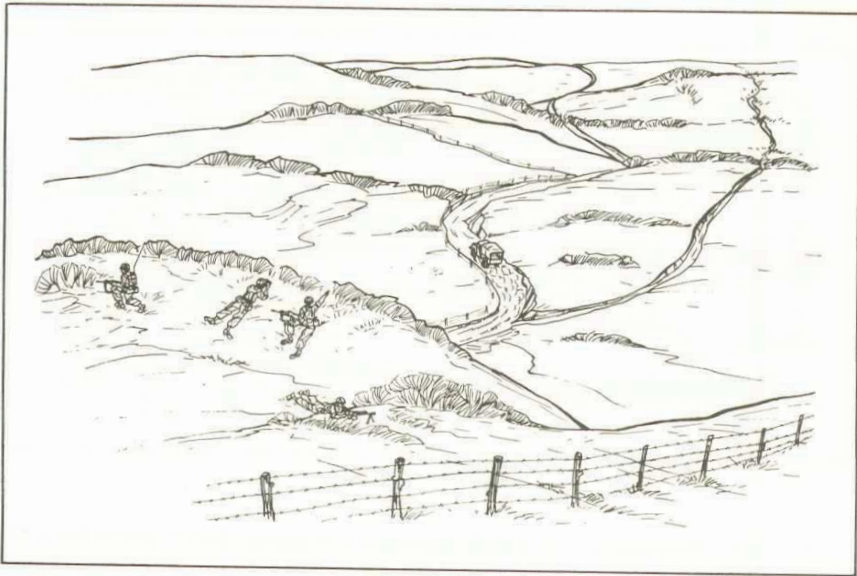


Fig 1-2. Reconhecimento de itinerários.

(4) Observação – É a vigilância contínua de um local ou de uma atividade permanente. As patrulhas com missão de vigilância são de efetivos reduzidos e que, através da ligação rádio, mantêm constantemente informado o escalão que as lançou.

**b. Patrulhas de combate** – Destina-se a proporcionar segurança, destruir ou capturar pessoal, equipamento e instalações inimigas. Cumpre sua missão realizando algum tipo de ação em força. São missões típicas de uma patrulha de combate as abaixo especificadas.

(1) Reconhecimento em força – É a ação, normalmente, realizada por uma patrulha de valor considerável, para localizar a posição de uma força inimiga e testar o seu poder. A potência de fogo, a mobilidade e as comunicações são fatores importantes na execução deste tipo de missão.

(2) Incursão (Fig 1-3).

(a) É a operação que envolve uma penetração de surpresa em área sob controle do inimigo, com uma finalidade específica, terminando com uma

retirada planejada.

(b) Uma patrulha realiza uma incursão com a finalidade de capturar pessoal e/ou material inimigo, eliminar pessoal inimigo específico, destruir material e/ou instalações inimigas, resgatar prisioneiros e/ou reféns, ou ainda, confundir ou inquietar o inimigo.

(c) É a missão de maior envergadura e efetivo que pode ser atribuída a uma patrulha.

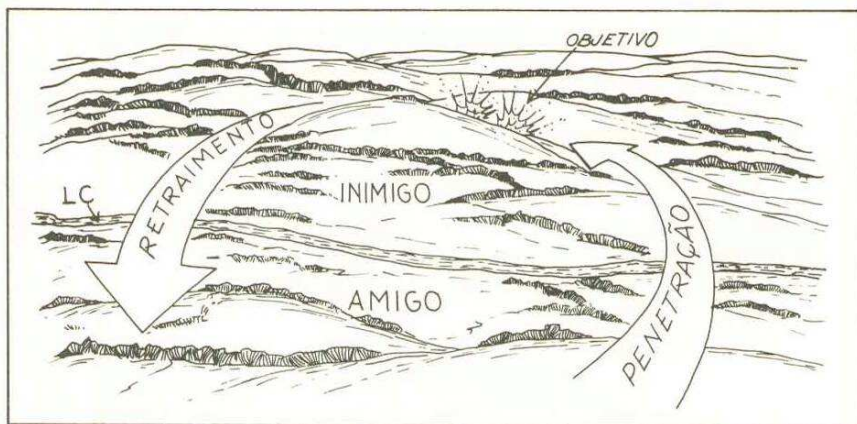


Fig 1-3. Incursão.

(3) Inquietação – É a ação destinada a ocasionar baixas, perturbar o descanso, dificultar o movimento e/ou obter outros efeitos sobre o inimigo, com a finalidade de abater-lhe o moral.

(4) Oportunidade – Consiste no lançamento da patrulha em determinada área, com a finalidade de destruir alvos compensadores, que venham a surgir.

(5) Emboscada – É o ataque de surpresa, partindo de posições cobertas, contra um alvo em movimento ou momentaneamente parado.

(6) Captura de prisioneiros ou material – É a ação contra instalações ou forças inimigas, com a finalidade de obter prisioneiros ou material.

(7) Ocupação – É a missão limitada, em que a patrulha ocupa uma posição, defendida ou não pelo inimigo, durante um curto período de tempo, após o que, retrai, sendo substituída, reforçada ou ultrapassada por outra força amiga.

(8) Suprimento

(a) Uma patrulha de efetivo variável, dependendo do tipo e quantidade de suprimento, pode receber a missão de ressuprir tropas amigas destacadas.

(b) É empregada para reforçar ou seguir uma patrulha de longo alcance.

(9) Contato – Visa estabelecer ou manter o contato com tropa amiga ou inimiga, de forma física, visual ou por meio rádio.

(10) Segurança – São as missões definidas pelo termo genérico “patrulhar”. Tem por finalidade: cobrir flancos, áreas ou itinerários; evitar que o inimigo se infiltre em determinado setor ou realize um ataque de surpresa; localizar ou destruir elementos que se tenham infiltrado; ou proteger tropa amiga em deslocamento.

(11) Destruição – A finalidade deste tipo de patrulha é destruir material, equipamento e/ou instalações inimigas.

(12) Eliminação – A finalidade deste tipo de patrulha é eliminar homens ou grupos de homens inimigos.

(13) Resgate – É a missão de libertar pessoal amigo preso pelo inimigo.

#### 1-6. QUANTO À EXTENSÃO DA OPERAÇÃO (Fig 1-4)

a. **Patrulha de curto alcance** – Quando atua dentro da área de influência do escalão que a lança.

OBSERVAÇÃO – Área de influência é a parte da área de operações dentro da qual o comandante do escalão que lança a patrulha pode intervir na ação, seja pela manobra, seja pelos fogos das armas orgânicas ou em apoio.

b. **Patrulha de longo alcance** – Quando atua na área de interesse do escalão que a lança.

OBSERVAÇÃO – Área de interesse no curso das operações é a área que se inclui nos planos do comandante do escalão que lança a patrulha. Normalmente, este escalão não tem condições de intervir pelo fogo ou manobra na ação da patrulha.

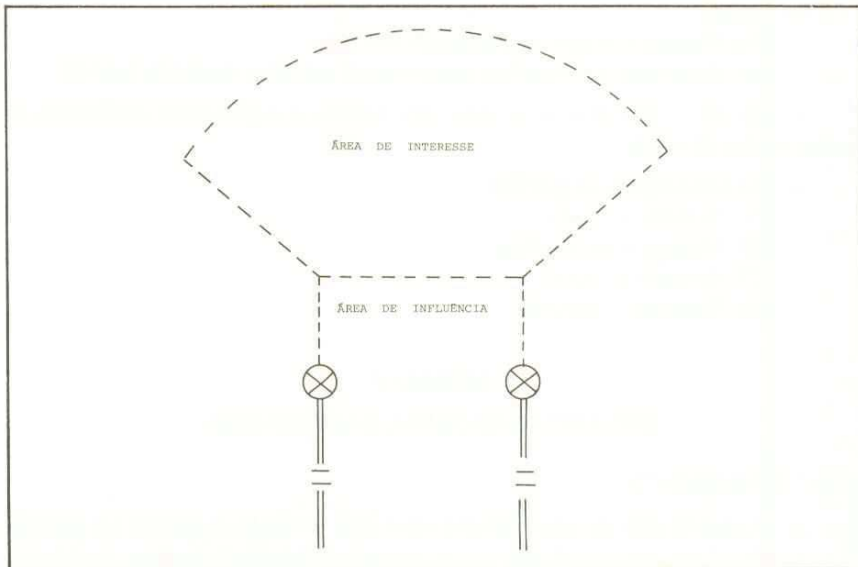


Fig 1-4. Área de interesse e área de influência.

## ARTIGO IV RESPONSABILIDADES

### 1-7. ATRIBUIÇÕES DO COMANDANTE QUE LANÇA A PATRULHA

- a. Formular a missão.
- b. Designar-lhe o comandante.
- c. Emitir as ordens necessárias.
- d. Estabelecer medidas de controle.
- e. Coordenar, apoiar e fiscalizar o cumprimento da missão.
- f. Receber e divulgar os resultados da missão.

### 1-8. ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS

- a. **Do S2**
  - (1) Preparar o plano diário de patrulhas da unidade em coordenação com o S3.
  - (2) Planejar e propor as missões de reconhecimento.
  - (3) Fornecer às patrulhas os informes referentes às condições meteorológicas, ao terreno e ao inimigo.
  - (4) Contactar com os integrantes da patrulha, no regresso de missão, para coletar informes.
- b. **Do S3**
  - (1) Planejar e propor as missões de combate.
  - (2) Programar a instrução e exercícios de patrulha, auxiliado pelo S2.
- c. **Do S4** — Providenciar o apoio em material e suprimentos necessários ao cumprimento da missão.
- d. **Do comandante da patrulha**
  - (1) Receber a missão.
  - (2) Planejar o seu emprego.
  - (3) Cumprir a missão.
  - (4) Elaborar o relatório.

## ARTIGO V ORGANIZAÇÃO GERAL DA PATRULHA

### 1-9. FUNDAMENTOS

- a. A organização de uma patrulha varia com a missão, o terreno e o inimigo.
- b. Normalmente, a patrulha se constituirá de 2 (dois) escalões: um voltado para o cumprimento da missão (escalão de reconhecimento ou escalão de assalto) e



o outro para segurança da patrulha (escalão de segurança). Cada escalão é formado por um ou mais grupos, conforme decisão do comandante da patrulha que também define seus efetivos.

c. A coordenação dos escalões é responsabilidade do comandante da patrulha, que poderá contar com alguns auxiliares, constituindo o grupo de comando.

**d. Peculiaridades do grupo de comando**

(1) Poderá se constituir somente no comandante da patrulha, o que será o ideal, pois permite um menor efetivo da patrulha. Isto ocorre quando há possibilidade dos homens dos escalões executarem, acumulativamente, as atribuições do grupo de comando.

(2) O subcomandante da patrulha pode ter esta única função, integrando o grupo de comando, ou o mais normal, comandar um dos escalões.

e. Alguns homens podem receber atribuições específicas durante a preparação e/ou deslocamento, não pertencendo portanto ao grupo de comando. Essas atribuições, desempenhadas acumulativamente com as demais são, entre outras, as que se seguem:

(1) Gerente — É o elemento encarregado do material e suprimentos. Deve providenciar este material e os suprimentos necessários, de acordo com a relação do comandante da patrulha e distribuí-los, mantendo o controle, de modo que a patrulha esteja aprestada na hora da Ordem à Patrulha. No regresso da missão, recolhe o material distribuído e apresenta ao comandante as alterações.

(2) Equipe de navegação — Auxilia o comandante da patrulha na orientação e navegação. Podem ser escalados, de acordo com a necessidade, elementos nas funções de: homem-bússola, homem-carta, homem-ponto e homem-passo que desempenharão suas funções conforme descrito na IP 72-25 SOBREVIVÊNCIA NA SELVA. O homem-carta, normalmente, é quem prepara o caixão de areia ou similar, a ser utilizado na Ordem à Patrulha.

**f. Considerações gerais**

(1) Escalão de segurança

(a) Missão

- Proteger a patrulha durante o deslocamento.
- Guardar os "pontos de reunião".
- Alertar, oportunamente, sobre a aproximação do inimigo.
- Proteger o escalão de reconhecimento ou escalão de assalto,

durante a ação no objetivo.

(b) Organização

- Em um ou mais grupos de segurança, em função do efetivo da patrulha, da natureza da missão e do terreno.
- Havendo um desmembramento da patrulha, a segurança, normalmente, fica a cargo das frações. Exemplo: patrulha de reconhecimento de uma área extensa, que se desmembra em vários grupos de reconhecimento e segurança (Gp Rec Seg).

- (2) Escalão de reconhecimento
- Missão — Reconhecer o objetivo e/ou manter vigilância sobre ele.
  - Organização — Em um ou mais grupos de reconhecimento, em função da missão e do terreno.
- (3) Escalão de assalto
- Missão — Definida pela missão específica da patrulha de combate.
  - Organização
    - Organiza-se em grupo(s) de assalto, grupo(s) de tarefa(s) essencial(is) e grupo(s) de tarefa(s) complementar(es).
    - O grupo de assalto tem por atribuição garantir o cumprimento da tarefa essencial, agindo pelo fogo e/ou combate aproximado, de modo a proteger o(s) grupo(s) que executa(m) essa tarefa.
    - As tarefas essenciais são executadas pelos grupos que realizam as ações impostas pela missão.
    - As tarefas complementares são executadas pelos grupos que realizam as ações deduzidas pelo comandante da patrulha, para o cumprimento da missão.
- (4) Eventualmente, pode haver um escalão de apoio de fogo nas patrulhas de combate, quando o número de armas coletivas ou a descentralização do seu emprego, assim o recomendar.
- g. As organizações apresentadas neste manual, visam a ação da patrulha no objetivo.

## 1-10. PATRULHA DE RECONHECIMENTO

### a. Patrulha de reconhecimento de ponto (Fig 1-5)

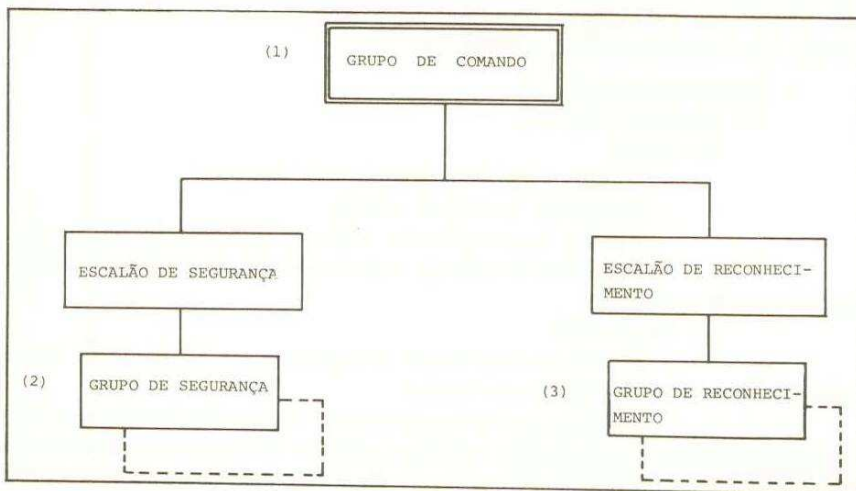


Fig 1-5. Patrulha de reconhecimento de ponto.

(1) Grupo de comando — Normalmente é constituído por elementos necessários à coordenação da patrulha, tais como: comandante, subcomandante, rádio-operador, mensageiro, guias e outros. Quando for possível, essas funções devem ser acumuladas com outras atribuições nos diversos escalões.

(2) Grupo de segurança — O número de grupos dependerá das vias de acesso ao objetivo.

(3) Grupo de reconhecimento — O número de grupos é variável em função da missão e do terreno.

#### b. Patrulha de reconhecimento de área (Fig 1-6)

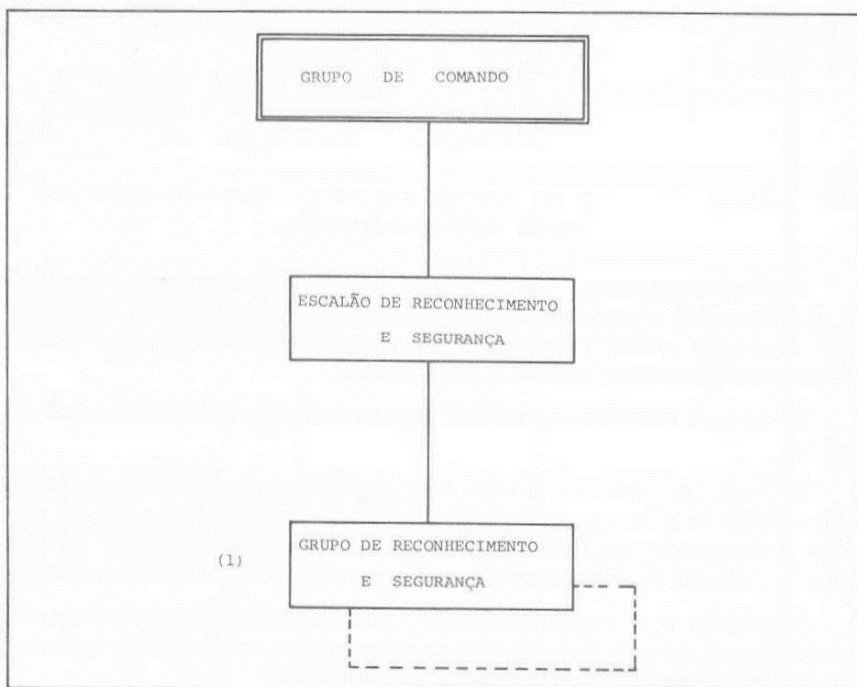


Fig 1-6. Patrulha de reconhecimento de área.

Grupo de reconhecimento e segurança — O número dos grupos de reconhecimento e segurança é variável e depende da missão e do terreno.

#### c. Patrulha de reconhecimento de itinerário

(1) Tem organização semelhante à patrulha de reconhecimento de área.

(2) Grupo de reconhecimento e segurança — O número de grupos de reconhecimento e segurança depende do terreno e da maneira como o comandante da patrulha pretende cumprir a missão (percorrendo o itinerário, ocupando pontos de comando ou associando essas duas idéias).

## 1-11. PATRULHA DE COMBATE (Fig 1-7)

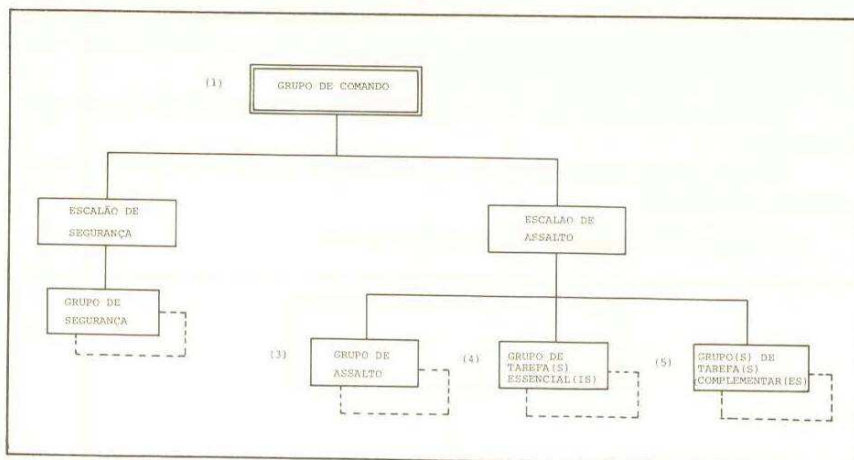


Fig 1-7. Patrulha de combate.

a. Grupo de comando — Normalmente, é constituído por elementos necessários à coordenação da patrulha, tais como: comandante, subcomandante, rádio-operador, mensageiro, guias e outros. Quando for possível, essas funções devem ser acumuladas com outras atribuições nos diversos escalões.

b. Grupo de segurança — O número de grupos dependerá das vias de acesso ao objetivo.

c. Grupo de assalto — O número de grupos de assalto será variável de acordo com a missão, o terreno e o dispositivo do inimigo. Deve existir, pelo menos, um grupo de assalto que, agindo pelo fogo e/ou combate aproximado, isola a área do objetivo e protege o cumprimento da tarefa essencial, garantindo sua execução.

d. Grupo(s) de tarefa(s) essencial(is) — Cada ação imposta na missão definirá uma tarefa essencial a ser realizada. O número de grupos para cada tarefa essencial dependerá da missão, do terreno e dispositivo do inimigo.

e. Grupo de tarefa(s) complementar(es) — Cada ação deduzida pelo comandante da patrulha, no seu "estudo da missão", define uma tarefa complementar. O número de grupos para cada tarefa complementar dependerá do terreno e do dispositivo do inimigo. Entenda-se por ação deduzida, toda aquela que não foi imposta na missão, mas é necessária ao seu cumprimento ou a facilita.

## CAPÍTULO 2

### PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO

#### ARTIGO I

#### NORMAS DE COMANDO

##### 2-1. INTRODUÇÃO

- a. Uma missão de patrulha é composta de quatro etapas distintas.
  - (1) O seu recebimento.
  - (2) Planejamento e preparação.
  - (3) Execução.
  - (4) Confecção do relatório.
- b. Ao receber a missão, o comandante da patrulha deve sanar todas as suas dúvidas, solicitando dados e informações complementares.
- c. O comandante da patrulha pode receber a missão acompanhado de patrulheiros por ele escolhidos ou sozinho. Tal situação ocorre, normalmente, em operações ofensivas, defensivas, de contraguerrilha e eventuais missões especiais. O local para recebimento da missão pode ser desde uma das instalações da OM até um PO no terreno.
- d. Recebida a missão, o comandante da patrulha inicia as atividades de planejamento e preparação, desenvolvidas até a partida. Estas atividades são denominadas Normas de Comando.
- e. As Normas de Comando permitem ao comandante de patrulha metodizar o seu trabalho, evitando-lhe perda de tempo e esquecimentos.
- f. A seqüência lógica das atividades de planejamento e preparação é a seguir descrita.
  - (1) Estudar sumariamente a missão.

- (2) Planejar a utilização adequada do tempo.
- (3) Realizar o estudo de situação.
- (4) Transmitir a Ordem Preparatória.
- (5) Realizar os reconhecimentos, quando possíveis e viáveis.
- (6) Complementar detalhadamente o planejamento.
- (7) Transmitir a Ordem à Patrulha.
- (8) Efetuar a inspeção inicial.
- (9) Ensaiar as ações previstas e testar o material a ser utilizado.
- (10) Executar a inspeção final.

Algumas das atividades acima poderão ser simultânea, ou suprimidas, em função de cada situação particular.

## ARTIGO II ESTUDO SUMÁRIO DA MISSÃO

### 2-2. FINALIDADES

- a. Orientar o comandante da patrulha na direção certa para o cumprimento da missão.
- b. Facilitar a confecção do quadro horário.

### 2-3. PROCEDIMENTOS

a. Recebida a missão, o comandante da patrulha deve responder os quesitos que se seguem.

- (1) **O que fazer?** – Identificar as ações impostas (verbos da missão) e visualizar outras ações (ações deduzidas), necessárias ao cumprimento da missão.
- (2) **Quando?** – Verificar os prazos e horários impostos ou necessários para o cumprimento da missão.
- (3) **Onde?** – Levantar a localização e a situação do objetivo.

b. Ao identificar as ações impostas e deduzidas, inicia-se a composição mental de um quadro da operação. Com o desenvolver do planejamento, o comandante da patrulha visualiza a maneira de como irá cumprir a missão.

## ARTIGO III PLANEJAMENTO DA UTILIZAÇÃO DO TEMPO

### 2-4. FINALIDADE

Otimizar a distribuição do tempo disponível para o cumprimento da missão.

### 2-5. UMA CONDUTA DO COMANDANTE DE PATRULHA PARA PLANEJAR A UTILIZAÇÃO DO TEMPO

a. A preocupação inicial é a confecção de um quadro horário que lhe permita a colocação de suas atividades de planejamento e preparação no tempo disponível, de modo que todas as ações tenham hora específica para sua realização. Atividades de planejamento e preparação, são todas aquelas realizadas antes da partida da patrulha para o cumprimento da missão.

b. Quando o horário de partida não for imposto pelo escalão superior, o comandante da patrulha define-o, estimando o tempo necessário para execução das atividades subseqüentes à partida da patrulha.

c. Para esta estimativa, além das imposições de horários e prazos especificados na missão, deve-se considerar de um modo geral, o tempo necessário para:

- (1) deslocamentos para área do objetivo;
- (2) tomada do dispositivo;
- (3) ação no objetivo;
- (4) regresso;
- (5) confecção e entrega do relatório;
- (6) margem de segurança.

d. Definida a hora da partida, são relacionadas as atividades em ordem regressiva, isto é, da partida ao recebimento da missão.

e. Reparte-se, então, o tempo disponível em ordem cronológica inversa, isto é, da partida ao recebimento da missão, e terá confeccionado o seu Quadro Horário.

f. Não deve haver, por parte do comandante da patrulha, a preocupação em distribuir o tempo durante o cumprimento da missão. As horas e prazos importantes à execução serão transmitidos pelo comandante em sua Ordem à Patrulha.

## 2-6. UM EXEMPLO DE QUADRO HORÁRIO

TEMPO (min)	HORÁRIO (H)	ATIVIDADES
—	—1930	Partida
10	1850—1900	Inspeção final
50	1800—1850	Ensaio noturno
20	1740—1800	Jantar
50	1650—1740	Ensaio diurno
20	1630—1850	Inspeção inicial
60	1530—1630	Transmissão da Ordem à Patrulha
30	1500—1530	Complementação detalhada dos planos
50	1410—1500	Reconhecimento (no terreno)
20	1350—1410	Transmissão da Ordem Preparatória
30	1320—1350	Estudo de situação
10	1310—1320	Planejamento da utilização adequada do tempo

10 —	1300-1310 —1300	Estudo sumário da missão Recebimento da missão
---------	--------------------	---

OBSERVAÇÃO: o tempo previsto para cada atividade é fixado em função da missão e da resolução do comandante da patrulha.

## ARTIGO IV ESTUDO DE SITUAÇÃO

### 2-7. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

- a. O estudo de situação é um processo mental em que o comandante de patrulha considera todos os fatores que podem influir nas ações.
- b. O estudo de situação tem por finalidade conduzir o comandante de patrulha a uma **decisão**.
- c. O comandante de patrulha pode fazer o estudo de situação sozinho ou acompanhado do subcomandante ou de outro patrulheiro experiente.
- d. Durante o seu estudo de situação, o comandante de patrulha faz anotações visando à elaboração da Ordem Preparatória.

### 2-8. CONDUÇÃO DO ESTUDO DE SITUAÇÃO

- a. Na realidade, o estudo de situação inicia-se com o recebimento da missão.
- b. O comandante de patrulha conduz o seu estudo de situação abordando os itens abaixo relacionados.
  - (1) Missão.
  - (2) Situação e linhas de ação.
  - (3) Análise das linhas de ação opostas.
  - (4) Comparação das linhas de ação.
  - (5) Decisão.
- c. **Missão**
  - (1) O comandante da patrulha completa, se for o caso, o seu estudo sumário da missão de modo a responder as indagações a seguir descritas.
    - O quê?
    - Quando?
    - Onde?
    - Para que fazer?
  - (2) Ordenar essas ações na seqüência em que ocorrerem.
  - (3) Para fins de planejamento, o comandante de patrulha deve considerar as ações impostas e deduzidas. Na transmissão de ordens, porém, a missão deve ser repetida exatamente nos termos empregados pelo escalão superior.



**d. Situação e linhas de ação** – Este estudo permitirá ao comandante de patrulha apreciar as informações existentes e levantar a(s) linha(s) de ação para o cumprimento da missão, analisando os aspectos a seguir especificados.

- (1) Condições meteorológicas
  - (a) Crepúsculo (hora que anoitece e/ou amanhece).
  - (b) Horas de luar (fases da lua).
  - (c) Previsão do tempo (condições atmosféricas, vento etc.).
- (2) Terreno
  - (a) O estudo do terreno deve ser feito do ponto de partida até o objetivo, sendo muito minucioso na área do objetivo. Deve ser analisado:
    - observação e campos de tiro;
    - cobertas e abrigos;
    - obstáculos;
    - acidentes capitais;
    - vias de acesso.
  - (b) Anotar suas conclusões sobre a área do objetivo e os itinerários levantados.
- (3) População
  - (a) Com base nas informações recebidas, considerar a atitude e as reações da população civil da área, em face da situação existente e, como isso poderá influenciar no cumprimento de sua missão.
  - (b) Deve considerar como um risco, qualquer contato com a população (mesmo visual), sempre que o sigilo for imperativo. Não esquecer o valor da população como fonte de informes no patrulhamento ostensivo.
- (4) Situação do inimigo – Analisar as informações recebidas, nos aspectos que se seguem.
  - (a) Dispositivo (onde e como está desdobrado o inimigo).
  - (b) Composição (quem é, tipo de armamento e sua organização).
  - (c) Valor (eficiência e efetivo).
  - (d) Atividades importantes.
  - (e) Peculiaridades e deficiências.
- (5) Nossa situação
  - (a) Meios disponíveis em pessoal e material.
  - (b) Grau de adestramento dos homens.
  - (c) Prazos e imposições de horários.
  - (d) Outras restrições ao cumprimento da missão.
- (6) Possibilidades do inimigo
  - (a) Comparar a nossa situação com a do inimigo e levantar as possibilidades deste em relação à patrulha, seja no itinerário ou no objetivo.
  - (b) Concluir sobre a linha de ação mais provável do inimigo tanto no itinerário como no objetivo em relação à patrulha.
- (7) Cada linha de ação deve conter dados que respondam aos quesitos:

	Linhas de ação		Linha de ação 1	Linha de ação 2
	QUESITOS			
I N V A R I Á V E I S	<b>O QUE</b> (Atacar, destruir, capturar, infiltrar, resgatar, observar, reconhecer, etc. . .)			
	<b>QUANDO</b> (Horário e/ou referência pa- ra a ação) _____			
V A R I Á V E I S	O N D E	<b>AONDE</b> (Objetivo)		
		<b>POR ONDE</b> (Itinerário)		
	<b>COMO</b> (Formação e/ou dispositivo)			

(a) Toda a vez que se alterar o **Onde** (itinerário e onde abordar o objetivo) e/ou o **Como** (modo de atuar no objetivo e organização da patrulha) teremos uma nova linha de ação, visto que, normalmente, o **Que** e **Quando** são invariáveis impostas na missão.

(b) Cada linha de ação levantada pelo comandante de patrulha deve conduzir ao cumprimento da missão. Não se monta uma linha de ação apenas para compará-la com outras.

#### e. Análise das linhas de ação opostas

(1) Implica em reagir nossa(s) linha(s) de ação com a linha de ação mais provável do inimigo, obtendo dados comparativos quanto ao poder de combate e das possibilidades do inimigo em dificultar ou impedir o cumprimento da missão.

(2) O comandante da patrulha levanta as vantagens e desvantagens para a(s) linha(s) de ação montada(s).

(3) Finalmente, conclui sobre a necessidade de reajustamentos do dispositivo, da composição dos escalões e grupos; enfim, aperfeiçoa a(s) linha(s) de ação levantada(s).

**f. Comparação das linhas de ação**

(1) O estudo da comparação das nossas linhas de ação permite a escolha da mais favorável para o cumprimento da missão, desde que o comandante da patrulha tenha levantado mais de uma.

(2) A conduta para este estudo é apresentada adiante.

(a) Resumir as vantagens e desvantagens das possíveis linhas de ação levantadas quanto ao terreno, as possibilidades e dispositivos do inimigo, e quanto ao nosso dispositivo.

(b) Destacar as vantagens e desvantagens que mais influem e concluir qual a linha de ação mais favorável para o cumprimento da missão.

(3) Uma maneira prática para se realizar a comparação é a do quadro abaixo.

LINHAS DE AÇÃO FATORES	LINHA DE AÇÃO 1		LINHA DE AÇÃO 2	
	Vantagens	Desvantagens	Vantagens	Desvantagens
TERRENO				
POSSIBILIDADES DO INIMIGO				
DISPOSITIVO DO INIMIGO				
NOSSO DISPOSITIVO				
MELHOR LINHA DE AÇÃO				

(4) Em função da missão, outros fatores importantes podem ser considerados.

(5) Havendo uma equivalência entre as linhas de ação, optar por aquela que melhor atender a um fator preponderante, imposto na missão ou levantado pelo comandante da patrulha.

**g. Decisão**

(1) O comandante da patrulha deve adotar a melhor linha de ação, expressando-a de modo a definir com clareza os itens do quadro abaixo, chegando à decisão.

ITENS		DECISÃO
O QUÊ?		
QUANDO?		
ONDE?	AONDE	
	POR ONDE	
COMO?		
PARA QUE?		

(2) Após a decisão, o comandante da patrulha deve rememorar as atividades a serem realizadas, da partida ao regresso da patrulha, concluindo sobre sua organização detalhada em pessoal e material, obtendo dados importantes para sua ordem preparatória.

(3) Na seleção dos homens, considerando a missão e cada tarefa em particular, o comandante da patrulha deve atentar para a aptidão, especialidade, experiência, estado físico e psicológico e condições de saúde de cada combatente.

(4) Quanto menor o efetivo da patrulha, melhores são as condições de sigilo. A quantidade de homens deve ser estabelecida em função das tarefas a serem empreendidas pelos diferentes grupos e escalões. Cabe ao comandante da patrulha buscar o bom senso. Sempre que possível, manter a integridade tática da fração.

## ARTIGO V

### ORDEM PREPARATÓRIA

#### 2-9. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. A finalidade da Ordem Preparatória é orientar a preparação individual e coletiva para o cumprimento da missão. É, portanto, uma ordem administrativa.

b. Normalmente, os homens tomam conhecimento da missão na Ordem Preparatória. O comandante da patrulha deve empenhar-se em emití-la no mais curto prazo possível, de modo a dar tempo à patrulha para se preparar.

c. Caso se torne impraticável a emissão da Ordem Preparatória a todos os elementos da patrulha, ela deve ser emitida aos comandantes subordinados que a retransmitirão a seus homens.

#### 2-10. ELABORAÇÃO E EMISSÃO DA ORDEM PREPARATÓRIA

a. O trabalho de planejamento do comandante de patrulha é um processo

mental e contínuo. A elaboração da Ordem Preparatória inicia-se com o recebimento da missão e é concluída com dados da decisão, e do estudo de situação.

b. O comandante da patrulha, à medida que efetua seus trabalhos de planejamento, faz também anotações organizadas para montar sua Ordem Preparatória, tendo em vista não haver disponibilidade de tempo específico para sua elaboração.

c. Para facilitar a transmissão verbal da Ordem Preparatória, o comandante da patrulha, normalmente, obedece a seqüência do memento abaixo.

### MEMENTO DA ORDEM PREPARATÓRIA

#### 1. SITUAÇÃO

##### a. Forças inimigas

(Somente o que interessa diretamente à patrulha).

##### b. Forças amigas

(Somente o que interessa à patrulha).

#### 2. MISSÃO

A recebida do escalão superior.

#### 3. ORGANIZAÇÃO

##### a. Grupo de Comando

Cmt . . . . .	SCmt . . . . .
Rd Op. . . . .	Msg. . . . .

##### b. Escalão de segurança (Escalão de reconhecimento e segurança)

Cmt . . . . .		
Gp Seg 1 (Gp Rec Seg 1) . . .	Gp Seg 2 (Gp Rec Seg 2) . . .	
Cmt . . . . .	Cmt . . . . .	
Componentes	Componentes	
. . . . .	. . . . .	

##### c. Escalão de assalto (Escalão de reconhecimento)

Cmt . . . . .		
Gp assalto (Gp Rec)	Gp . . . . .	Gp . . . . .
Cmt . . . . .	Cmt . . . . .	Cmt . . . . .
Componentes	Componentes	Componentes
. . . . .	. . . . .	. . . . .

Cont do **MEMENTO DA ORDEM PREPARATÓRIA****d. Homens com missões especiais** (na preparação e no deslocamento)

- Gerente . . . . .
- Homem-carta . . . . .
- Homem-bússola. . . . .
- Homem-ponto . . . . .
- Homem-passo . . . . .

**e. Cadeia de comando**

É o como e por quem serão transmitidas as ordens.

**f. Numeração dos patrulheiros**

De acordo com a cadeia de comando, ou por grupos, considerando à patrulha como um todo.

**4. QUADRO-HORÁRIO**

Só o que interessa aos patrulheiros.

**5. UNIFORME**

Qual o que será utilizado e se há necessidade de conduzir outros ou trajes civis.

**6. ARMAMENTO E EQUIPAMENTO**

Quais os armamentos a serem conduzidos e por quem?

**7. MATERIAL ESPECIAL**

Quando for o caso, qual o material e quem o levará?

**8. RAÇÃO E ÁGUA**

Qual o tipo de ração e as ordens para consumí-las?

**9. RECONHECIMENTOS**

- Quando será o reconhecimento, sua duração e quem deverá acompanhar o comandante da patrulha.

- Durante o reconhecimento, a patrulha ficará sob o comando de quem?

Cont do **MEMENTO DA ORDEM PREPARATÓRIA****10. DIVERSOS**

**a. Sinais, gestos e ensaios individuais a praticar.**

**b. Instruções particulares.**

Quanto à preparação de cargas, utilização de equipamentos especiais, etc.

**c. Dúvidas?**

Lançar a pergunta e aguardar a reação dos patrulheiros.

**d. Local do comandante.**

Até a hora da transmissão da Ordem à Patrulha.

**e. Acerto de relógios.**

Utilizar-se de um processo e acertar as horas com a patrulha.

**f. Próxima reunião da patrulha.**

Local, horário e qual será a atividade; normalmente será a Ordem à Patrulha.

**ARTIGO VI  
RECONHECIMENTO****2-11. CONSIDERAÇÕES GERAIS**

a. Enquanto a patrulha se prepara, o comandante, acompanhado por elementos escolhidos, faz o reconhecimento, sempre que possível no terreno, procurando o maior número de informações sobre o objetivo e a situação do inimigo, com a finalidade de complementar detalhadamente o seu planejamento.

b. Para as patrulhas de longo alcance, o comandante deve reconhecer no terreno, o itinerário inicial e a saída das linhas amigas.

c. Para as patrulhas de curto alcance, o comandante da patrulha deve ocupar postos de observação que lhes permitam visualizar boa parte do terreno.

d. O comandante da patrulha deve ter sempre em mente a complementação do seu reconhecimento no terreno, através do aproveitamento total dos meios disponíveis, tais como: fotografias, filmes, cartas, mosaicos, esboços e outros meios.

**2-12. PLANEJAMENTO**

a. São dados iniciais para o reconhecimento:

(1) meios e tempo disponível (planejamento da utilização do tempo);

- (2) elementos participantes do reconhecimento (Ordem Preparatória);
- (3) visualização do quadro da operação para o cumprimento da missão.

b. O comandante da patrulha planeja a execução do seu reconhecimento definindo **O quê** e **De onde** reconhecer.

(1) **O quê?**

- Obstáculos.
- Pontos críticos.
- Características do terreno no itinerário e objetivo.
- Localização, efetivo e dispositivo inimigo.
- Outros.

(2) **De onde?**

Locais a serem ocupados ou percorridos durante o reconhecimento.

c. Planejar a segurança para as atividades de reconhecimento.

## 2-13. EXECUÇÃO

a. Seguir o planejamento do reconhecimento, não perdendo tempo, não esquecendo nada e nem se preocupando com o desnecessário.

b. Visualizar a decisão no terreno, verificando suas influências na linha de ação escolhida.

c. Verificar se os elementos que o acompanham identificaram corretamente todos os acidentes e detalhes importantes do terreno.

## ARTIGO VII

### COMPLEMENTAÇÃO DETALHADA DO PLANEJAMENTO

## 2-14. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. Após o reconhecimento, o comandante da patrulha planeja, pormenorizadamente, como cumprir a missão, complementando nos mínimos detalhes o seu planejamento inicial.

b. Nesta fase, o comandante da patrulha visualiza todo o desenrolar da missão, da partida ao regresso, prevendo os mínimos detalhes de execução e administrativos, e de ligações e comunicações.

c. À medida que um quadro das ações vai se desenvolvendo, realiza as anotações que julgar convenientes, visando a completar o memento de sua Ordem à Patrulha.

## 2-15. DESENVOLVIMENTO

a. Levantar as ações dos escalões, grupos e homens; levantar ainda, os horários e as missões a serem cumpridos, nos deslocamentos e no objetivo.



**b. Definir o itinerário principal e alternativo (de ida e de regresso).**

(1) Normalmente o itinerário de regresso é o mesmo da ida, porém, prever um itinerário secundário.

(2) O afastamento entre os itinerários deve ser tal, que dificulte ao inimigo atuar sobre ambos de uma mesma posição, ou em curto espaço de tempo. A visibilidade influirá nessa distância.

(3) Para ambos os itinerários, deve realizar:

- (a) o levantamento dos pontos de reunião;
- (b) a coordenação com o homem-carta;
- (c) o levantamento de azimute e distâncias;
- (d) o levantamento de azimute de fuga.

**c. Decidir pelas formações e a ordem de movimento. Prever ainda as ações:**

- (1) na partida e regresso das linhas amigas;
- (2) nos pontos de reunião;
- (3) nos contatos com o inimigo;
- (4) nas áreas perigosas e pontos críticos;
- (5) no objetivo;
- (6) no retraimento.

**d. Verificar se o armamento, a munição, o uniforme e os equipamentos solicitados e relacionados na Ordem Preparatória foram conseguidos; caso contrário, efetuar as alterações.**

**e. Como proceder com os feridos, prisioneiros de guerra (PG) e mortos** — Orientar-se pelas ordens do escalão superior e, se possível, aplicar as NGA da subunidade ou unidade.

**f. Convencionar sinais**

(a) Listar os sinais necessários para a coordenação e o controle no deslocamento e na ação no objetivo.

(b) Definir os gestos a serem praticados, bem como, da necessidade de material para sinalização.

**g. Comunicações** — Planejar a utilização dos meios de comunicações (rádio, fio e mensageiro), definindo indicativos, frequências e horários; ligações com o escalão superior; processos de autenticação e códigos.

**h. Senha, contra-senha e sinal de reconhecimento**

(a) Estabelecer a senha e contra-senha e o sinal de reconhecimento.

(b) Lembrar que existe a senha do escalão superior e, na possibilidade de contato com tropas amigas, todos deverão conhecê-la. Nestes casos, a senha e contra-senha do escalão superior serão também da patrulha.

**i. Cadeia de comando** — Determinar como será constituída.

**j. Posição dos comandantes** — Prever a posição do comandante da patrulha, subcomandante e comandante dos escalões, nos itinerários, nas áreas perigosas e no

objetivo. Normalmente, o subcomandante auxilia o controle durante os deslocamentos, bem como fica em condições de assumir o comando durante a ação no objetivo.

## ARTIGO VIII ORDEM À PATRULHA

### 2-16. GENERALIDADES

a. A Ordem à Patrulha tem por finalidade dar conhecimento aos membros da patrulha, do desenvolvimento da operação, as missões específicas dos escalões, dos grupos e dos homens, bem como, procedimentos, prescrições e medidas necessários.

#### b. Transmissão da Ordem à Patrulha

- (1) De forma verbal e contínua.
- (2) Para toda a patrulha.
- (3) Utilizar os meios auxiliares, tais como, caixão de areia, quadro-negro ou improvisando-se uma **maquete** no chão com meios de fortuna.
- (4) Transmití-la, com a patrulha em condições de cumprir missão.
- (5) A ordem deve ser clara e inteligível para o nível dos patrulheiros.
- (6) Transmitir planos de embarque ou de articulação nas Prescrições Diversas.

### 2-17. MEMENTO DA ORDEM À PATRULHA

a. Tem por finalidade facilitar ao comandante da patrulha a transmissão de sua Ordem. Obedece a seqüência de transmissão — **Situação, Missão, Execução, Administração, e Ligações e Comunicações**. O desenvolvimento desses parágrafos atende as peculiaridades das diferentes missões que uma patrulha recebe. A Ordem à Patrulha é a última na complementação detalhada do planejamento.

#### b. MEMENTO DA ORDEM À PATRULHA

#### 1. SITUAÇÃO

##### a. Forças inimigas

- (1) Efetivos e identificação.
- (2) Localização.
- (3) Atividades recentes e atuais.
- (4) Procedimentos de segurança rotineiros.

##### b. Forças amigas

- (1) Onde atua o restante da unidade?
- (2) Atuação de outras patrulhas na área, missão e itinerários das mesmas.
- (3) Apoio de fogo.

Cont do **MEMENTO DA ORDEM À PATRULHA**

(4) Outras informações que possam ajudar no cumprimento da missão.

**c. Terreno e condições meteorológicas**

- (1) Características do terreno, onde a patrulha atuará.
- (2) Condições de luminosidade.
  - ICMN
  - FCVN
  - Horas de luar
- (3) Previsão do tempo e temperatura.

**2. MISSÃO**

A recebida do escalão superior.

**3. EXECUÇÃO****a. Conceito da operação**

Contar em forma de estória de como será cumprida a missão, narrando a operação numa seqüência natural das ações, sem ressaltar detalhes de coordenação ou missão específica. Abordar os aspectos:

- (1) itinerário de ida;
- (2) aproximação do objetivo;
- (3) ação no objetivo;
- (4) reorganização;
- (5) retraimento.

**b. Missões aos elementos subordinados**

Enunciar os deveres específicos de cada escalão, grupos e patrulheiros, no objetivo e ao longo do itinerário.

- (1) Escalão de segurança.
- (2) Escalão de assalto ou reconhecimento.
- (3) Escalão de apoio de fogo (se houver).
- (4) Grupo de comando.
- (5) Patrulheiros com missões específicas.

**c. Prescrições diversas**

- (1) Quadro-horário da missão.
- (2) Formação inicial e ordem de movimento.
- (3) Passagem pelos postos avançados amigos.
- (4) Itinerário de ida.
- (5) Itinerário de volta (principal e alternativo).
- (6) Processo de penetração na área do objetivo.
- (7) Prováveis pontos de reunião e ação nesses pontos.

Cont do **MEMENTO DA ORDEM À PATRULHA**

- (a) Ponto de reunião especial.
- (b) Ponto de reunião ao longo do itinerário.
- (c) Ponto de reunião próximo do objetivo.
- (8) Ação nas áreas perigosas e ultrapassagem de pontos críticos.
- (9) Ações no contato com o inimigo.
- (10) Reorganização no caso de dispersão.
- (11) Ações no objetivo.
- (12) Coordenação com outras patrulhas.
- (13) Confecção de relatório ao comandante da patrulha, quem deverá fazê-lo e que relatar.

**4. ADMINISTRAÇÃO****a. Rações e água**

- (1) Confirmação (ou não) da Ordem Preparatória.
- (2) Prescrições quanto ao consumo.
- (3) Ressuprimento.

**b. Armamento e munição**

- (1) Confirmação ou modificação da Ordem Preparatória.
- (2) Remuniciamento.

**c. Uniforme e equipamento**

Confirmação ou modificação da Ordem Preparatória.

**d. Conduta com prisioneiros de guerra (PG), mortos e feridos**

Definir a conduta para antes e depois da ação no objetivo.

**5. LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES****a. Comunicações**

- (1) Rádio — Indicativos de chamada, freqüências e horários.
- (2) Códigos e autenticação a serem utilizados.
- (3) Sinais e gestos convencionados.
- (4) Senha, contra-senha e sinal de reconhecimento.

**b. Comando**

- (1) Cadeia de comando e como serão transmitidas as ordens.
- (2) Onde se deslocará o comandante da patrulha, o subcomandante e os comandantes de escalões.
- (3) Localização atual e futura, do posto de comando do escalão superior.
- (4) Acerto dos relógios.

## ARTIGO IX INSPEÇÕES E ENSAIOS

### 2-18. INSPEÇÃO INICIAL

**a. Finalidade** — As inspeções, inicial e final, visam a permitir ao comandante de patrulha uma avaliação sobre o grau de preparação dos seus homens, o estado do equipamento e do armamento, e o moral da patrulha.

**b. Desenvolvimento**

(1) A inspeção inicial é realizada imediatamente após a transmissão da Ordem à Patrulha. Nesta ocasião, são examinados os aspectos abaixo enumerados.

(a) Uniforme, equipamento e armamento. Se a situação tática o permitir e observadas as normas de segurança, executar disparos com o armamento, avaliando o seu funcionamento.

(b) Teste de equipamentos especiais, tais como, explosores, espoletas, fiação, etc.

(c) Teste do equipamento rádio, inclusive, com abertura e fechamento da rede.

(d) Camuflagem individual e fixação do equipamento ao homem.

(e) Verificação do conhecimento individual sobre a missão, como senha e contra-senha, códigos, a missão particular e indicativos.

(2) A inspeção é de exclusiva responsabilidade do comandante da patrulha. Se o efetivo e o tempo disponível permitirem, o comandante acompanhado de seu subcomandante faz inspeção em cada um de seus homens e determina que o comandante de grupo, após ter sido inspecionado, o acompanhe. Os erros encontrados serão anotados e até o ensaio, deverão ser sanados.

### 2-19. ENSAIO

**a. Finalidade**

(1) O ensaio visa familiarizar os homens ao cumprimento da missão, praticando as tarefas que irão realizar.

(2) As dúvidas ou omissões da Ordem à Patrulha são esclarecidas durante o ensaio, onde são testados os planos e a adequação do armamento, equipamento e material escolhidos.

**b. Execução**

(1) O ensaio é planejado pelo subcomandante, durante a complementação detalhada do planejamento. Inicia-se com uma explanação oral, para que todos os homens entendam o que vai ser ensaiado.

(2) Pode haver um treino individual de alguns patrulheiros, precedendo às ações que serão executadas pela patrulha.

(3) O ensaio não deve ser omitido, mesmo que os patrulheiros sejam experientes e adestrados. Deve-se ensaiar em terreno semelhante ao da região do objeti-

vo. Se a patrulha for atuar à noite, deve ser utilizado um ensaio noturno.

(4) Não havendo tempo disponível para ensaiar todas as ações, dar prioridade as do objetivo, que é a fase mais importante da execução.

## 2-20. INSPEÇÃO FINAL

É a última atividade da patrulha antes da partida. O comandante da patrulha observa se as falhas anteriormente encontradas na inspeção inicial e no ensaio, foram devidamente sanadas. Verifica também a condução de equipamentos especiais para o cumprimento da missão, tais como, explosivos, granadas iluminativas e outros.

## **CAPÍTULO 3**

### **CONDUTA DAS PATRULHAS**

#### **ARTIGO I**

#### **ASPECTOS GERAIS E COMUNS NA CONDUTA DOS DIVERSOS TIPOS DE PATRULHA**

##### **3–1. GENERALIDADES**

O planejamento e a preparação têm por objetivo facilitar o cumprimento da missão. No entanto, as patrulhas de uma maneira geral viverão situações de conduta e o seu adestramento concorrerá para a obtenção do êxito.

##### **3–2. ORGANIZAÇÃO PARA O MOVIMENTO**

a. A missão influi na organização geral e particular da patrulha. Para os deslocamentos, há necessidade de se determinar as formações, bem como a posição dos escalões, grupos e homens.

b. Os principais fatores que influem na organização de uma patrulha para o movimento são apresentadas a seguir.

- (1) Inimigo – Situação e possibilidades de contato.
- (2) Manutenção da integridade tática.
- (3) A ação no objetivo.
- (4) O controle dos homens.
- (5) Velocidade de deslocamento.
- (6) Sigilo das ações.
- (7) Segurança da patrulha.
- (8) Condições do terreno.
- (9) Condições meteorológicas.
- (10) Visibilidade.

c. As formações do pelotão a pé são adaptáveis a uma patrulha de qualquer efetivo. Cada uma delas possui vantagens e desvantagens e a escolha da formação a ser adotada é decorrente de um estudo contínuo do comandante.

d. Entre outras, as formações, normalmente, utilizadas são as abaixo descritas.

(1) **Em coluna**

(a) É empregada quando o terreno não permite uma formação que forneça maior segurança ou quando a visibilidade for reduzida (noite, selva, nevoeiro etc.). Esta formação dificulta o desenvolvimento da patrulha à frente ou à retaguarda e lhe proporciona pouca potência de fogo nessas direções. Por outro lado, é uma formação que permite um melhor controle e maior velocidade de deslocamento. Maior potência de fogo nos flancos e facilidade nas ações laterais são também vantagens da formação em coluna.

(b) A distância entre os homens é determinada pela visibilidade.

(3) **Em linha**

(a) Empregada por pequenas patrulhas ou escalões e grupos de uma patrulha maior, para a transposição de cristas ou locais de passagem obrigatória sujeitos à observação ou fogo inimigo. É mais utilizada na tomada do dispositivo, no assalto, durante a ação no objetivo ou para ação imediata na contra-emboscada. Não deve ser utilizada para deslocamentos longos.

(b) Proporciona, ainda, máximo volume de fogo à frente e boa dispersão. Dificulta o controle e o sigilo nos maiores efetivos.

(3) **Em losango**

(a) É a formação que apresenta maiores vantagens quanto à segurança e rapidez no desenvolvimento. Ao destacar segurança à frente, à retaguarda e nos flancos, retirá-las dos escalões em cujas proximidades atuarão, para facilitar o controle dos homens por parte de seus comandantes imediatos. Trata-se de uma formação que se adapta melhor às patrulhas de grande efetivo.

(b) A segurança deve atuar a uma distância que permita a comunicação por gestos entre o comandante e seus patrulheiros. Um mínimo de 2 (dois) patrulheiros são destacados para cumprir missões de segurança da patrulha.

(4) **Em triângulo**

(a) As formações em triângulo prestam-se à segurança contra emboscadas, permitindo a manobra rápida dos lados não atacados, numa reação imediata. Suas aplicações assemelham-se à formação em losango. Em relação a esta última, apresenta a grande vantagem de maior flexibilidade, perdendo porém, no controle. São empregadas quando a situação, o terreno e a visibilidade exigirem dispersão. Uma outra característica da formação em losango é a grande potência de fogo em todas as direções.

e. Em todas as formações, as distâncias entre os escalões, grupos e homens, não são rígidas. Normalmente, elas são ditadas pelos mesmos fatores que influem na escolha de formação.

f. A integridade tática é uma preocupação fundamental na organização da patrulha para o movimento.



g. O adestramento dos homens permite rápidas mudanças de formação e comandos por gestos ou sinais convencionados.

### 3–3. PARTIDA E REGRESSO DAS LINHAS AMIGAS

#### a. Ligações

(1) Todas as ligações com a tropa amiga, em cuja área a patrulha atuará, são de responsabilidade do comandante da unidade que a lança.

(2) O comandante da patrulha pode, no entanto, ligar-se com várias posições, para coordenar seus movimentos de saída e entrada nestas áreas.

(3) As posições que geralmente exigem estas ligações e coordenações são os postos de comando (PC), posto de observação (PO), postos avançados (PA) e a última posição amiga por onde a patrulha passará.

#### b. Aproximação e contato

(1) A aproximação às posições de tropa amiga deve ser cautelosa, considerando que antes de sua identificação, a patrulha é considerada tropa inimiga.

(2) Antecedendo o contato, a patrulha realiza um alto, enquanto o seu comandante ou um patrulheiro, por ele designado, vai à frente, em segurança, para a troca de senhas.

(3) As seções para troca de senha obedecem o prescrito no C 21–74 – INSTRUÇÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE. A iniciativa e a segurança são fatores importantes a serem considerados para esse evento.

#### c. Informações

(1) O comandante deve transmitir informações sobre o efetivo, eixo de progressão e horário provável de regresso da patrulha ao ponto amigo.

(2) O comandante da patrulha deve obter os últimos informes sobre a atuação do inimigo, o terreno à frente, os obstáculos existentes, bem como verificar se o posto tem conhecimento da senha e contra-senha. Solicitar que esses dados sobre sua patrulha sejam transmitidos aos substitutos da posição.

(3) No regresso, a patrulha presta as informações de valor imediato a cada posição amiga encontrada, alertando inclusive, sobre a existência de elementos amigos extraviados.

#### d. Ultrapassagem

(1) Caracteriza-se pelo desbordamento da posição amiga ou através dela, dependendo das instruções recebidas e da existência de obstáculo ao redor da posição.

(2) Um guia é imprescindível na ultrapassagem da posição, principalmente, quando existirem obstáculos. O comandante da patrulha deve solicitá-lo para facilitar o seu movimento.

### 3–4. DESLOCAMENTOS

a. Durante os deslocamentos, todo patrulheiro deve se preocupar com a execução de três atividades simultâneas: a progressão, a ligação e a observação.

- (1) Na progressão
    - (a) Utilizar sempre que possível as cobertas e abrigos existentes.
    - (b) Manter a disciplina de luzes e ruídos.
  - (2) Na ligação
    - (a) Não perder o contato visual com o seu comandante imediato.
    - (b) Ficar atento para a transmissão de qualquer gesto ou sinal, retransmití-lo e/ou executá-lo, conforme o caso.
  - (3) Na observação
    - (a) O patrulheiro deve manter uma constante observação no seu setor.
    - (b) O comandante da patrulha deve tomar medidas visando estabelecer a observação em todas as direções, inclusive para cima.
- b. As ligações e as observações são também mantidas nos altos, permitindo a rápida transmissão das ordens e a manutenção da segurança.
- c. O armamento deve ser conduzido em condições de pronto emprego, carregado, travado e empunhado adequadamente.
- d. Deve-se aproveitar qualquer ruído para progredir, tais como, chuva, viaturas, aeronaves, fogos de artilharia etc.
- e. A patrulha deve se preocupar em não deixar vestígios que denunciem sua passagem. Em determinadas situações é necessário até mesmo apagar os rastros deixados.

### 3-5. CONTROLE

- a. O controle influi decisivamente na atuação da patrulha. O comandante deve ter a capacidade de manobrar seus homens e conduzir seus fogos.
- b. A cadeia de comando é o principal elemento de controle, no entanto, as ordens podem ser transmitidas pelo comandante a cada patrulheiro.
- c. O comandante deve empregar todos os meios de comunicações disponíveis para exercer o controle da patrulha.
- d. Normalmente, o subcomandante desloca-se à retaguarda da patrulha. Os comandantes subordinados permanecem com seus escalões e grupos, mantendo o controle sobre eles.
- e. Cada patrulheiro deve estar atento a qualquer gesto emitido. Além dos gestos previstos em manuais, outros poderão ser convencionados e ensaiados.
- f. É uma medida de controle da patrulha a contagem de seu efetivo, para isso será mandado numerar.
  - (1) Deslocando-se a patrulha em coluna, o último homem inicia a contagem, tocando o homem à sua frente e dizendo **um**, este toca o seguinte dizendo **dois**, e assim, sucessivamente, até o comandante da patrulha. Ciente de quantos homens estão à sua frente, o comandante somará estes à contagem que lhe chegou,

incluindo-se, caso contrário, desloca-se à testa da patrulha e aguarda a contagem final.

(2) Nas patrulhas de grande efetivo ou em formação diferente de coluna, a contagem será controlada pelos comandantes dos grupos e o resultado transmitido ao comandante da patrulha.

(3) Durante os altos, a formação e o efetivo definirão a melhor maneira de conferir o efetivo, conforme foi descrito anteriormente.

### 3–6. SEGURANÇA

#### a. Durante o planejamento

(1) Prever medidas de segurança para evitar a surpresa inimiga.

(2) Sempre que possível, o comandante da patrulha faz, no seu estudo de situação, um minucioso planejamento na carta, de modo a levantar locais de possíveis emboscadas.

(3) Estabelecer as ligações necessárias para facilitar a coordenação, quando receber apoio aéreo ou de fogo.

(4) Qualquer medida de segurança adotada estará comprometida, se não houver uma rigorosa disciplina de luzes e ruídos e/ou não forem obedecidos alguns princípios básicos da utilização correta do terreno para progredir (silhueta projetada no horizonte etc.).

(5) Os comandantes dos diversos níveis devem acionar constantemente seus homens, procurando alertá-los da responsabilidade pela segurança, mesmo sob condições atmosféricas adversas. Desta forma, a vigilância em todas as direções será constante.

(6) Normalmente, quando houver previsão da utilização de meios aéreos pelo inimigo, as patrulhas terão o apoio aéreo necessário à sua proteção. A segurança antiaérea é feita através da observação constante e da adoção de medidas ativas e passivas, em função da disponibilidade de meios.

#### b. Durante os deslocamentos

(1) As formações adequadas ao terreno, bem como a dispersão empregada em função da situação, proporcionam à patrulha um certo grau de segurança durante o deslocamento.

(2) Cabe ao comandante da patrulha um constante estudo do terreno para que possa determinar em tempo útil o reconhecimento ou desbordamento de locais perigosos.

(3) A segurança à frente é proporcionada pela ponta da patrulha, cuja constituição varia desde um único esclarecedor até um grupo de combate, em função do efetivo da patrulha.

(4) A distância entre a patrulha e a ponta é determinada pelo terreno, pelas condições de visibilidade e pela necessidade de se manter o contato visual e o apoio mútuo.

(5) A ponta reconhece a área por onde a patrulha se deslocará através de

seus esclarecedores.

(6) Os esclarecedores da ponta devem manter o contato visual entre si e com a patrulha.

(7) Prever e executar o rodízio dos esclarecedores, principalmente nas patrulhas de longo alcance, mantendo uma segurança eficiente.

(8) A segurança nos flancos é proporcionada com a distribuição de setores de observação a cada homem da patrulha que não esteja em outras missões específicas de segurança à frente ou à retaguarda e por elementos destacados, quando necessário.

(9) Escalar homens com a missão de observar para cima sempre que o tipo de ambiente favorecer uma atuação inimiga desta direção.

#### **c. Nos altos**

(1) Serão efetuados diversos altos no deslocamento de uma patrulha para:

(a) observar, escutar ou identificar qualquer atividade inimiga;

(b) enviar mensagens, alimentação, descanso, conferência da carta (localização e direção da patrulha) ou reconhecer (alto guardado).

(2) O comando de **congelar** implica em que todos os patrulheiros permaneçam imóveis, observando e ouvindo atentamente.

(3) Ao se comandar **alto**, cada integrante da patrulha toma uma posição (de pé, joelho ou deitado), aproveitando as cobertas e abrigos existentes, nas imediações.

(4) O **alto guardado** é uma parada mais prolongada na qual a patrulha toma um dispositivo mais aberto e elementos podem ser destacados para ocuparem posições dominantes.

#### **d. No objetivo**

(1) A segurança da patrulha durante a ação no objetivo é proporcionada pela correta utilização de grupos de segurança, dispostos de modo a isolar a área do objetivo e com a finalidade de proteger a ação do escalão de reconhecimento ou assalto.

(2) Em alguns casos, nas patrulhas de combate, os grupos de assalto, após executarem o assalto pelo fogo ou físico, fornecem a proteção aproximada ao grupo que cumpre a tarefa essencial e a outros que atuam no objetivo.

### **3-7. ORIENTAÇÃO**

**a. Generalidades** — Normalmente, as missões recebidas devem ser cumpridas com restrições ou imposições de horários. Uma orientação consciente, bem planejada e segura, permite o cumprimento da missão dentro da faixa horária prevista.

#### **b. Procedimentos**

(1) No planejamento

(a) O comandante de patrulha deve fazer um estudo detalhado na

carta, memorizando o itinerário a ser percorrido e os principais acidentes nítidos que possam servir de referências.

(b) Levantar azimutes e distâncias entre os pontos nítidos do terreno, que não ressaltem aos olhos do inimigo por seu valor tático. Estas distâncias, em princípio, não devem ultrapassar 1000 m.

(c) Prever pontos de reunião no itinerário.

(d) Utilizar desvios para o desbordamento de obstáculos, iludir o inimigo ou atingir objetivos localizados em áreas ou pontos de difícil orientação. Exemplificando: um azimute que conduz a um objetivo às margens de um rio ou estrada, normalmente, confunde o patrulheiro quanto ao lado e sentido da chegada; com a utilização do desvio, atinge-se o rio ou a estrada pelo lado escolhido, facilitando e dando mais confiança para a localização do objetivo (Fig 3-1).

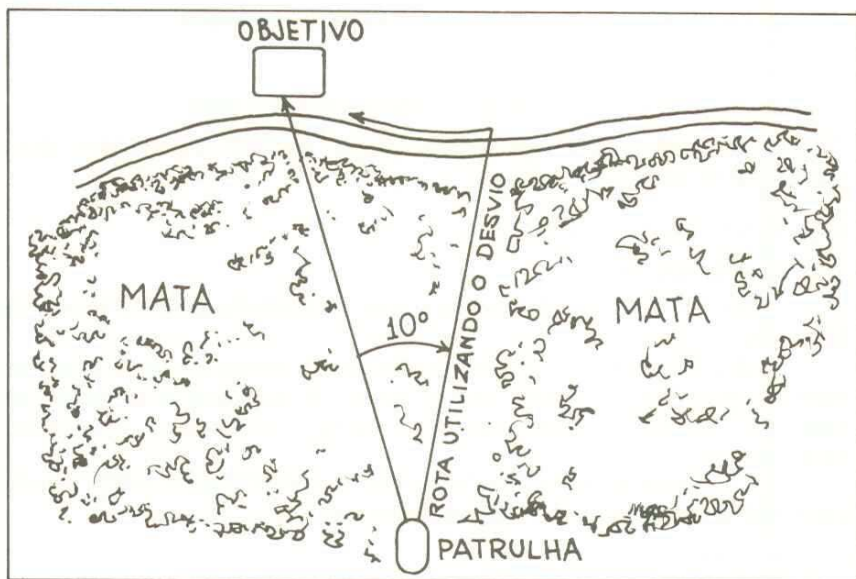


Fig 3-1. Utilização de desvio magnético.

(e) Marcar, quando for o caso, através de acidentes no terreno, as linhas de segurança que não podem ser ultrapassadas.

(f) Compor a equipe de navegação, escolhendo os homens-ponto, ponto, carta e bússola. Normalmente, serão duplicados o homem-ponto e o homem-passo. O comandante deve fiscalizar, constantemente, a orientação de sua patrulha.

(2) Na execução

(a) Seguir o planejamento evitando improvisações, manter um estudo contínuo do terreno e empregar corretamente a equipe de navegação.

(b) O homem-ponto, normalmente, atua com os elementos que fazem

a segurança à frente.

(c) Os homens-passo, em condições normais, não se deslocam à testa da patrulha.

(d) Todos os componentes devem memorizar o itinerário, os azimutes e as distâncias.

### 3-8. EMPREGO DAS COMUNICAÇÕES

a. Obedecer as prescrições rádio, devendo o tempo de transmissão ser o mínimo necessário, dificultando a interceptação e a interferência do inimigo.

b. Elaborar um código de mensagens preestabelecidas diminuindo o tempo de transmissão, pois a simples compressão da tecla do microfone, pode revelar a localização da patrulha ao inimigo.

c. Pré-sintonizar as frequências antes da partida da patrulha.

d. Empregar amplamente os messageiros.

e. Fazer uso do sistema fio para a obtenção de maior sigilo.

f. Utilizar os meios de comunicações visuais e auditivos, quando forem do conhecimento de todos os patrulheiros.

### 3-9. PONTO DE REUNIÃO

#### a. Generalidades

(1) Ponto de reunião é um local onde uma patrulha pode reunir-se e reorganizar-se.

(2) Os possíveis pontos de reunião são levantados durante o reconhecimento ou estudo na carta, sendo confirmados no deslocamento ao se verificar sua adequação; uma vez definidos, devem ser do conhecimento de todos os componentes da patrulha.

(3) Um ponto de reunião deve ser de fácil identificação e acesso; permitir uma defesa temporária e proporcionar cobertas e abrigos.

#### b. Tipos

(1) O ponto de reunião inicial, localizado no interior das linhas amigas, permite a patrulha reorganizar-se antes de sair da área amiga. Sua utilização deve ser coordenada com o comandante da área.

(2) Os pontos de reunião são situados entre o ponto de partida e o objetivo.

(3) O ponto de reunião próximo do objetivo (PRPO) é utilizado para completar o reconhecimento e liberar os grupos para o cumprimento da missão. Nesse ponto a patrulha pode reorganizar-se, após sua ação no objetivo. Existirá mais de um ponto de reunião próximo ao objetivo, caso a patrulha regresse por itinerário diferente.

#### c. Procedimento

(1) Havendo ação do inimigo e a conseqüente dispersão da patrulha entre

dois pontos de reunião sucessivos, os patrulheiros regressarão ao último ponto de reunião ou avançarão até o próximo ponto de reunião provável, conforme o estabelecido na Ordem à Patrulha.

(2) Na reorganização serão tomadas as providências necessárias ao prosseguimento da missão. Deve ser definido o tempo máximo de espera, ao término do qual o mais antigo assume o comando e parte para o cumprimento da missão.

### 3—10. AÇÕES EM ÁREAS PERIGOSAS E PONTOS CRÍTICOS

#### a. Conceituação

(1) Áreas perigosas e pontos críticos são levantados no itinerário, quando oferecem restrições ao movimento.

(2) Normalmente, nestes locais, a patrulha fica vulnerável aos fogos e/ou à observação inimiga.

#### b. Procedimentos gerais

(1) Levantar, durante o planejamento, as prováveis áreas perigosas e pontos críticos, prevendo e transmitindo à patrulha a conduta ao atingí-los.

(2) Optar pelo desbordamento dessas áreas, quando isso for possível.

(3) Prever ou solicitar apoio de fogo para cobrir o movimento da patrulha.

(4) Realizar reconhecimentos e estabelecer a segurança.

#### c. Procedimentos particulares

(1) Estradas — Transpor em curvas ou em trechos em que a mesma seja, mais estreita e possua cobertas de ambos os lados. Estabelecer segurança, proceder a um reconhecimento e definir um ponto de reunião. A travessia deve ser rápida e silenciosa com toda a patrulha, por grupos ou individualmente, de acordo com a situação.

(2) Clareiras — Desbordar, quando não for possível agir da mesma forma que na travessia de estradas.

(3) Pontes — Evitar a ultrapassagem. Quando o material disponível não permitir a travessia do curso-d'água, a patrulha só deve utilizar a ponte, após todos os pontos que permitam observação e fogo sobre ela, terem sido reconhecidos ou estiverem sob vigilância.

(4) Cursos-d'água

(a) Na travessia de cursos-d'água, reconhecer a margem de partida, após o que a patrulha entrará em posição, pronta para cobrir a margem oposta. Enviar um grupo para reconhecer e estabelecer segurança na outra margem.

(b) Existindo vau, atravessar rapidamente, caso contrário fazê-lo individualmente ou em pequenos grupos. Na travessia a nado, o armamento e a munição devem ser conduzidos em balsas improvisadas. Se o tempo estiver frio, é recomendável que os homens atrevessem despidos, conduzindo os uniformes e equipamentos juntamente com as armas.

(c) Se forem utilizados botes de borracha na travessia, não é aconselhável escondê-los na margem oposta, dificultando uma possível atuação do inimigo. O

comandante pode determinar o retorno de patrulheiro(s) à outra margem com o bote. No regresso, deve evitar a travessia no mesmo ponto; um sinal convencional alertará ao(s) homem(ns) que ficou(aram) com o bote, para que ele possa resgatar a patrulha.

(5) Casebres ou povoados — Sempre que a patrulha tiver que passar pela proximidade de casebres ou povoados, deve redobrar as prescrições relativas ao sigilo. É importante que a distância do itinerário de desbordamento selecionado seja suficiente para que o deslocamento da patrulha não seja percebido pelos cães, que normalmente existem nas casas.

(6) Desfiladeiros e locais propícios para emboscada — Reconhecê-los antes da travessia. Se toda a região for propícia à emboscada inimiga, os elementos da segurança de vanguarda e de flanco deslocar-se-ão a uma distância maior e serão destacados elementos para manter a ligação dos mesmos com a patrulha. A segurança deve procurar se deslocar no limite do campo de observação.

(5) Obstáculos artificiais — Evitar a utilização de passagens e brechas já existentes que podem estar armadilhadas, pois os obstáculos, normalmente, são agravados ou batidos por fogos.

### 3-11. AÇÕES AO TOMAR CONTATO COM O INIMIGO

#### a. Generalidades

(1) Levantar, continuamente, as possibilidades de atuação do inimigo e a conduta a ser adotada pela patrulha. Manter um estudo de situação contínuo.

(2) Exercer o controle dos homens. Tal ação é dificultada pela necessidade de manutenção da disciplina de ruídos. Por outro lado, a patrulha deve agir rápida e eficazmente, implicando no adestramento das técnicas de ação imediata.

#### b. Algumas técnicas de ação imediata

(1) Nos contatos fortuitos — Duas ações podem ocorrer, conforme descrição abaixo.

(a) A patrulha avista o inimigo primeiramente, podendo emboscá-lo, quando a missão, o terreno e o efetivo o permitirem, ou evitar o contato, caso contrário.

— Para emboscar, aplicar os gestos e comandos ensaiados para a tomada do dispositivo, com rapidez e preservando o sigilo.

— Os sinais de abertura e cessar fogos e para o assalto são previamente conveniados, assim como a definição dos grupos para as missões de bloqueio e de outras tarefas, tais como, matar, capturar, etc.

— São variações desta conduta o lançamento de emboscadas, partindo de uma posição inicial de imobilidade (**congelar**), tendo sido descoberto o inimigo muito próximo, e o retraimento imediato após o desencadeamento dos fogos.

— Pode-se evitar o contato através da dissimulação ou da mudança de itinerário, executado por um desbordamento ou pela aplicação do processo do relógio.



— No processo do relógio determina-se a voz ou por gestos, uma direção em horas (considerar a linha 6-12 horas como a direção de deslocamento) e uma distância. As posições relativas entre os patrulheiros devem ser mantidas para facilitar a reorganização (Fig 3-2).

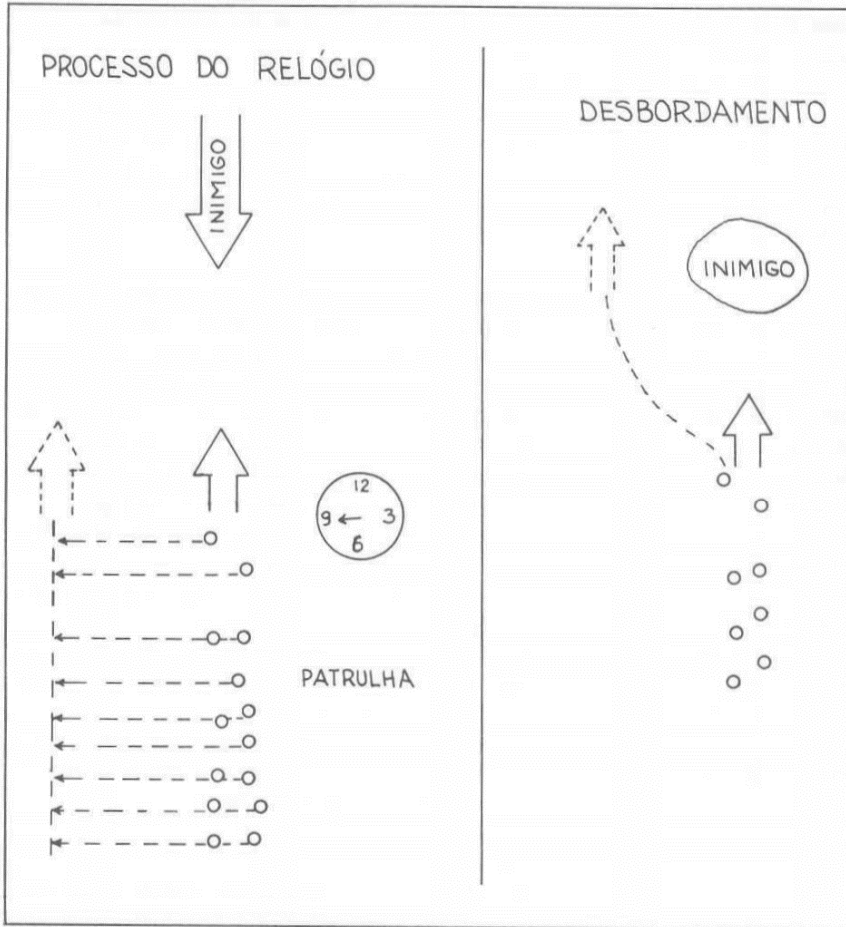


Fig 3-2. Processos para evitar o contato.

(b) Caso o inimigo e a patrulha avistem-se, simultaneamente, esta pode assaltar ou romper o contato, de acordo com a missão e o poder de combate.

— A decisão em romper o contato ou assaltar é precedida de uma ação imediata: o elemento que identificar o inimigo deve dar o alerta ou engajá-lo pelo fogo, enquanto os grupos ocupam posições frontais ao inimigo, aumentando a

potência de fogo à frente. É importante a manutenção do contato com o comandante da patrulha, ao qual caberá a decisão.

— Para o rompimento do contato emprega-se o fogo e movimento, quando o inimigo está muito próximo, seus fogos são eficazes e há possibilidades de perseguição. Caso contrário, aplicar o processo do relógio de forma idêntica a descrita anteriormente, ressaltando-se a importância da utilização de abrigos e da rapidez nas ações, em detrimento do sigilo.

(2) Fogos na direção de marcha

(a) Normalmente, o inimigo lança elementos em pontos selecionados no terreno com a finalidade de retardar pelo fogo, o movimento da patrulha.

(b) Um grupo de pronta-resposta, posicionado próximo da vanguarda e imediatamente após a equipe de orientação, também tem a missão de destruir ou capturar o inimigo.

(3) Emboscada

(a) A reação de uma patrulha emboscada deve ser imediata, procurando superar as vantagens da surpresa e da superioridade de fogos do inimigo.

(b) Normalmente, uma emboscada é mantida barrando a saída da patrulha da área de destruição. O assalto frontal realizado de forma agressiva e rápida pelos patrulheiros, emboscados na área de destruição, enquanto àqueles que não caíram nela, flanqueiam a posição de emboscada, é uma técnica que apresenta bons resultados. A forma de como esse assalto vai realizar-se será em função da distância da posição inimiga, do seu poder de fogo e da existência de cobertas e abrigos.

(c) As técnicas de contra-emboscada devem ser adaptadas às características da área de operação e à maneira de atuar do inimigo.

(d) Mais importante que o adestramento para reagir à emboscada é a correta utilização das medidas de segurança para evitá-la.

(e) Evitar de ser emboscado é uma preocupação constante da patrulha. Tomando-se algumas medidas, reduz-se a possibilidade de êxito do inimigo.

(f) Seguem-se exemplos de medidas passivas.

— Realizar o planejamento detalhado, o reconhecimento, levantando os possíveis locais de emboscadas.

— Estudar o terreno durante o deslocamento.

— Adequar as formações ao terreno.

— Vigiar todas as direções.

— Exercer a ação de comando a nível grupo, escalão e patrulha.

(g) Como medidas ativas, diz-se do conhecimento, treinamento e aplicação das técnicas de ação imediatas.

### 3-12. ÁREA DE REUNIÃO

#### a. Definição

(1) É a área destinada ao pernoite, no final de uma jornada, ou à dissimulação da patrulha durante o dia quando, taticamente, isto for necessário.

(2) Em área inimiga, denomina-se área de reunião clandestina.

**b. Instalação**

(1) A instalação de uma área de reunião é semelhante a de uma base de patrulha, com mais restrições às medidas administrativas.

(2) Prevaecem as medidas de segurança, adequadas em função do efetivo da patrulha e do ambiente operacional.

**c. Abandono da área**

(1) A limpeza da área e sua conseqüente esterilização, evitando-se ao máximo deixar vestígios, são medidas importantes de segurança para o prosseguimento da missão.

(2) Normalmente, deve-se evitar a utilização de uma mesma área de reunião, após tê-la abandonado.

(3) Verificar, por setor, a correta execução das ordens para a evacuação da área.

**3-13. INFILTRAÇÃO**

a. É uma técnica que consiste num movimento através, em torno ou sobre as posições inimigas, realizada de modo furtivo, com a finalidade de concentrar a patrulha na retaguarda inimiga para realizar uma determinada ação.

b. Pode ser realizada a pé ou através da utilização de meios de transporte especiais.

c. Normalmente, os grupos infiltram-se pelo meio escolhido, reunindo-se num ponto predeterminado de onde a patrulha partirá para o cumprimento da missão.

d. O regresso para as linhas amigas pode ser realizado utilizando-se o meio disponível mais adequado para a situação.

**3-14. RELATÓRIO**

a. Ao regressar do cumprimento da missão, o comandante de patrulha deve, de imediato, fazer um relatório verbal completo a quem lhe emitiu a ordem, transmitindo em tempo útil todos os informes obtidos.

b. Deve-se considerar que tanto as patrulhas de reconhecimento como as de combate, são fontes de informes. As patrulhas de combate, normalmente, podem fornecer valiosos dados sobre o terreno e as atividades do inimigo.

c. Após o relatório verbal, confeccionar um relatório por escrito, com a finalidade de registrar tudo o que foi levantado. Sempre que for o caso, complementá-lo com um esboço ou calco. Segue-se abaixo um modelo de relatório.

**MEMENTO PARA RELATÓRIO DO COMANDANTE DE PATRULHA**

UNIDADE, SUBUNIDADE, DESTACAMENTO ou equivalentes.

RELATÓRIO DA PATRULHA \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Local, data, hora

Do: \_\_\_\_\_  
(Posto, nome)Ao: \_\_\_\_\_  
(Quem lançou a Patr)

Anexo(s): \_\_\_\_\_

1. **Efetivo e composição da patrulha**
2. **Missão**
3. **Hora de partida e regresso**
4. **Itinerário de ida**
  - a. Características
  - b. Atuação do inimigo
  - c. Observações
5. **Itinerário de regresso**
  - a. Características
  - b. Atuação do inimigo
  - c. Observações
6. **Terreno** — Características da área de atuação: matas, pontes, trilhas e habitações.
7. **Inimigo**
  - a. Efetivo
  - b. Dispositivo
  - c. Medidas de segurança adotadas
  - d. Localização
  - e. Rotinas
8. **População da área** — Conduta em relação à patrulha, ligações com o inimigo; características.
9. **Correções necessárias na carta**
10. **Ação no objetivo**
11. **Informações diversas**
12. **Resultado do encontro com o inimigo**
  - a. Prisioneiros

Cont do **MEMENTO PARA O RELATÓRIO DO COMANDANTE DE PATRULHA**

- b. Baixas
- c. Documentos capturados
- 13. **Condições atuais da patrulha**
  - a. Moral
  - b. Armamento
  - c. Munição
  - d. Equipamento
- 14. **Conclusões e sugestões**

---

Assinatura do comandante da patrulha

**ARTIGO II****CONDUTA E PECULIARIDADES DE UMA PATRULHA DE RECONHECIMENTO****3-15. GENERALIDADES**

- a. As informações sobre o inimigo e do terreno por ele controlado são de vital importância para o comando.
- b. A patrulha de reconhecimento é um dos meios de que dispõe o comando para a coleta de informes, precisos e oportunos, favorecendo-lhe à tomada de uma decisão.

**3-16. MISSÕES**

- a. Em última análise, a missão de uma patrulha de reconhecimento, consiste na obtenção das respostas a uma série de perguntas relativas ao inimigo e/ou ao terreno.

**(1) Sobre o inimigo (um exemplo)**

- O inimigo ocupa, realmente, parte do terreno?
- Qual é o seu valor? (efetivo).
- Qual é o seu equipamento e armamento?
- Qual é a sua atividade atual?
- Outras informações necessárias ao comando.

**(2) Sobre o terreno (um exemplo)**

- Quais são as características do(s) curso(s)-d'água? (profundidade, correnteza, largura e características das margens).
- Qual é a influência da vegetação nos movimentos de tropa a pé?
- Quais são os melhores itinerários ou vias de acesso para a aproximação?

- Quais são as possibilidades de emprego de elementos blindados e mecanizados?
- Outras informações necessárias ao comando.

### 3-17. TIPOS DE RECONHECIMENTO

- a. Existem três tipos de reconhecimento, que são os indicados a seguir.
  - (1) Reconhecimento de ponto — A patrulha obtém informes sobre determinado local, reconhecendo-o ou mantendo vigilância sobre ele.
  - (2) Reconhecimento de área — O comando pode necessitar de informes sobre uma grande área ou sobre pontos nela existentes. A patrulha pode obtê-los, reconhecendo a área, mantendo vigilância sobre ela ou fazendo o reconhecimento de uma série de pontos (Fig 3-3).
  - (3) Reconhecimento de itinerários — Uma patrulha obtém informes sobre um determinado itinerário, reconhecendo-o ou mantendo vigilância sobre ele.

### 3-18. EQUIPAMENTO, MATERIAL E ARMAMENTO

- a. Uma patrulha de reconhecimento, normalmente, conduz o armamento necessário à própria segurança.
- b. O equipamento individual e o material a serem conduzidos dependem da duração da missão. Sempre que possível, aliviar o patrulheiro para facilitar-lhe os movimentos.
- c. Podem ser conduzidos pela patrulha: aparelho para visão noturna (luz residual), material de comunicações, máquina fotográfica, cartas, esboços, fotografias aéreas, lápis e papel, lápis dermatográfico, fita fosforescente ou luminosa, fita isolante, poncho, bússolas, binóculos, relógios e alicate.

### 3-19. CONDUTAS NORMAIS DE UMA PATRULHA DE RECONHECIMENTO

- a. Cumprir sua missão sem ser percebida pelo inimigo, pois um informe pode ficar comprometido, caso tal fato seja do conhecimento do inimigo (Fig 3-4).
- b. Combater pela sobrevivência, ou se isto vier a favorecer o cumprimento da missão.
- c. Empregar, quando for adequado, reconhecimento pelo fogo. Esta técnica consiste em fazer com que alguns homens da patrulha atirem na direção do inimigo para atrair o seu fogo obrigando-o a revelar suas posições.
- d. Realizar um alto no ponto de reunião próximo ao objetivo, com a finalidade de ratificar ou retificar o seu planejamento, através de um reconhecimento pessoal. Confirmar com os comandantes subordinados o local exato de cada grupo e sua missão específica.
- e. Empregar a patrulha conforme a sua missão.

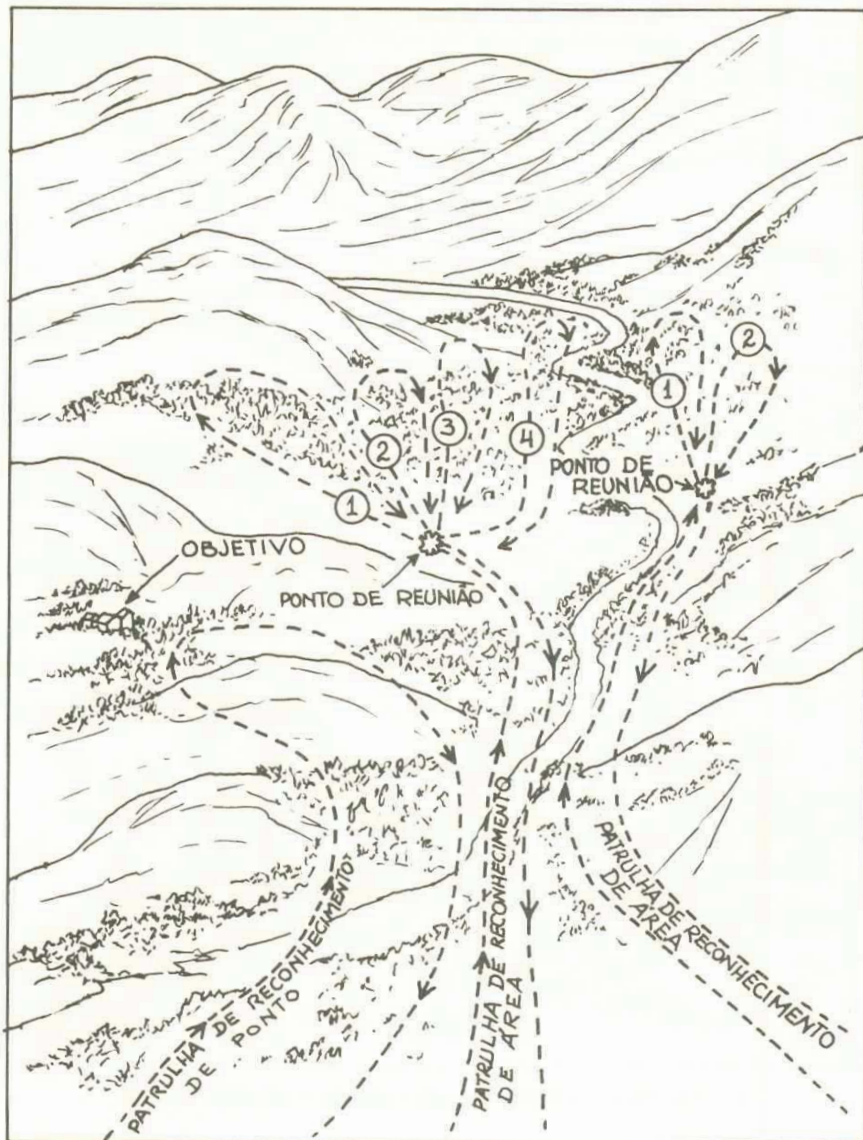


Fig 3-3. Patrulhas de reconhecimento de ponto e de área.

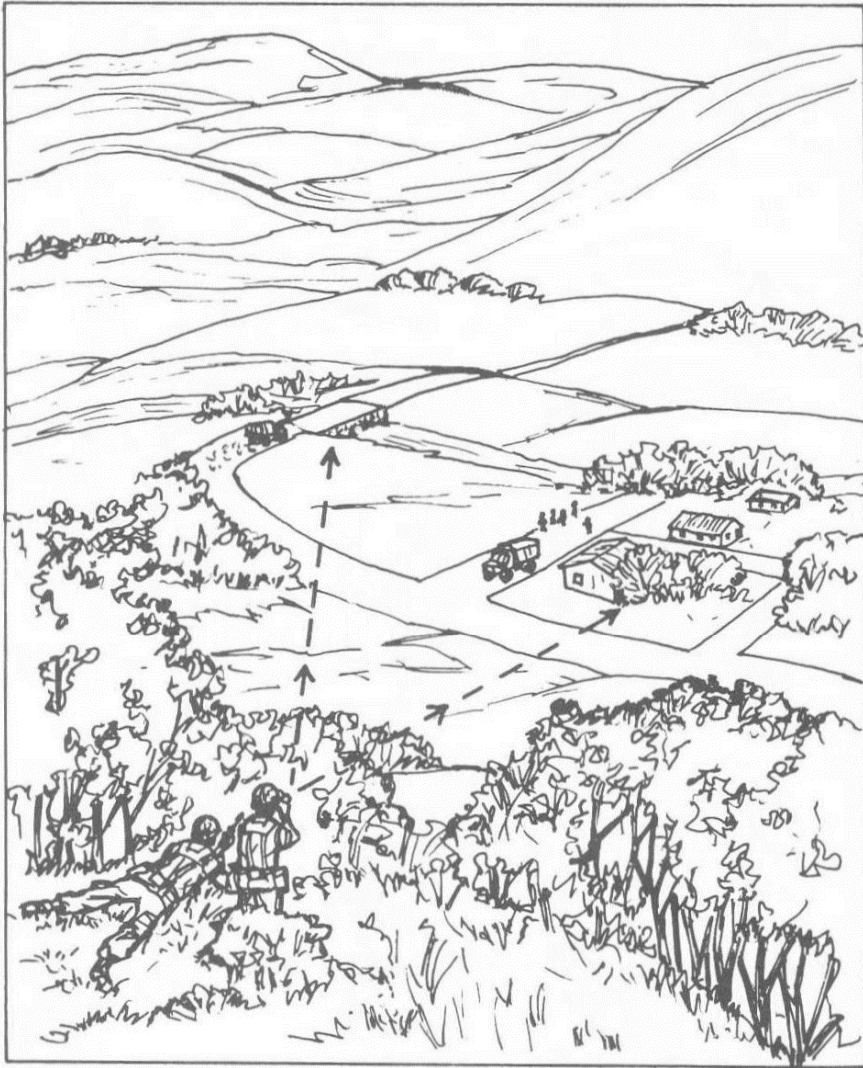


Fig 3-4. Patrulha mantendo sob vigilância a atividade inimiga.



**ARTIGO III****CONDUTA E PECULIARIDADES DE UMA PATRULHA DE COMBATE****3–20. GENERALIDADES**

a. A patrulha de combate executa missões específicas e são organizadas, armadas e equipadas de acordo com suas necessidades.

b. Para cumprir sua missão, necessita possuir um bom poder de combate, o que pode ser conseguido pela organização, efetivo, e/ou armamento empregados.

c. A patrulha de combate, qualquer que seja sua missão, deverá conduzir o material de comunicações necessário à ligação com o escalão superior.

**3–21. MISSÕES**

a. Segundo a missão, relacionam-se, entre outras, as patrulhas de combate abaixo especificadas.

- (1) Patrulha de incursão.
- (2) Patrulha de oportunidade.
- (3) Patrulha de destruição.
- (4) Patrulha de eliminação.
- (5) Patrulha de segurança.
- (6) Patrulha de resgate.
- (7) Patrulha de captura.
- (8) Patrulha de contato.
- (9) Patrulha de ocupação.
- (10) Patrulha de reconhecimento em força.
- (11) Patrulha de emboscada.
- (12) Patrulha de inquietação.
- (13) Patrulha de suprimento.

b. Estas patrulhas apresentam peculiaridades, principalmente, quanto à organização e forma de atuação.

**3–22. PATRULHA DE INCURSÃO****a. Generalidades**

(1) Incursão é a operação que envolve uma penetração de surpresa em área sob controle inimigo, com uma finalidade específica; termina com uma retirada planejada.

(2) A patrulha de incursão, normalmente, cumpre uma ou mais das seguintes missões:

- (a) capturar pessoal e/ou material inimigo;
- (b) eliminar pessoal inimigo específico;
- (c) destruir material e/ou instalações inimigas;

(d) resgatar prisioneiros e/ou reféns;

(e) confundir ou inquietar o inimigo.

(3) Os fatores que favorecem o êxito de uma incursão são a surpresa, a potência de fogo e a violência na ação.

(a) A surpresa é obtida, agindo-se quando e onde o inimigo menos esperar.

(b) A potência de fogo pode ser caracterizada pela concentração de fogos nos pontos críticos, buscando a superioridade local.

(c) A violência na ação é conseguida pela agressividade, combinada com a surpresa e a potência de fogo.

(4) Além disso, é essencial para o êxito de uma incursão, que seu planejamento esteja fundamentado em informações detalhadas sobre o inimigo e o terreno.

#### **b. Organização**

(1) A patrulha de incursão deve contar com um grupo de comando, um escalão de assalto e um escalão de segurança.

(2) O grupo de comando é organizado de acordo com a necessidade do comandante para a coordenação dos escalões; o escalão de segurança é estruturado em função das vias de acesso ao objetivo e o escalão de assalto é definido em função da missão, do terreno, do valor e do dispositivo do inimigo.

(3) Normalmente, são organizados os grupos abaixo para cumprirem as tarefas essenciais ou complementares.

(a) Grupo de eliminação — Constituído para causar baixas específicas ou completar o trabalho iniciado pelo grupo de assalto no sentido de garantir a eliminação do inimigo na área do objetivo.

(b) Grupo de destruição — Sua missão é destruir material e/ou instalações em mãos do inimigo. Necessita, normalmente, material específico para o cumprimento da missão.

(c) Grupo de captura — Organizado quando a missão inclui a captura de pessoal e/ou material inimigos.

(d) Grupo de resgate — Visa a rápida libertação e proteção de pessoal amigo aprisionado, quando isso for previsto na missão.

(e) Grupo de silenciamento de sentinela — Destina-se a eliminar as sentinelas do inimigo que possam dar o alarme da aproximação da patrulha. Este grupo deve ser composto de pessoal especialmente treinado e com material específico para cumprir a missão, sem denunciar sua presença. A patrulha deve estar desdobrada, para iniciar-se a ação deste grupo, de modo a ter condições de, rapidamente, tomar o dispositivo e ainda cumprir sua missão, no caso de quebra de sigilo.

(f) Normalmente, um grupo de apoio de fogo será organizado para proporcionar a superioridade local de fogos.

(g) Outros grupos podem, ainda, ser constituídos em função da missão e da situação. Não se deve, porém, aumentar o efetivo da patrulha, se houver possibilidade de se acumular a responsabilidade pela execução de algumas tarefas,

sem colocar em risco o cumprimento da missão.

(4) Um terceiro escalão, o de apoio de fogos, pode ser organizado quando o número de armas coletivas ou a descentralização de seu emprego, assim o recomendar.

#### **c. Deslocamentos para o objetivo**

(1) Executar o deslocamento, sempre que possível, buscando o sigilo. Prosseguir combatendo quando o contato com o inimigo for inevitável.

(2) Realizar uma infiltração caso o objetivo se localize profundamente em área inimiga. A infiltração sendo feita por diversos itinerários, sugere uma retomada num ponto de reunião predeterminado (não convém que coincida com o PRPO). Neste caso, os primeiros grupos a atingirem este ponto, proporcionam a segurança até a chegada dos demais. Num prazo limite, a patrulha deve prosseguir no cumprimento da missão, mesmo com faltas.

(3) Prever pontos de reunião alternativos, obtendo maior flexibilidade para situações de conduta.

#### **d. Ações no objetivo**

(1) Estabelecer a segurança ao atingir o PRPO, realizando um reconhecimento em seguida. Em algumas situações, o dispositivo de segurança do inimigo na área do objetivo pode prejudicar ou até impedir este reconhecimento. Neste caso, o comandante da patrulha deve empregar o bom senso de modo a não comprometer a missão.

(2) Ratificar ou retificar o planejamento, após o reconhecimento, informando seus comandados.

(3) Executar a tomada do dispositivo. Se possível as posições dos escalões de assalto e de segurança devem ser ocupadas ao mesmo tempo, para aumentar a possibilidade de êxito da patrulha na ação decisiva.

##### **(4) Estabelecer a segurança**

(a) Durante a tomada do dispositivo, o escalão de segurança deve manter o comandante da patrulha informado sobre as atividades do inimigo, e somente atirar se for descoberto ou mediante ordem.

(b) Impedir a entrada de reforços inimigos na área, após o início da ação.

(c) Proteger o retraimento do escalão de assalto, retraindo mediante ordem ou por sinal convencionado.

(5) Controlar o desdobramento do escalão de assalto. Cada grupo, com rapidez, deve ocupar sua posição com o máximo cuidado, buscando o sigilo.

(a) O grupo de apoio de fogo desencadeia seus tiros mediante ordem, ou ao receber fogo inimigo. Procura neutralizar o objetivo, após o que, suspende ou transporta o tiro de acordo com o planejado.

(b) Após a atuação inicial do grupo de apoio de fogo, o(s) grupo(s) de assalto conquista(m) e mantém o objetivo, protegendo a atuação dos demais grupos do seu escalão.

(c) Não existindo apoio de fogo, o(s) grupo(s) de assalto poderá(ão) realizar o assalto pelo fogo.

**e. Retraimento**

(1) Procurar iludir o inimigo quanto ao itinerário de regresso da patrulha.

(2) Definir o retraimento mediante ordem, sinal convencionado ou em determinado momento combinado, através de itinerários previstos até o PRPO, reorganizando-se sob a proteção do escalão de segurança, antes de prosseguir.

(3) Amarrar a seqüência do retraimento e executá-lo conforme o planejado e ensaiado.

(4) Atuar pelo fogo e através do escalão de segurança para romper o contato com o inimigo, em caso de perseguição. Os grupos perseguidos de perto não devem dirigir-se ao PRPO, mas sim, por sua própria iniciativa, tentar conduzir o inimigo para longe do restante da patrulha e, depois, iludi-lo por meio de progressão em terreno difícil. Se a situação o permitir, procurar restabelecer o contato com a patrulha em outros pontos de reunião ou retrair isoladamente.

### 3-23. PATRULHA DE OPORTUNIDADE

**a. Generalidades**

(1) É uma patrulha lançada em determinada área, com a finalidade de destruir alvos compensadores que venham a surgir.

(2) Entende-se por alvo compensador, todo aquele cuja importância tática sobreponha as baixas que a patrulha fatalmente terá ao destruí-lo.

(3) Como não há alvo definido, cabe ao seu comandante decidir, com base na missão e situação, se o alvo surgido em sua área de atuação é ou não compensador.

(4) Há necessidade de informes precisos ou de informações a respeito de alvos ou instalações existentes, das possibilidades do inimigo e de suas atividades atuais na área.

**b. Organização**

(1) O local exato do objetivo, bem como o inimigo, normalmente, serão conhecidos na oportunidade do encontro.

(2) Deste modo, uma patrulha de oportunidade deve ter uma organização flexível, que lhe permita adaptar-se à situação apresentada.

(3) Ao organizá-la, o comandante deve ter em mente que a improvisação poderá levá-lo ao fracasso. Conduzir o estudo de situação de modo a:

(a) concluir sobre os tipos de alvos que poderão surgir em sua área, após a análise das informações recebidas sobre o inimigo;

(b) considerar cada alvo compensador que possa surgir, como um possível objetivo da patrulha;

(c) decidir o quê e como fazer, visto que o local e a hora serão conhecidos na oportunidade do encontro, para cada possível objetivo; desta forma terá a organização necessária para cada caso.

**c. Ordens e ensaios**

(1) Verificar se cada homem e cada grupo conhece os detalhes de sua função para as condutas levantadas.

(2) Cada situação é exaustivamente ensaiada, de modo a evitar quaisquer dúvidas sobre o quê, quando e como fazer.

(3) O comando por gestos e sinais convencionados é de grande importância neste tipo de missão. Todos os patrulheiros devem conhecer e ensaiar os gestos e sinais convencionados.

(4) O êxito neste tipo de missão depende em grande parte do planejamento e da preparação. Todas as possibilidades devem ser levantadas, evitando-se surpresas e em conseqüência, a improvisação.

**d. Ação no objetivo**

(1) Como já foi visto, o local, a hora e o tipo de alvo serão conhecidos na oportunidade do encontro. Para se conseguir a surpresa sobre o inimigo, há necessidade da adoção de medidas de segurança nos deslocamentos, tais como:

- (a) correta utilização da ponta;
- (b) dispersão;
- (c) disciplina de luzes e/ou ruídos;
- (d) camuflagem;
- (e) correta utilização do terreno;
- (f) outras medidas julgadas necessárias.

(2) A patrulha deve deslocar-se de modo a localizar os alvos compensadores, sem ser percebida.

(3) Deverá estar, no entanto, exaustivamente ensaiada na execução das técnicas de ação imediata, para o caso de ser surpreendida pelo inimigo.

(4) Avistando o inimigo, realizar um rápido reconhecimento; decidir sobre o dispositivo a adotar e transmitir as ordens necessárias aos subordinados. Em seguida, a patrulha cumpre sua missão.

**3—24. PATRULHA DE DESTRUIÇÃO****a. Generalidades**

(1) Exige um planejamento detalhado do processo de destruição, do material a ser utilizado e do emprego de peritos.

(2) Em alguns casos, a destruição pode ser feita pelo fogo.

(3) Particular atenção deve ser dada ao ensaio do pessoal e ao teste do equipamento a ser utilizado na destruição.

**b. Organização particular** — São organizados um ou mais grupos específicos para a realização da tarefa essencial, que é destruir. O grupo de destruição é o responsável pela preparação e utilização do material.

**c. Ação no objetivo**

(1) A ação dos grupos de segurança, assalto e apoio de fogo é igual a dos demais tipos de patrulha.

(2) O grupo de destruição atua, normalmente, após a ação dos grupos de assalto e de apoio de fogo.

(3) Nos casos em que a destruição possa ser realizada apenas pelo fogo, o grupo de destruição recebe armamento específico, necessário para a execução de sua tarefa.

### 3-25. PATRULHA DE ELIMINAÇÃO

#### a. Generalidades

(1) É lançada sempre com a finalidade de eliminar elementos ou grupos de elementos específicos.

(2) Em alguns casos, um reconhecimento fornece a identificação do objetivo, ação esta facilitada pela distribuição de fotografias, desenhos e descrições.

**b. Organização particular** — Normalmente, possui um grupo com a tarefa de eliminar. Os demais grupos dependem da missão específica e, normalmente, são de efetivos reduzidos.

#### c. Ação no objetivo

(1) A eliminação pode ser feita à distância, utilizando-se atiradores de escol ou através de um assalto.

(2) As missões dos grupos são comuns às demais patrulhas de combate.

(3) Dobrar os meios para o grupo de eliminação, evitando-se o fracasso da missão.

### 3-26. PATRULHAS DE SEGURANÇA

#### a. Generalidades

(1) Uma patrulha de segurança é lançada com uma ou mais das finalidades a seguir.

(a) Cobrir os flancos, a frente e a retaguarda, intervalos e/ou itinerários.

(b) Vigiar uma área ou setor, de modo a prevenir e evitar a infiltração do inimigo, bem como os ataques de surpresa.

(c) Localizar e eliminar o inimigo remanescente ou infiltrado em área amiga (limpeza).

(d) Proteger unidades em movimento (inclusive comboios), proporcionando a cobertura dos flancos e de áreas ou itinerários de passagem.

(e) Executar toda e qualquer ação que possa ser definida pelo termo genérico **patrulhar**.

(2) A segurança a ser proporcionada pode implicar no engajamento com o inimigo.

(3) Enquadram-se neste tipo de patrulhas aquelas lançadas com a finalidade de ligar postos de segurança.

#### b. Organização

(1) Sua organização particular depende, essencialmente, da missão espe-

cífica que receber. Deve-se considerar também, as possibilidades do inimigo e o terreno.

(2) O efetivo e o armamento dependem das possibilidades do inimigo e da missão específica.

(3) Quando a situação e a missão apresentam grandes possibilidades de um engajamento com o inimigo, a patrulha deve ser dotada de um forte poder de combate.

#### **c. Ações no objetivo**

(1) Ocupar pontos que favoreçam a dominância sobre as vias de acesso, pontos de passagem obrigatória e/ou áreas que permitam a dissimulação de elementos infiltrados, de modo a proporcionar segurança através da vigilância e cobertura de setores ou áreas a partir desses pontos. Tais posições são, normalmente, selecionados em função da missão, inimigo e do terreno.

(2) Patrulhar a área abrangida pela missão. Neste caso, devem ser levantados os pontos e itinerários a serem percorridos e a patrulha deve estar adestrada e preparada para o combate de encontro. A patrulha deve evitar o estabelecimento de uma rotina no seu patrulhamento. Os intervalos de tempo, os itinerários e as seqüências devem ser alterados, evitando-se deixar qualquer espaço sem patrulhamento por longos períodos de tempo.

(3) Combinar a vigilância com o patrulhamento nas áreas ou locais sobre os quais a observação seja limitada. Sempre que houver ligação, todos os homens da patrulha devem ter conhecimento da senha e contra-senha e outros sinais convencionados. Estas medidas devem ser coordenadas pelo escalão que lançar a patrulha.

### **3–27. PATRULHA DE RESGATE**

#### **a. Generalidades**

(1) O resgate consiste nas ações de conquista e condução para as linhas amigas, de material ou pessoal amigo, que esteja de posse ou sob controle inimigo.

(2) No planejamento devem ser previstos os meios necessários ao transporte do material ou pessoal a ser resgatado. Em se tratando de pessoal, deve-se considerar a possibilidade do resgate do ferido.

(3) Em alguns casos, a patrulha deve ter condições de identificar, reconhecer ou até conhecer o material ou pessoal a ser resgatado.

#### **b. Organização particular**

(1) O escalão de assalto é organizado com um ou mais grupos de resgate e, normalmente, com um grupo de assalto.

(2) Outros grupos integram o escalão de assalto, de acordo com as tarefas complementares a serem executadas.

(3) O escalão de segurança é organizado conforme descrito no Capítulo 1, deste manual.

#### **c. Ação no objetivo**

(1) As ações dos escalões de segurança e assalto são comuns a qualquer

patrulha de combate.

(2) De imediato, os grupos de resgate devem localizar o material ou pessoal a ser resgatado. Ao iniciar a ação, cabe ao grupo de resgate alcançar o mais rápido possível o seu alvo, protegê-lo e retirá-lo da área do objetivo. No retraimento é o responsável pela condução e proteção do pessoal ou material resgatado, podendo ser reforçado para tal ação.

(3) Medidas de coordenação devem ser tomadas no sentido de evitar que os fogos realizados não dificultem as ações dos grupos de resgate, no objetivo.

### 3-28. PATRULHA DE CAPTURA

#### a. Generalidades

(1) Sua missão é capturar pessoal e/ou material inimigo com a finalidade de:

- (a) obter informes;
- (b) abater-lhe o moral;
- (c) privá-lo de chefes ou líderes importantes.

(2) A captura consiste nas ações da conquista e condução para as linhas amigas, do material e/ou pessoal inimigo, definidos na missão.

(3) Prever no planejamento os meios necessários à condução dos prisioneiros.

(4) Conduzir meios para a correta identificação do pessoal ou material.

#### b. Organização

(1) Os grupos de captura executam a tarefa essencial.

(2) No escalão de assalto são ainda organizados os grupos de assalto e outros que executam as tarefas complementares.

(3) O escalão de segurança será organizado conforme o descrito no Capítulo 1, deste manual.

#### c. Ação no objetivo

(1) As ações do escalão de segurança e do escalão de assalto, normalmente, são comuns às demais patrulhas de combate.

(2) O máximo de surpresa, rapidez e sigilo são essenciais para o êxito da missão.

(3) A primeira preocupação do grupo de captura é a localização exata do elemento ou do objeto a ser capturado. Ao iniciar a ação, cabe ao(s) grupo(s) de captura alcançar rapidamente o alvo, aprisioná-lo ou tomá-lo, retirando-o da área do objetivo. Tomar medidas táticas para bloquear uma possível fuga.

(4) Medidas de coordenação são tomadas no sentido de evitar que os fogos realizados atinjam o elemento a ser capturado ou dificultem a ação dos grupos de captura.

(5) Não obtendo a surpresa, incitar o inimigo à rendição, desde que o dispositivo adotado impossibilite a sua fuga. Neste caso, podem ser usados agentes químicos que, além de diminuir a resistência, facilitam a aproximação do grupo



de captura. No uso de agentes químicos considerar a direção do vento.

### 3–29. PATRULHA DE CONTATO

#### a. Generalidades

(1) É a patrulha lançada com a finalidade de se estabelecer e manter o contato com tropa amiga em ponto previamente designado ou não.

(2) Com o inimigo, normalmente, o contato é procurado sem definição de local.

#### b. Organização

(1) A patrulha para contactar com tropa amiga é menor e conduz pouco armamento.

(2) A que busca o contato com o inimigo, no entanto, pode ter necessidade de vencer a resistência dos postos de segurança para atingir as posições principais do inimigo e em conseqüência, é maior e melhor armada.

#### c. Ações no objetivo

(1) Selecionar o ponto designado para o contato ou onde ele pode ocorrer.

(2) O contato pode ser feito através de ligação pessoal, pela vista ou por meio do rádio.

(3) Estabelecer medidas para a obtenção do sigilo.

(4) Evitar o combate decisivo, salvo se estiver imposto na missão.

(5) Informar, de imediato, o estabelecimento do contato.

### 3–30. PATRULHA DE OCUPAÇÃO

#### a. Generalidades

(1) Tem por finalidade ocupar uma posição defendida ou não pelo inimigo. Essa ocupação, normalmente, é por um curto período, após o qual a patrulha retrai, é substituída, reforçada ou ultrapassada.

(2) Rações e munições são conduzidas em grande quantidade, existindo ainda, a possibilidade de ressuprimento.

(3) A patrulha de ocupação pode ser lançada, com uma das finalidades abaixo.

(a) Retardar o movimento inimigo.

(b) Prevenir, evitar ou impedir a possibilidade de reforço inimigo em determinada região.

(c) Interditar o acesso a uma determinada região.

(d) Cobrir o retraimento de uma força.

#### b. Organização e equipamento

(1) Constitui-se em patrulha de grande efetivo e fortemente armada.

(2) Os grupos dos escalões são definidos pela missão e dimensões do objetivo.

(3) O equipamento a ser conduzido deve favorecer o lançamento de obstáculos.

**c. Ação no objetivo**

(1) Iniciar com a conquista da posição ou, simplesmente, sua ocupação.

(2) A ação subsequente é o estabelecimento da defesa do tipo circular, reforçando os setores com maiores probabilidades de atuação do inimigo.

(3) Manter a posição conforme foi definido na missão.

### 3-31. PATRULHA DE RECONHECIMENTO EM FORÇA

**a. Generalidades** — Consiste em realizar uma ação de força no objetivo, com a finalidade de buscar informes sobre o inimigo no que se refere ao dispositivo (inclusive posição de armas coletivas), valor e poder de combate.

**b. Organização particular**

(1) Para sua organização, considerar as ações que definem a tarefa essencial: a ação de força, realizada pelos grupos de apoio de fogos, o assalto e o reconhecimento, este realizado pela observação.

(2) Normalmente, tem um valor considerável e é organizada em escalão de segurança e escalão de assalto. Os grupos de assalto e apoio de fogo, que, normalmente, constituem o escalão de assalto, executam a ação de força.

(3) O escalão de assalto tem ainda um ou mais grupos de observação para a tarefa de buscar informes. Observa a reação inimiga, identificando as posições das armas coletivas, o dispositivo, o valor, o poder de combate e as medidas de segurança, durante a ação no objetivo.

(4) Em alguns casos, quando das posições amigas se tem bom campo de observação sobre o inimigo, o escalão superior pode determinar que a patrulha execute a ação de força. Neste caso, a patrulha não necessita do grupo de observação em sua organização.

**c. Ação no objetivo**

(1) Localizado o objetivo, a patrulha se desenvolve e os grupos de observação ocupam posições que lhe permitam a observação. Os demais grupos da patrulha simulam um ataque, aguardando a reação inimiga.

(2) A patrulha abre fogo de suas posições abrigadas e engaja-se apenas o necessário para forçar a resposta do inimigo.

(3) Os grupos de observação executam a tarefa de levantar as posições, procurando identificar a localização de armas coletivas, limites, valor, o armamento utilizado etc. Para isso ficam mais à retaguarda, procurando posições abrigadas com bom campo de observação. Binóculos e equipamentos para visão noturna são empregados, comumente.

### 3-32. PATRULHA DE INQUIETAÇÃO

**a. Generalidades**

(1) Nas operações ofensivas e defensivas, uma patrulha de inquietação

procura causar baixas, dificultar o movimento ou perturbar o descanso do inimigo, tudo com a finalidade de abater-lhe o moral.

(2) Na contraguerrilha impede ou dificulta a reorganização dos grupos guerrilheiros, obrigando-os a se movimentarem constantemente.

(3) A inquietação pode ter como finalidade, também, localizar o inimigo.

#### **b. Organização particular**

(1) A patrulha é lançada em uma região ou área, cujos informes levantados caracterizam a presença de inimigo.

(2) Valorizar, na organização, o dispositivo para a ação no objetivo.

(3) Normalmente, as patrulhas de inquietação possuem um escalão de segurança reforçado, constituído de vários grupos de segurança.

(4) O escalão de assalto é definido por grupos de inquietação e apoio de fogo. Quando a inquietação for feita basicamente pelo fogo, o grupo de apoio de fogo será reforçado em homens e armamento.

(5) São fatores ponderáveis na definição do efetivo da patrulha, o inimigo e a capacidade de controle do comandante da patrulha.

(6) Em ambiente operacional de difícil visibilidade e conseqüente dificuldade de controle, pode-se organizar grupos de inquietação e segurança.

#### **c. Ação no objetivo**

(1) Definido o objetivo, planejar a ação para causar baixas, perturbar o descanso ou dificultar o movimento inimigo.

(2) As ações são rápidas e com vantagens no poder de combate, considerando a própria finalidade da missão.

(3) Não é comum o engajamento da patrulha no combate aproximado.

(4) Quando a ação for para perturbar o descanso ou dificultar o movimento, pode-se inquietar pelo fogo.

(5) A inquietação visando causar baixas pode ser executada pelo fogo, pelo assalto ou combinação de ambos.

(6) As ações básicas na área do objetivo são: ocupação de um PRPO, reconhecimento do objetivo, tomada do dispositivo, realização da inquietação, retraimento e regresso, conforme planejamento.

(7) O emprego de helicópteros favorece as ações de inquietação.

(8) Bons conhecimentos da montagem de emboscadas imprevistas, bem como um adestramento das técnicas de ação imediata, favorecem o cumprimento da missão.

(9) Planejar detalhadamente as ligações, o ressuprimento e o resgate, quando necessários.

(10) As ações de inquietação são agressivas e cautelosas.

(11) Canhões 57mm, metralhadoras e morteiros 60 e 81mm são empregados, com eficiência.

### 3-33. PATRULHA DE SUPRIMENTO

#### a. Generalidades

(1) Uma unidade destacada para uma missão ou que se encontre em ambientes operacionais sob condições especiais, pode necessitar de suprimentos, dificultados ou impossibilitados de chegar pelos meios normais. Dependendo do tipo e quantidade de suprimento, organiza-se uma patrulha para cumprir esta missão.

(2) O ressuprimento ocorre em função de um planejamento ou dentro da evolução de um quadro tático. Em ambos os casos é aconselhável que se estabeleça uma ligação, normalmente via rádio, entre as patrulhas, facilitando a coordenação.

(3) Além do homem, animais são empregados para auxiliar no transporte. Viaturas e helicópteros têm seu emprego condicionados pelas vias de transporte, condições meteorológicas e pela necessidade de manutenção do sigilo da operação. Tais meios podem ser empregados até determinados pontos ou áreas, ganhando-se em rapidez e diminuindo o desgaste físico da patrulha, sem no entanto, comprometer a segurança e o sigilo da operação em andamento.

(4) É necessário adequar ao homem os equipamentos, facilitando o transporte do suprimento. Planejar os deslocamentos, observando as medidas de segurança continuamente.

#### b. Organização particular

(1) A quantidade e o tipo de suprimento a ser transportado, bem como as distâncias e o ambiente operacional são fatores que influem na constituição da patrulha, que é detalhada.

(2) O escalão de segurança é organizado em vários grupos de segurança e em grupos de transporte, estes suficientes para atender um revezamento. Havendo disponibilidade de pessoal, somente o(s) grupo(s) de transporte conduz(em) a carga, liberando o grupo de segurança para cumprir, essencialmente, a sua missão específica.

(3) No escalão de assalto, um grupo deve existir para a missão de apoio de fogo e assalto, prevenindo-se a possibilidade de interferência do inimigo.

#### c. Ação no objetivo

(1) Nos deslocamentos até a área do objetivo, utilizar formações que possibilitem segurança ao grupo de transporte. A velocidade de deslocamento da patrulha é definida pelos grupos com maior carga.

(2) Prever a ocupação de um ponto de reunião próximo do objetivo (PRPO), buscando o contato com a tropa amiga sempre em segurança e ainda com horas de luz.

(3) A entrega do suprimento, sempre que possível, obedece a seqüência:

(a) contato rádio, com autenticação, antes do contato visual;

(d) definição do local e direção, facilitando o contato para a troca de senha;

(c) em segurança e no local combinado, realizar a troca de senha e contra-senha;

(d) efetuar a entrega do suprimento.

(4) Elementos do escalão de assalto acompanham o comandante da patrulha para o estabelecimento do contato.

(5) A patrulha de suprimento, após o cumprimento da missão, regressa conforme o planejado.

(6) É importante que o contato rádio, após estabelecido, seja mantido.

### 3—34. PATRULHA DE EMBOSCADA

#### a. Generalidades

(1) Emboscada é um ataque de surpresa, contra um inimigo em movimento ou temporariamente parado, desencadeado de posições cobertas, com a finalidade de destruí-lo, capturá-lo, inquietá-lo ou causar-lhe danos materiais.

(2) O espaço do terreno onde ela é montada denomina-se **local de emboscada**. Denomina-se **área de destruição**, a porção do local de emboscada, onde são concentrados os fogos destinados ao alvo.

(3) A emboscada é altamente eficaz em operações convencionais e na contraguerrilha, por não exigir a conquista ou manutenção do terreno, permitindo que forças de pequeno valor destruam forças de maior poder de combate.

#### b. Fatores que favorecem o êxito de uma emboscada

(1) Planejamento — O planejamento deve ser metuculoso e detalhado, abordando o efetivo da patrulha, o local da emboscada, o material, a preparação, os ensaios, os deslocamentos, a ocupação das posições, a camuflagem, a disciplina de fogo, o controle, a condução da emboscada, o retraimento e a reorganização. A possibilidade de um mínimo de planejamento, favorece o êxito de uma emboscada.

(2) Controle — Exercer um controle cerrado sobre a patrulha. Comunicações adequadas, definição de um sistema de segurança e alerta, observação constante e conhecimento da situação, facilitam o controle. Preparar os homens, alertando-os da mudança repentina, de uma situação passiva para um estado de agressividade máxima.

(3) Paciência — É essencial para a manutenção do sigilo, durante o tempo de espera. Normalmente, a patrulha é mantida na posição por muito tempo, exigindo disciplina e controle do sistema nervoso. A espera não deve ser muito prolongada, pois acarretará um desgaste físico ou psicológico da tropa emboscante. Preparar os homens, alertando-os da mudança de uma situação passiva para um estado de agressividade máxima.

(4) Camuflagem — É um fator de grande importância para a obtenção da surpresa. Manter as características e a fisionomia do terreno. Abordar as posições pela retaguarda, favorece a camuflagem.

(5) Informações sobre o inimigo — O comandante da patrulha recebe todas as informações disponíveis sobre o inimigo. Estas informações são essenciais para o êxito da emboscada.

(6) Seleção do local — O local ideal é aquele que oferece o máximo de

vantagens para a tropa emboscante sobre os aspectos observação e campos de tiro, cobertas e abrigos, obstáculos, acidentes capitais e vias de acesso. O inimigo deve ter observação limitada, campos de tiro reduzidos, ficar descoberto e deparar com obstáculos que restrinjam seu movimento, canalizando-o para a zona de destruição. Dificultar a possibilidade de reação do inimigo. Desfiladeiros, gargantas, cursos de água, barrancos ou aclives são acidentes do terreno que favorecem a montagem de uma emboscada. O emprego de obstáculos artificiais, armadilhas e minas ajudam a causar baixas. A engenhosidade do comandante da patrulha influi positivamente na adequação tática do local da emboscada. Deve-se ter o cuidado de não deixar marcas ou vestígios, que possam denunciar o local da emboscada.

- (7) Surpresa – Obtém-se pelo sigilo, pelo disfarce e pela paciência.
- (8) Rapidez – Aplicá-la, aproveitando o impacto da surpresa.
- (9) Fogo violento – É o máximo de fogo, num pequeno espaço de tempo.
- (10) Simplicidade – Permite uma maior flexibilidade em qualquer conduta.
- (11) Adestramento – Adquirido através da instrução teórica e prática, favorecendo a aplicação eficaz das técnicas de emboscada.

#### c. Classificação das emboscadas

- (1) Geral
  - (a) Emboscada de ponto – Caracteriza-se pela existência de uma única área de destruição, baseada em informes precisos sobre o inimigo.
  - (b) Emboscada de área – Consiste em várias emboscadas de ponto sob um comando único, ao longo dos diversos itinerários de acesso ou retraimento do inimigo.
- (2) Quanto aos informes sobre o alvo
  - (a) Emboscada deliberada – É planejada especificamente para um determinado alvo. Necessita de informes detalhados sobre o inimigo.
  - (b) Emboscada de oportunidade – Os informes disponíveis não permitem um planejamento detalhado antes da partida. São preparados para atacar um alvo compensador.

#### d. Organização

- (1) A montagem de uma emboscada depende da finalidade da operação, do inimigo a ser emboscado, do local escolhido e dos meios disponíveis. Um estudo de situação adequado facilita a decisão do comandante.
- (2) O efetivo e o dispositivo da tropa emboscante é um fator preponderante nas ações de uma emboscada. Vejamos, como exemplo, um organograma de uma patrulha de emboscada (Fig 3-5).
- (3) Escalão de segurança
  - (a) Grupo de proteção
    - Tem por finalidade impedir ou retardar o envio de reforços inimigos para o local da emboscada. Ocupa posição ao longo das prováveis vias de acesso e pode preparar pequenas emboscadas com o objetivo de retardar o inimigo.

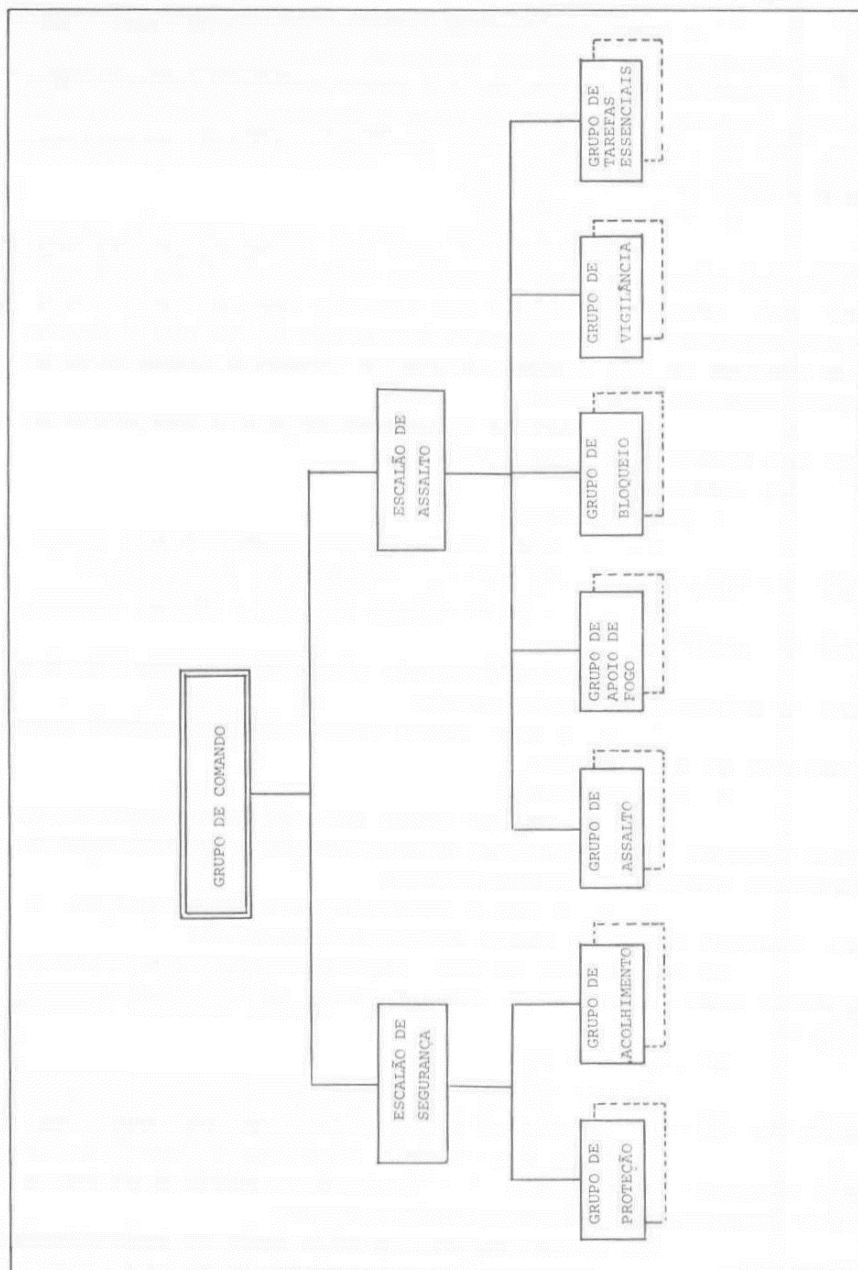


Fig 3-5. Organograma de uma patrulha de emboscada.

— O grupo de proteção deve planejar suas emboscadas e estar em condições de atuar em emboscadas imprevistas. Outra missão do grupo é proteger o retraimento da patrulha. Para isto, deve colocar-se em locais onde possa bater pelo fogo, o local da emboscada e os itinerários de retraimento. Quando a forma do terreno dificultar a proteção adequada ao retraimento, o grupo deve atuar para desengajar o escalão de assalto, se for o caso.

(b) Grupo de acolhimento

— Sua missão é guardar o ponto de reunião próximo do objetivo (PRPO), onde a patrulha se reorganizará, após a emboscada. Permanece em posição durante toda a operação. O comandante do grupo deve tomar as medidas necessárias para evitar incidentes. O conhecimento da localização geral da patrulha, do sistema de segurança, das comunicações e, das possíveis evoluções da situação tática, favorecem o cumprimento da missão.

— É importante que os integrantes do grupo tenham perfeito conhecimento da utilização da senha e contra-senha.

(4) Escalão de assalto

(a) Grupo de vigilância

— Tem por missão informar da aproximação do inimigo, identificando-o e levantando outros dados sobre a sua situação (valor, dispositivo etc.).

— Como meio de comunicação deve usar o telefone, a sinalização visual e/ou mensageiro.

— O grupo de vigilância pode transformar-se em *isca*, atraindo a tropa a ser emboscada para o local preparado.

— Nas patrulhas de pequeno efetivo, a missão de vigilância pode ser cumprida pelo grupo de assalto.

(b) Grupo de bloqueio

— Tem por finalidade impedir que o inimigo emboscado saia da área de destruição. Cumpre esta missão lançando obstáculos, executando fogos, dificultando ou impedindo a progressão do inimigo.

— Um grupo pode ser responsável pela vigilância e bloqueio, como consequência do estudo de situação do comandante da patrulha.

(c) Grupo de apoio de fogo — Organizado quando houver a previsão do combate corpo-a-corpo. Tem por finalidade amaciar pelo fogo, a ação do grupo de assalto.

(d) Grupo de assalto

— É aquele que executa a ação principal da emboscada. O assalto pode ser realizado pelo fogo, pela ação física direta contra o inimigo ou por ambos.

— A ação do grupo de assalto é definida pela missão (inquietar, obter suprimentos, causar baixas etc.). A distribuição dos setores de tiro deve ser uma das principais preocupações do comandante do grupo.

— Em qualquer situação, o grupo de assalto age com o máximo de violência e rapidez.

(e) Grupo de tarefas especiais — Constituído de várias equipes ou gru-



pos, todos com tarefas impostas pela missão (matar, destruir, capturar pessoal, capturar material, resgatar etc.).

(5) Grupo de comando – Tem a organização, as atribuições e conduta, comuns aos diversos tipos de patrulha.

f. **Formações** – O dispositivo adequado da tropa, aproveitando ao máximo as características do terreno no local da emboscada, proporciona vantagens táticas para o cumprimento da missão. Em função do terreno, do inimigo, da missão, do efetivo e dos meios disponíveis pode se empregar uma das formações de emboscada a seguir.

(1) **Flanqueamento simples** (Fig 3-6)

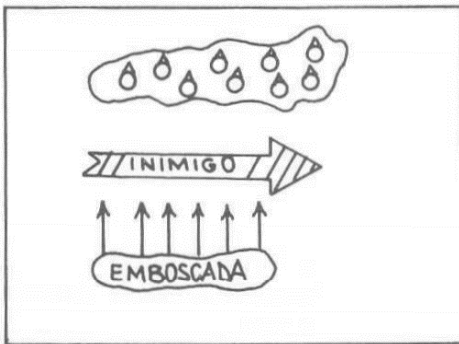


Fig 3-6. Flanqueamento simples.

Características principais

- Dispositivo simplificado.
- Necessita de terreno com elevação em apenas um dos lados.
- Possibilita o emprego conjunto de todas as armas.
- Utiliza um só itinerário de retraimento.
- Facilita o controle.

(2) **Em L** (Fig 3-7)

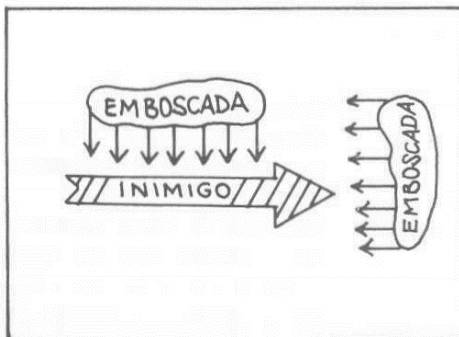


Fig 3-7. Em L.

Características principais

- Utiliza terreno com curva e aclave.
- Possibilita o emprego conjunto de todas as armas.
- Emprega um só itinerário de retraimento.
- Facilita o controle.
- Ataca o inimigo à frente e por um dos flancos.

## (3) Em U (Fig 3-8)

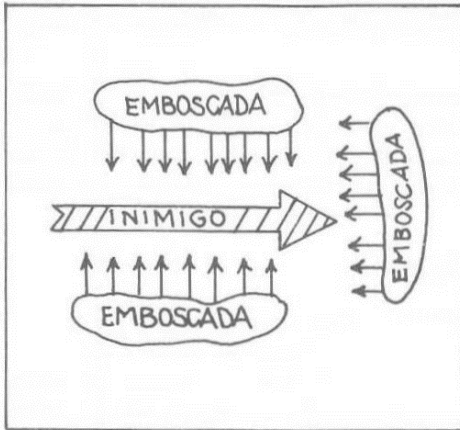


Fig 3-8. Em U.

## Características principais

- Exige terreno que ofereça posição de tiro de cima para baixo.
- Necessita de grande potência de fogo.
- Dificulta a reação do inimigo.
- Utiliza mais de um itinerário de retraimento.
- Dificulta o controle.
- É importante conhecer a direção de progressão do inimigo.

## (4) Frontal (Fig 3-9)

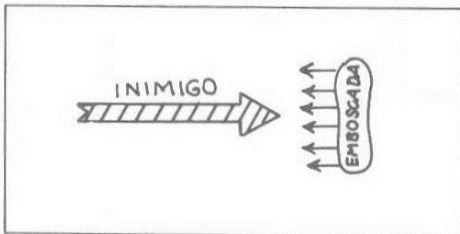


Fig 3-9. Frontal.

## Características principais

- Necessita de grande potência de fogo.
- É eficaz nas ações de retardamento.
- Possibilita a entrada em posição para nova emboscada.
- Facilita o controle.

## (5) Em V – É uma variante da frontal (Fig 3-10)

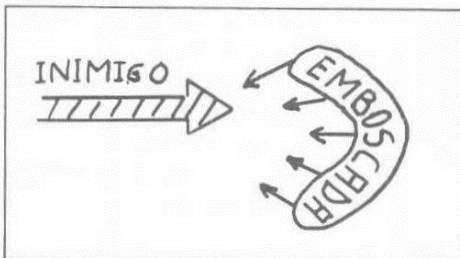


Fig 3-10. Em V.

## Características principais

- Muito empregada em ambiente com restrições de visibilidade (selva).
- Necessita de muita coordenação, principalmente dos fogos.
- A abertura do V favorece quando se conhece a direção de aproximação do inimigo e o **por onde** é indefinido.

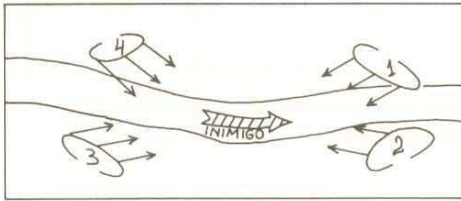
(6) **Minueto** (Fig 3-11)

Fig 3-11. Minueto.

- (a) Características principais
- Exige tropa altamente treinada.
  - O terreno influi na escolha do local.
  - Confunde totalmente o inimigo, dificultando sua reação.
  - É empregado contra um inimigo forte.
  - Proporciona boa observação e campos de tiro.
  - Dificulta o controle.
  - Utiliza mais de um itinerário de retraimento.

(b) Conduta - Quando o inimigo estiver na zona de destruição, desencadeia-se o fogo da área 1. O inimigo contra-ataca; a área 1 retrai e é aberto fogo de outra área e assim sucessivamente, até que o inimigo tenha sido destruído completamente.

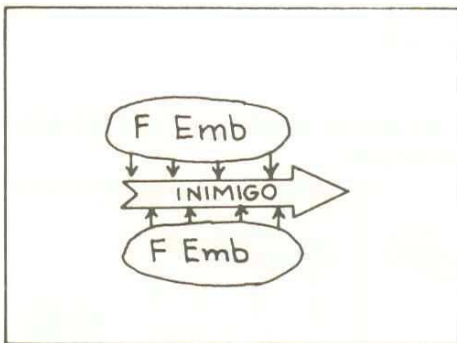
(7) **Flanqueamento duplo** (balalaica) (Fig 3-12)

Fig 3-12. Flanqueamento duplo.

- Características principais
- Semelhante à emboscada em U.
  - Pode ser desencadeada independente da direção de aproximação do inimigo.

(8) **Circular** (Fig 3-13) - É, normalmente, empregada quando não se sabe a direção de aproximação, mas o inimigo é esperado no local da emboscada. Arma-se uma emboscada em 360°, com os setores de tiro voltados para a periferia.



Fig 3-13. Circular.

(9) Em rodaminho (Fig 3-14)

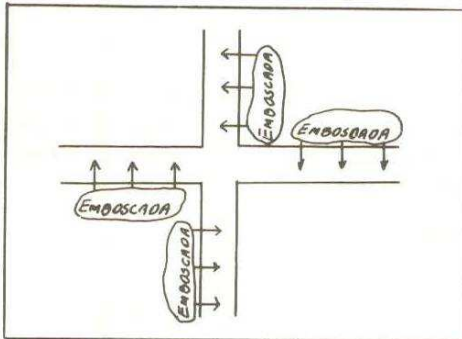


Fig 3-14. Em rodaminho.

Características principais

- Empregada em cruzamento de estradas.
- Não se conhece a direção de aproximação do inimigo.
- A tropa é colocada em quadrantes opostos.

(10) Com isca (Fig 3-15) - A isca deve ser dotada de grande mobilidade e ter condições de retrair para uma posição abrigada.

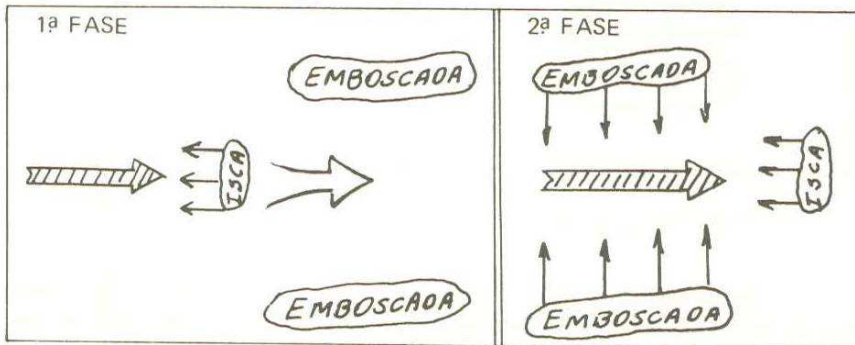


Fig 3-15. Com isca.

**g. Conduta de uma emboscada** — Depende, principalmente, da sua finalidade (inquietação ou destruição) e das informações sobre o Iní (deliberada ou imprevista). Um exemplo de faseamento para o desencadeamento de uma emboscada é o que segue abaixo.

(1) Alerta e identificação — Realizado pelo grupo de vigilância. Após ter tomado conhecimento, o comandante da patrulha, através de um sistema silencioso, retransmite os informes aos patrulheiros.

(2) Desencadeamento dos fogos (abrir fogos) — Conforme o planejado e, normalmente, mediante sinal do comandante da patrulha. O inimigo, nesse momento, deve estar numa situação que os fogos lhe causem o maior número de baixas possíveis.

(3) Cessar fogo — Obedecendo o planejado ou mediante ordem do comandante da patrulha. Cessado os fogos, tem início o assalto.

(4) Assalto — Rápido e agressivo, cumprindo a finalidade da missão.

(5) Retraimento do grupo de assalto — Mediante um sinal do comandante do grupo de assalto e com a cobertura do grupo de proteção.

(6) Retraimento geral — Retrai primeiro o escalão de assalto e depois o(s) grupo(s) de proteção. Normalmente, a patrulha se reorganiza em um ponto de reunião, guardado pelo grupo de acolhimento.

**h. Causas de fracasso de uma emboscada** — Uma emboscada muito bem planejada e montada, pode fracassar, cometendo-se uma ou mais das seguintes falhas:

- ruídos de engatilhamento;
- disparos prematuros;
- má camuflagem (seja individual ou das posições);
- falta de segurança em todas as direções;
- incidentes de tiro com o armamento;
- emprego incorreto dos sinais convencionados;
- apoio de fogo deficiente;
- despreparo psicológico dos homens;
- atuação lenta e pouco agressiva.

**i. Observações do comandante de patrulha para montagem de emboscadas**

(1) Não dividir seu comando.

(2) Assegurar-se de que cada homem está perfeitamente familiarizado com sua função e a missão que recebeu.

(3) Fazer seu plano de fogos, de forma que cubra toda a **área de destruição**, assim como as prováveis vias de retraimento do inimigo.

(4) Determinar rigorosa disciplina de luzes, proibindo qualquer barulho, ou que seus homens fumem.

(5) Organizar um memento do que deve fazer, assegurando-se de que todos os detalhes da emboscada foram executados.

(6) Determinar a seus homens que atirem para baixo. Um ricochete é melhor do que um tiro que não acerta um alvo.

(7) Fazer uma escala para os elementos de segurança, quando o período de espera for longo.

(8) Inspeccionar as posições, verificando principalmente a camuflagem e os setores de tiro.

(9) Posicionar-se de onde melhor possa observar a área de destruição e controlar a ação.

## CAPÍTULO 4

### PATRULHAS SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE

#### ARTIGO I

#### PATRULHA EM ÁREA DE CAATINGA

##### 4-1. GENERALIDADES

a. Em região de caatinga, o clima e a vegetação são fatores de grande influência no cumprimento da missão. O combatente necessita de aclimação e ambientação, antes de ser empregado, pois os efeitos desse ambiente operacional definem a conduta tática individual.

b. As missões, o planejamento e as formas de emprego neste ambiente operacional, são comuns às demais patrulhas.

c. Serão abordados, neste capítulo, aspectos característicos de uma área de caatinga, de grande valia para um comandante de patrulha.

##### 4-2. ASPECTOS TOPOTÁTICOS DO TERRENO, EM ÁREA DE CAATINGA

###### a. Observação e campos de tiro

###### (1) Observação

(a) A observação terrestre é dificultada em grandes faixas do terreno, onde a vegetação supera a altura de um homem; por outro lado, é freqüente a existência de elevações permitindo campos de observação extensos.

(b) A observação aérea é facilitada, assumindo grande importância o papel da fotografia aérea. Em consequência, deve-se ter cuidado com a camuflagem, pois deslocamentos de tropas ou comboios podem ser facilmente identificados.

(c) A utilização de equipamento de visão noturna, propicia vantagens na observação.

(d) Para a camuflagem no verão, predomina o amarelo queimado, e no inverno o verde claro.

(2) Campos de tiro

(a) A caatinga proporciona bons campos de tiro na época da seca.

(b) Existe dificuldades de se encontrar PO, em conseqüência da orografia da região.

(c) É necessário especial cuidado com a possibilidade de incêndio na época da seca. Observar a direção do vento.

(d) Excelente a possibilidade de emprego de lança-chamas.

**b. Cobertas e abrigos**

(1) Cobertas

(a) A caatinga oferece excelentes cobertas mesmo durante a seca, embora sejam estas mais facilmente encontradas durante o inverno.

(b) À noite, devido à forma de sua vegetação, tem-se, igualmente, boa disponibilidade de cobertas.

(c) A caatinga é, no entanto, muito vulnerável à observação aérea.

(2) Abrigos — A caatinga é, normalmente, pobre em abrigos naturais. Uma possibilidade que se oferece, entretanto, é a de se utilizar as grotas e cortes dos rios secos (temporários).

**c. Obstáculos**

(1) O clima e a vegetação constituem obstáculos à tropa a pé. Há grandes faixas do terreno, sem estradas ou trilhas, nas quais a progressão é bastante dificultada pela vegetação.

(2) O efeito do sol provoca intermitentes paradas.

(3) Os riachos secos, com rápidas chuvas, transformam-se em obstáculos.

**d. Acidentes capitais**

(1) Locais de abastecimento d'água.

(2) Localidades.

(3) Terrenos dominantes.

**e. Vias de acesso** — A caatinga apresenta algumas estradas transitáveis por viaturas motorizadas, estradas de carro de boi e picadas de caçadores. O terreno, embora de vegetação difícil em grandes extensões, permite, mesmo nessas faixas, o acesso à tropa a pé.

**4-3. MARCHAS**

**a.** O prazo de oito a quinze dias de aclimação proporciona sensíveis melhoras à operacionalidade do combatente. Exercícios físicos, pequenas marchas de intensidade crescente, com alimentação adequada e o adestramento da disciplina de controle d'água, complementam a aclimação.

**b.** Em região e época de alta temperatura devem ser evitadas, sempre que possível, marchas entre as dez e as quatorze horas. Ressalta, em conseqüência, a impor-



tância dos deslocamentos noturnos.

c. As calhas de rios secos podem ser utilizadas para deslocamentos. Em caso de pernoite ou estacionamento nestes locais, ficar atento às chuvas inesperadas nas cabeceiras, que provocam rápidas enxurradas.

d. As formações para deslocamentos a serem adotadas serão aquelas que, em função do terreno, permitam o melhor controle pelo comandante da patrulha.

#### 4—4. ORIENTAÇÃO

a. A bússola é o melhor meio, tanto de dia como à noite. Os processos de orientação pelo relógio, pelo sol ou pelas estrelas, também podem ser usados.

b. Devido à natureza do solo, a orientação através de rastros é muito utilizada.

#### 4—5. CONTATO COM POPULAÇÃO LOCAL

a. É de fundamental importância o trato com o homem da área visando fazê-lo um aliado. Respeite suas crenças e quando questioná-lo na obtenção de informes, faça-o com o cuidado de não sugerir respostas, pois correrá o risco de obter dele afirmativas feitas apenas pelo desejo de ser prestativo.

b. Contactar com rastejadores e “coiteiros”.

#### 4—6. ARMAMENTO, UNIFORMES E EQUIPAMENTO

a. As armas de menor peso e tamanho são as mais apropriadas.

b. A cobertura ideal é a de couro ou a de lona.

c. Colocar reforço nos cotovelos da gandola e nos joelhos da calça.

d. Usar uniforme com a cor predominante da região e da época. O tecido deve ser o mais resistente possível.

e. O coturno deverá ter o “cano” de couro.

f. Usar luvas para proteção das mãos.

g. Utilizar o cantil térmico, sempre que possível. Alguns homens da patrulha deverão ter a missão específica de conduzir água.

#### 4—7. SOBREVIVÊNCIA NA CAATINGA

a. O suprimento e o ressuprimento de água e alimentos, devem ser minuciosamente planejados.

b. O patrulheiro deve estar instruído de forma a ter condições de sobreviver na caatinga.

c. **Obtenção de água** — Através de poços, brejos, açudes e tanques. Pelo umbuzeiro, gravatá, macambira, mandacaru e facheira.

**d. Obtenção de alimento** — Encontram-se, com freqüência, na região: aves como o nhambu, a perdiz, a cordoniz, a rolinha, a codorna, a siriema, a ema, bem-te-vi, nhacupé e outras. O tatu-peba, o tatu-bola, a preá, o lagarto, a gia, o mocó e o guaximim são caças também encontradas na área. Umbu, quixabá, murici, araticum, juá, piqui, macambira e coco da carnaúba são alimentos vegetais. O mel de abelha é encontrado em abundância em muitas regiões.

**e.** A existência de doenças endêmicas na área, tais como, malária, doença de Chagas, peste, esquitossomose, tracoma e leichmaniose constituiu-se numa preocupação para o comandante da patrulha. Deve ser prevista medicação preventiva e de cura para os patrulheiros.

#### 4-8. ADMINISTRAÇÃO

**a.** Sempre que possível, o suprimento para os homens deve ser o suficiente para o cumprimento da missão.

**b.** Os ressuprimentos, evacuações e repletamentos, quando necessários, serão feitos por helicópteros ou por animais.

**c.** As viaturas de 1/4 e 3/4 e o jumento, resistente às inclemências do tempo, são empregados em larga escala.

#### 4-9. COMUNICAÇÕES

Emprega-se, sem maiores restrições, a comunicação através rádio e fio. Os meios óticos assumem grande importância, principalmente a sinalização com bandeirolas e com dispositivos iluminativos.

#### 4-10. OBSERVAÇÕES AO COMANDANTE DA PATRULHA

**a.** O planejamento para as ações em área de caatinga deve ser detalhado e a preparação minuciosa.

**b.** Conduzir bolsas de primeiros socorros por fração. Incluir enfermeiros ou atendentes no efetivo.

**c.** Manter uma constante preocupação com a orientação e com o controle dos homens.

**d.** Aclimatar os homens é importante para o cumprimento da missão.

## ARTIGO II

### PATRULHA EM ÁREA DE MONTANHA

#### 4-11. GENERALIDADES

**a.** Caracteriza-se a área de montanha por possuir acidentes do terreno cujas cristas geralmente, se elevam a mais de 600 metros em relação às terras baixas adja-

centes. Pode apresentar ainda encostas íngremes, penhascos, precipícios e desfiladeiros.

**b.** Uma patrulha é lançada em área de montanha, como parte das ações de uma operação tipo de ambiente.

**c.** O planejamento e a preparação, bem como a utilização das normas de comando, são comuns a todas as patrulhas.

**d.** A tática individual do combatente e as técnicas de ações e condutas a serem empregadas, são conseqüências das características do terreno de montanha.

**e.** A orientação, a aclimação, a adaptação física e psicológica, e o treinamento especializado para o combate em área de montanha, são fatores essenciais para o êxito no cumprimento da missão.

#### 4–12. ASPECTOS TOPOTÁTICOS DO TERRENO EM ÁREA DE MONTANHA

##### **a. Observação e campos de tiro**

###### (1) Observação

(a) As condições meteorológicas e a topografia da área de montanha dificultam a observação terrestre.

(b) Apresenta favorabilidade para a observação aérea.

(c) A camuflagem deve ser adequada com a cor predominante, no local e na hora das ações.

###### (2) Campos de tiro

(a) A existência de pedras, salientes e depressões reduz os campos de tiro para as armas de trajetória tensa.

(b) Os campos de tiro são favoráveis aos fogos indiretos, com limitação dos efeitos.

**b. Cobertas e abrigos** – A topografia irregular das montanhas oferece excelentes cobertas e abrigos.

**c. Obstáculos** – As condições meteorológicas podem constituir-se em obstáculos às operações, em função da instabilidade climática, caracterizada por: mudanças rápidas e extremas da temperatura, nebulosidade quase constante, elevado índice de precipitação, ventos, tempestades e neve.

**d. Acidentes capitais** – São representados pelas alturas que dominam as vias de transporte, passos e as alturas dos desfiladeiros.

##### **e. Vias de acesso**

(1) Caracterizadas pelas rotas de escalada, estrada e trilhas.

(2) O terreno, em área de montanha, restringe a mobilidade e torna difícil as comunicações e o suprimento.

(3) Em conseqüência das poucas vias de acesso e das peculiaridades do terreno de montanha, cresce de importância a utilização de guias.

## 4-13. MARCHAS

- a. Nos deslocamentos, utilizar, em função do ambiente, a formação que permita maior controle pelo comandante da patrulha.
- b. Pequenos deslocamentos, com gradual aumento das distâncias, aclimatam os homens.
- c. É importante a realização dos altos, pois permitem uma rápida recuperação.
- d. Manter-se orientado durante todo o tempo. Quando em trilhas, durante os altos, manter homens na direção a seguir.
- e. Em caso de inesperadas chuvas, ventanias ou nebulosidade, reduzir a velocidade de deslocamento e só parar caso existam bons abrigos para os homens. A preocupação maior deve ser com o frio.
- f. Estabelecer, nos deslocamentos, segurança à frente, nos flancos, à retaguarda e para o alto, através da observação.
- g. As marchas noturnas são difíceis. Realizá-las somente em situações impositivas.

## 4-14. ORIENTAÇÃO

- a. Manter especial e constante atenção com a comparação carta-terreno, considerando a grande compartimentação existente neste ambiente operacional.
- b. Atentar para as dificuldades na determinação das distâncias decorrentes da forma irregular deste tipo de terreno.
- c. O rastreamento é dificultado pela inclemência das condições meteorológicas.

## 4-15. ARMAMENTO, UNIFORME E EQUIPAMENTO

- a. As armas com boa rusticidade, de menor peso e tamanho são as mais apropriadas.
- b. Morteiros leves são de grande eficiência.
- c. Os canhões sem recuo de pequeno calibre constituem-se numa excelente arma de apoio direto.
- d. As "armas brancas" são de grande utilidade.
- e. Usar uniformes folgados e leves, de tecido impermeáveis e resistentes.
- f. Conduzir suspensórios, mais de um cantil, mochila impermeável com várias mudas de uniformes, abrigos leves e saco de dormir.
- g. Usar meias de lã.
- h. O material de escalada, caso venha a ser necessário, deve ser selecionado por elemento com experiência. Não deixar de testá-lo.

#### 4–16. BIVAQUES

- a. Evitar, ao máximo, pernoites em regiões mais altas, em virtude da inclemência do tempo.
- b. Encostas suaves, perto de águas correntes e áreas matosas. devem ser buscadas. Dispersar os homens.
- c. Evitar fazer fogo durante os pernoites. O consumo de ração deve ser feito ainda com luz.

#### 4–17. EMBOSCADAS E CONTRA–EMBOSCADAS

- a. As ações de emboscada são empregadas com muita frequência em áreas de montanha.
- b. O planejamento e a preparação são comuns a todas as emboscadas. O dispositivo para a ação no objetivo deve obedecer às peculiaridades da área de montanha, principalmente, no que se refere aos campos de tiro.
- c. A camuflagem merece cuidados especiais, considerando o local da emboscada, as possíveis vias de aproximação e a necessidade de se procurar boas condições de tiro. Preocupar-se com o dispositivo, em função dos possíveis ricochetes.
- d. Uma técnica de contra-emboscadas na montanha — Os homens que estiverem fora da área de destruição devem procurar os flancos ou à retaguarda da força emboscante; enquanto isso, os que ficarem dentro da área de destruição, devem atirar nas posições de emboscadas e partir nesta direção. Como em área de montanha existem muitas pedras que podem proporcionar abrigos, é, também, válida a conduta de identificar a posição emboscante, atirar e procurar abrigo.

#### 4–18. SEGURANÇA

- a. O terreno montanhoso oferece muitos pontos para observação, assim como regiões favoráveis ao emprego de emboscadas.
- b. O posto de escuta é de grande eficiência em montanha. É importante a disciplina de ruídos.
- c. O deslocamento do grosso da patrulha, para um novo compartimento, somente, deverá ser feito quando a segurança o tiver liberado.

#### 4–19. ALIMENTAÇÃO E PERNOITE EM ÁREA DE MONTANHA

- a. O comandante da patrulha deve se informar sobre os tipos de alimentos, a nível de sobrevivência, fáceis de serem encontrados na área. Habitantes da região são fontes de informes.
- b. A alimentação deve ser feita, principalmente, consumindo-se pequenas quantidades de alimentos de cada vez, com intervalos menores que o normal. Uma única refeição completa deve ser feita antes do escurecer. Os homens devem conduzir alimentos com alto teor de calorias e as pastilhas de sal.

c. Patrulhas que, atuando isoladamente, tenham que sobreviver, dispõem de abundância de água em área de montanha e poderão contar com a caça de aves e de pequenos animais (estes mais raros).

d. Abrigos contra ventos e chuvas, para o pernoite, são reconfortantes e reduzem os desgastes físicos e psicológicos.

e. A utilização de agasalhos deve ser feita durante o pernoite e não durante os deslocamentos.

f. O "mal da montanha" é eliminado com a aclimação.

#### 4-20. COMUNICAÇÕES

a. A ligação interna da patrulha é estabelecida por rádio e mensageiros.

b. A sinalização visual é muito importante nas ações em área de montanha.

c. Testar na região e nas distâncias de emprego, os tipos de rádio a serem utilizados.

#### 4-21. ADMINISTRAÇÃO

a. Sempre que possível, o suprimento deverá ser o suficiente para o cumprimento da missão. Considerando as dificuldades de progressão e as distâncias, pode-se planejar ressurgimento para as missões, independente das evoluções táticas.

b. Animais da região e helicópteros são os meios mais empregados para ressurgimento e evacuação.

c. Viaturas são empregadas com restrições.

#### 4-22. OBSERVAÇÕES AO COMANDANTE DA PATRULHA

a. O planejamento detalhado, a preparação minuciosa e o adestramento dos homens, são fatores essenciais para o êxito das missões em ambiente de montanha.

b. Adotar medidas rigorosas de orientação e controle da patrulha.

c. Inteirar-se das peculiaridades das ações recentes e atuais do inimigo, na área de operação.

d. Dotar os homens de armamentos, uniformes e equipamentos adequados ao ambiente de montanha. Camas-rolo, meias e luvas de lã, agasalhos impermeáveis e coturnos especiais, além do conforto proporcionado, elevam o moral.

### ARTIGO III

#### PATRULHA EM ÁREA DE SELVA

#### 4-23. GENERALIDADES

a. A patrulha diz-se de selva quando atua na área que apresenta como carac-

terísticas principais: elevada temperatura, forte pluviosidade e intensa umidade; abundância de águas interiores; vegetação densa e exuberante; fraca densidade demográfica e escassez de vias de transporte terrestres. Tais características exercerão grande influência sobre o combatente, o equipamento e as operações.

b. É importante passar o combatente por uma preparação psicológica, que tem por objetivo eliminar o medo, desenvolver o autodomínio e fazer da selva uma sua aliada. A adaptação orgânica às condições climáticas e meteorológicas, minimizará o desgaste físico. O treinamento especial do patrulheiro irá sobrepor-se às condições adversas do ambiente.

c. O uso de equipamentos dotados de maior rusticidade e resistência, mais leves e de menor tamanho, bem como maiores cuidados na sua conservação, são condicionantes para a atuação neste tipo de ambiente.

d. Devem ser empregadas armas de pequeno calibre, pronto acionamento e alta precisão.

e. Os reconhecimentos devem ser limitados e restritos, valendo-se o comandante da patrulha das informações existentes, dos guias e de cartas, quando disponíveis.

f. As ações em área de selva são comuns e semelhantes às executadas nas operações ribeirinhas.

#### 4–24. PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DA PATRULHA

a. O planejamento e a preparação da patrulha pelo seu comandante, obedece as mesmas normas que regem as patrulhas em ambientes convencionais.

b. Na execução, técnicas e processos da atuação, sofrem restrições, impostas pelas condições naturais do ambiente.

#### 4–25. ASPECTOS TOPOTÁTICOS DO TERRENO EM ÁREA DE SELVA

##### a. Observação e campos de tiro

###### (1) Observação

(a) A observação terrestre é definida pela densidade da vegetação.

(b) Instalam-se postos de escuta em substituição aos postos de observação, como consequência das restrições de visibilidade e do silêncio.

(c) A observação aérea é praticamente nula.

###### (2) Campos de tiro

(a) Inexistentes dentro do conceito convencional. O tiro com armas de trajetória tensa será possível a curtas distâncias; para distâncias maiores construir “túneis de tiro”.

(b) O tiro das armas de trajetória curva sofre a restrição de aspectos como: a copa da vegetação, a limitada observação e a dificuldade de controle.

**b. Cobertas e abrigos**

(1) Cobertas — A vegetação em área de selva proporciona excelente cobertura e condições para o ocultamento, o disfarce e a surpresa.

(2) Abrigos — O terreno muito movimentado apresenta inúmeras ravinas (socavões) que, com os troncos, constituem os abrigos naturais oferecidos pela selva.

**c. Obstáculos**

(1) A própria selva, com sua vegetação densa, pântanos e alagadiços constitui-se em obstáculo natural. Os deslocamentos são lentos e cansativos, implicando em maiores cuidados com a segurança.

(2) A existência de troncos nas aquavias, dificulta os deslocamentos de embarcações.

**d. Acidentes capitais**

(1) Para uma patrulha, o acidente tem importância como objetivo ou ponto de passagem.

(2) Podem ser caracterizados como acidentes capitais: entroncamento de estradas, trilhas, clareiras, campos de pouso, corredeiras, pontes, ancoradouros, estreitos, "furos", "paraná", ilhas, localidades e "bocas" de lagos.

**e. Vias de acesso**

(1) Em ambiente de selva, as vias de acesso disponíveis para deslocamentos a pé são as trilhas, os varadouros, as estradas e as direções definidas pelos azimutes.

(2) Os rios e os igarapés são as vias de acesso para forças embarcadas.

(3) O emprego de helicópteros, adequado ao tipo de missão, permite a possibilidade de utilização de vias de acesso aéreas.

f. O comandante da patrulha deve considerar a influência dos aspectos topográficos, nos seguintes aspectos:

- (1) seleção e utilização do material;
- (2) tipo e quantidade de suprimento;
- (3) treinamento dos homens;
- (4) ações da patrulha.

**4-26. MARCHAS**

a. Nos deslocamentos, o comandante da patrulha deve utilizar formações que lhe facilitem o controle.

b. Estabelecer segurança nos flancos, acima, à frente e à retaguarda, definindo a conduta, quando algo for observado.

c. As formações adotadas devem ser mais cerradas, diminuindo-se a distância entre os homens. A formação em coluna é comumente empregada, pois facilita o controle e a coordenação.



d. Não é comum a realização de deslocamentos noturnos. Normalmente, tais deslocamentos serão evitados. Caso sejam imprescindíveis, deve ser utilizado equipamento para visão noturna e guias.

e. O planejamento dos deslocamentos deve ser cuidadoso e o cumprimento do quadro-horário criterioso, principalmente, com relação aos altos.

f. Deverá ser sempre conduzida a bolsa de primeiros socorros, devidamente preparada. Havendo disponibilidade, integrar à patrulha um enfermeiro ou atendente.

#### 4—27. SEGURANÇA

a. A segurança nos deslocamentos, nos altos, nos pernoites e nas bases, obedece os mesmos princípios táticos, utilizados em ambiente convencional.

b. Os conhecimentos especiais sobre minas e armadilhas, explosivos e destruições, são de muita utilidade no estabelecimento da segurança para os pernoites e para as bases.

c. O emprego de guias e rastreadores confiáveis, da região, contribui para a segurança da patrulha.

d. Observar a disciplina de luzes e ruídos. Realizar a limpeza das áreas de bivaque.

e. Adotar medidas e ações contra possíveis perseguições, principalmente, ao entardecer.

f. A segurança deve ser uma preocupação constante em todas as ações da patrulha.

#### 4—28. ORIENTAÇÃO

a. Organizar uma equipe de navegação consciente e treinada.

b. Empregar guias da região, quando disponíveis e confiáveis.

c. A utilização de cartas em área de selva, quando disponíveis, é restrita.

d. Os processos de orientação pelo relógio, pelo sol ou estrelas podem ser empregados nas ações em aquavias. É, porém, restrito o seu emprego no interior da selva.

#### 4—29. SOBREVIVÊNCIA NA SELVA

a. As patrulhas que operam em área de selva devem estar em condições de sobreviver neste ambiente. O conhecimento e a instrução dos homens é de responsabilidade do comandante da patrulha.

b. A IP 72 - 25 — SOBREVIVÊNCIA NA SELVA, trata do assunto.

#### 4-30. BASES DE PATRULHA

a. O planejamento, a aproximação, a ocupação e a evacuação de uma base de patrulha obedecem ao previsto no capítulo 5, PATRULHA NA CONTRAGUERRILHA, deste manual.

b. As patrulhas em área de reunião seguem as normas e técnicas de instalação de uma base de patrulha, agilizando-se apenas algumas medidas administrativas.

#### 4-31. ADMINISTRAÇÃO

a. A patrulha deve iniciar a missão com o suprimento necessário para concluí-la. A ração deve ser testada e adequada ao homem. Havendo incompatibilidade orgânica à ração, reforça-la com outros tipos de alimentos, dando preferência àqueles pelos quais os homens apresentarem maior aceitação. Utilizar purificadores de água, conforme suas prescrições específicas.

b. O helicóptero e as embarcações são os meios comumente empregados no ressuprimento, na evacuação e nos repletamentos.

c. Pela escassez das vias de transporte terrestres, os movimentos são restritos para as viaturas sobre rodas e aos blindados de transporte de pessoal.

#### 4-32. COMUNICAÇÕES

a. Empregar rádios leves, pequenos e que tenham sido testados quanto ao seu real alcance em ambiente de selva. O conhecimento e a utilização de antenas improvisadas possibilita uma melhoria nas comunicações, sempre que a situação exigir.

b. O meio fio é empregado com restrições.

c. No âmbito da patrulha, empregar mensageiros que tenham afinidade com o ambiente selvático.

#### 4-33. OBSERVAÇÕES AO COMANDANTE DA PATRULHA

a. As patrulhas de pequeno efetivo são mais adequadas ao ambiente de selva, considerando as restrições impostas pelo meio.

b. A falta de informações sobre o objetivo, implica num planejamento sumário da missão. A patrulha, normalmente, é deslocada para um ponto de reunião próximo do objetivo e o seu comandante, acampanhado dos homens que julgar necessário, realiza o reconhecimento, definido as missões específicas.

c. Ambientação, instruções especiais e a seleção dos homens são fatores preponderantes para o êxito nas missões em área de selva.

## ARTIGO IV PATRULHA EM ÁREA URBANA

### 4–34. GENERALIDADES

a. Nas operações urbanas, normalmente de defesa interna, empregam-se patrulhas de reconhecimento e patrulhas de combate.

b. O planejamento e a preparação são comuns às demais patrulhas. Existem, entretanto, particularidades a considerar nas ações e condutas.

### 4–35. PATRULHA DE RECONHECIMENTO EM ÁREA URBANA

a. A missão precípua é a busca de informes.

b. Normalmente, a patrulha conduz metralhadoras leves, pistolas ou revólveres, cassetetes e granadas químicas, visando a segurança contra possíveis emboscadas. O emprego de armas pesadas e de maior calibre, dificulta o cumprimento da missão e aumenta a possibilidade de acertar elementos da população, caso haja troca de tiros.

c. Elementos do Exército, da Polícia Militar, Polícias Federal e Civil, fardados ou não, constituirão as patrulhas, cujo efetivo, normalmente, não deverá ultrapassar cinco homens.

d. Os deslocamentos a pé ou em viaturas (civis ou militares) seguirão itinerários predeterminados, buscando primordialmente, colher informes da atividade inimiga. Atenção especial deve ser dada para locais de concentração de público.

e. Num quadro tático maior, lançar forças de segurança nas proximidades da área de atuação, para salvar a integridade da patrulha.

f. As patrulhas de reconhecimento são lançadas pelos S2, aos quais compete receber o relatório da patrulha.

### 4–36. PATRULHA DE COMBATE EM ÁREA URBANA

a. O efetivo é variável, em função da missão e da amplitude da operação a ser desencadeada. Elementos da Polícia Civil, Militar e Federal podem integrar a patrulha.

b. As patrulhas visam elementos da força inimiga, a fim de capturá-los ou neutralizar suas ações, ou ainda obrigando-os a se dispersarem.

c. As missões de combate mais comuns são:

- (1) atacar redutos ou locais de reunião de elementos inimigos;
- (2) realizar a perseguição, após ter sido estabelecido o contato ou elementos inimigos identificados;
- (3) realizar emboscadas;
- (4) dominar uma área ou bloquear uma via de acesso;

(5) efetuar a limpeza de edificações.

d. O equipamento e o armamento serão variáveis, principalmente, em função da missão. Equipamentos especiais podem ser incluídos.

e. O deslocamento da patrulha é feito a pé, motorizado ou helitransportado. Viaturas blindadas são largamente empregadas no combate em área urbana.

#### 4-37. EQUIPES DE CAÇADORES AÉREOS

a. São equipes organizadas com armas e equipamentos especiais, transportadas por helicóptero.

b. Estas equipes utilizam-se da mobilidade e potência de fogo proporcionadas pelo helicóptero para atingir alvos que afetem o moral das forças inimigas.

c. Os alvos compensadores previamente levantados, tais como: líderes, viaturas e armamentos do inimigo, locais de reunião em áreas abertas ou edificadas, recebem fogos da aeronave ou de pontos selecionados, onde as equipes são desembarcadas. O resgate das equipes é feito imediatamente após a ação.

d. As equipes de caçadores aéreos, em área urbana, diferem das patrulhas de combate na finalidade da missão e no modo de atuação no objetivo.

#### 4-38. EMBOSCADAS EM ÁREA URBANA

a. São os ataques de surpresa desencadeados sobre grupos inimigos com o objetivo de capturá-los ou destruí-los, impedindo sua rearticulação a curto prazo.

b. São eficientes para a captura de:

- (1) líderes inimigos;
- (2) patrulhas ou grupos de choque inimigos;
- (3) alvos inopinados.

c. Existem dois tipos de emboscadas urbanas: as deliberadas e as de oportunidade. Tais emboscadas podem exigir adaptações, decorrentes da área urbana e das características do inimigo.

(1) Emboscada deliberada

(a) Caso as informações existentes sejam inadequadas, podem-se estabelecer diversas emboscadas deliberadas, ao longo de prováveis vias de acesso ou retraimento (Fig 4-1).

(b) Quando se dispõe de informações adequadas, uma única emboscada será estabelecida, num determinado ponto da via de acesso ou de retraimento.

(2) Emboscada de oportunidade

(a) Uma patrulha de combate que localize elementos inimigos, antes de ser percebida por eles, poderá estabelecer rapidamente uma emboscada. O adestramento dos homens, os ensaios e a iniciativa são importantes para o êxito neste tipo de ação.

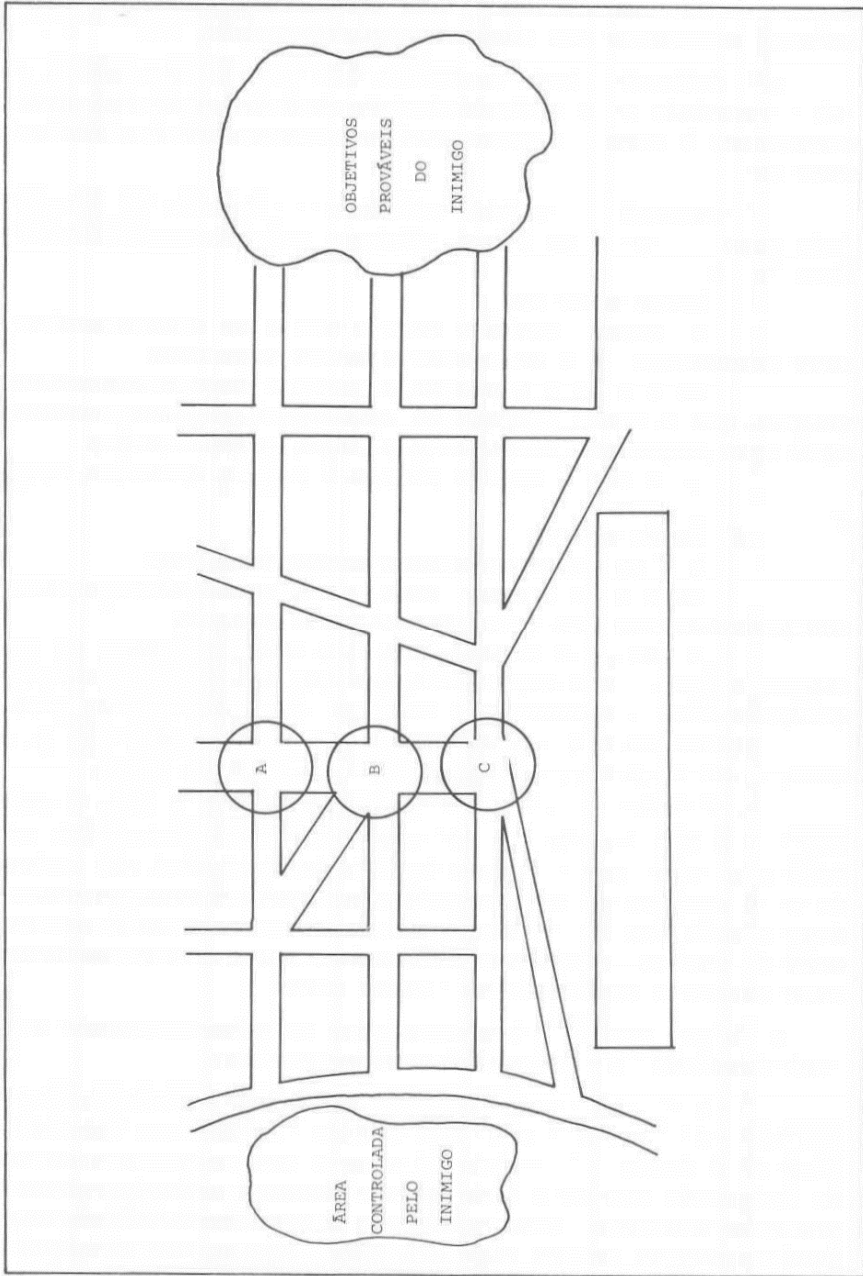


Fig 4-1 — Emboscada urbana deliberada.

(b) A patrulha poderá receber a missão de se deslocar para determinada área, selecionar um local e emboscar alvos compensadores.

d. A emboscada urbana, normalmente, evita fazer mortos e, também, não tem a preocupação de um rápido abandono da área de emboscada. Estes aspectos a diferenciam de outros tipos de emboscada, como por exemplo, as executadas em meio rural.

e. A organização em dois escalões, de segurança e de assalto, com seus respectivos grupos é comum à toda força de emboscada, assim como suas missões específicas (Fig 4-2).

(1) Escalão de segurança

(a) Protege o escalão de assalto e barra as vias de acesso possíveis de serem utilizadas pelo inimigo para reforçar os elementos emboscados.

(b) O grupo de acolhimento cumpre sua missão em local coberto e abrigado e com facilidades de escoamento motorizado. Normalmente, é localizado no itinerário compreendido entre a área da emboscada e o destino do alvo.

(c) A situação exigindo, pode cobrir a retirada do elemento de assalto.

(2) Escalão de assalto

(a) Tem a missão de neutralizar ou capturar o inimigo.

(b) O grupo de assalto recebe a missão de neutralizar ou capturar o inimigo. Procura atuar dentro da área de destruição da emboscada.

(c) Os grupos de bloqueio recebem missões específicas, tais como bloquear à frente e à retaguarda da área de destruição. Esses grupos poderão utilizar obstáculos móveis, transportados em viatura para o estabelecimento de barreiras.

(3) Em função do valor do inimigo a ser emboscado, poderá haver um elemento de reserva, que ficará em condições de reforçar a ação dos escalões.

f. O comandante da emboscada, normalmente, situado no grupo de assalto, determina o início das ações, por sinal ou gesto combinado, desencadeando a emboscada. O inimigo reagindo, o grupo de assalto atuará com gases, ação de choque ou outros meios mais violentos até dominá-lo. Uma equipe de busca, pertencente ao grupo de tarefa essencial, revista e identifica os prisioneiros, realizando, também, a prisão de líderes ou chefes, conforme a situação. A equipe de busca recolhe cartazes, armas e outros materiais, fazendo a limpeza da área.

g. A força emboscante deve colocar armas automáticas em posições favoráveis à execução do tiro prevendo a ação do inimigo pelo fogo.

h. O efetivo e a organização de uma patrulha de emboscada variam com a sua finalidade, com o inimigo visado e com as armas e equipamentos disponíveis. O equipamento empregado na emboscada é específico para inimigo a pé ou motorizado. Emboscando um grupo de guerrilheiros, normalmente, se empregam de imediato as armas automáticas. Quando a emboscada for para elemento infiltrado em grupo de manifestantes, empregar meios para separar o objetivo (alvo) da massa humana.

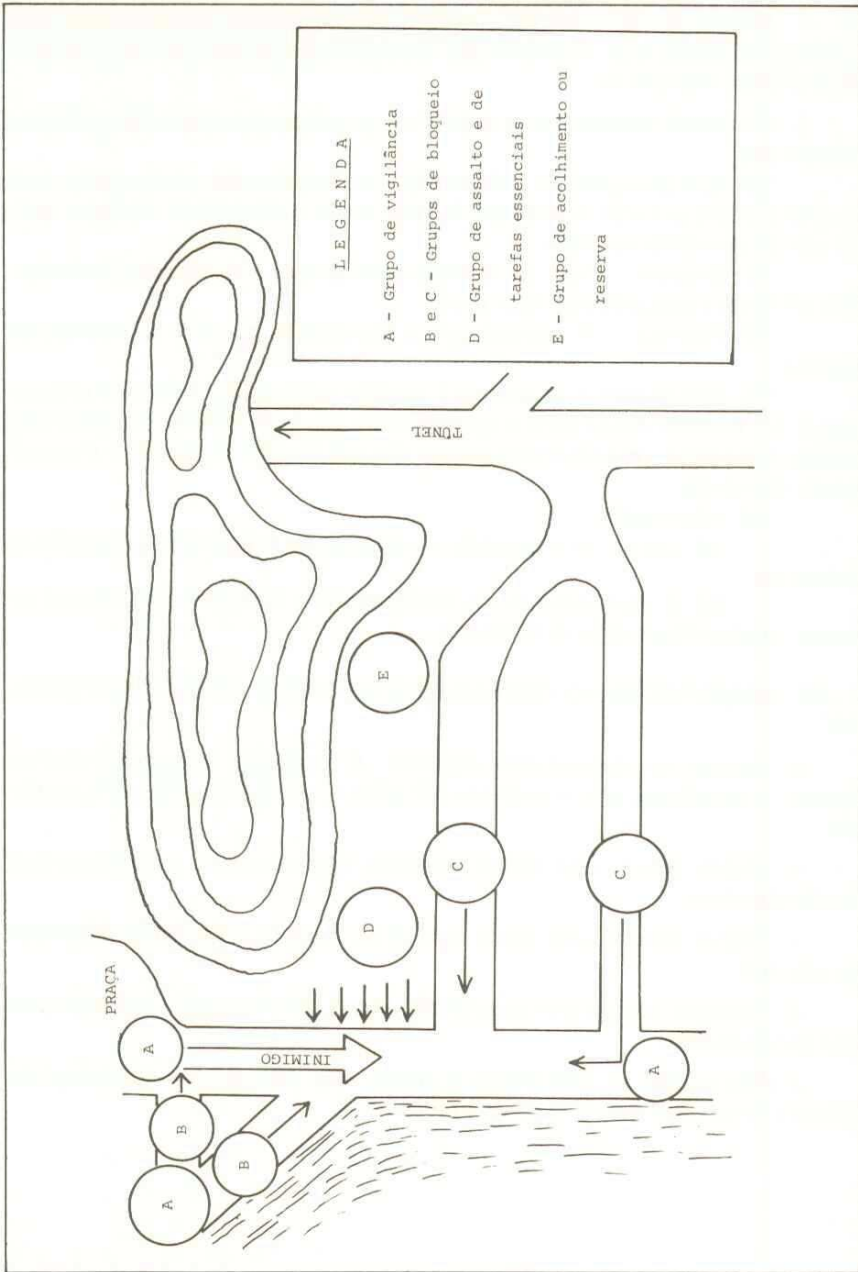


Fig 4-2 — Emboscada em área urbana.

i. O local da emboscada deve limitar os movimentos do inimigo e possibilitar o mínimo de vias de fuga. Os prédios das imediações não devem permitir o homizão. Se necessário, interdita-los.

j. Os fatores essenciais para o êxito numa emboscada urbana são os abaixo apresentados.

(1) Bom planejamento — O comandante da emboscada, ao planejá-la, deve considerar todas as linhas de ação possíveis de serem adotadas pelo inimigo e realizar ensaios para evitar surpresas.

(2) Controle — Deve ser mantido durante toda a emboscada. Comunicações eficientes e adequadas auxiliam muito.

(3) Paciência — É essencial para a manutenção do sigilo e obtenção da surpresa.

(4) Camuflagem — A surpresa é também consequência de uma boa camuflagem dos homens, armamentos e equipamentos. Descaracterizar os homens é uma medida importante, principalmente os que têm por missão, alertar sobre a aproximação do inimigo.

(5) Informações

(a) Devem ser exploradas e utilizadas na preparação e execução da emboscada.

(b) O conhecimento das peculiaridades e deficiências do inimigo aumenta a probabilidade de êxito da missão.

#### 4-39. OBSERVAÇÕES AO COMANDANTE DE PATRULHA EM ÁREA URBANA

a. Realizar um planejamento detalhado. A preparação da patrulha deve ser material e psicológica, pois o ambiente das ações é, normalmente, junto à população.

b. Atentar para as informações existentes, considerando-as em todas as fases do planejamento.

c. Ensaiar tanto quanto forem necessárias, todas as ações, sejam individuais ou coletivas.

d. Empregar homens com experiência, ou que realmente sejam indicados para este tipo de missão.

e. Não adaptar os helicópteros à missão, caso deles disponha. Empregá-los, somente se for viável do ponto de vista tático.



## CAPÍTULO 5

### PATRULHAS COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

#### ARTIGO I

#### PATRULHA AEROMÓVEL

##### 5-1. GENERALIDADES

(1) O lançamento de uma patrulha aeromóvel é uma decisão fundamentada no estudo da missão, da situação inimiga, do terreno, das condições meteorológicas e dos meios disponíveis.

(2) É importante para o emprego correto da aeronave o conhecimento de suas possibilidades e limitações.

##### 5-2. COMPOSIÇÃO, COMANDO E RESPONSABILIDADES

a. A composição de uma patrulha aeromóvel é imposta pela missão. Basicamente, deverá dispor de um elemento de combate terrestre e outro elemento de transporte aéreo de assalto.

b. O comando de operação aeromóvel cabe ao comandante da força terrestre que a realiza. Normalmente, os elementos de transporte aéreo reforçam a força terrestre ou são colocados em apoio a ela, ficando sob o controle operacional do comandante da força terrestre.

c. A responsabilidade pela operação aeromóvel cabe ao comandante da força terrestre de menor escalão que tenha meios de proporcionar o apoio necessário, fora da área do objetivo.

d. É importante o perfeito entendimento entre a força terrestre e a força aérea, visando ao êxito no cumprimento da missão. Por este motivo é comum a existência, no estado-maior do escalão responsável, de um oficial de ligação com a força aérea.

### 5-3. SEQÜÊNCIA DE PLANEJAMENTO

a. O planejamento de uma operação aeromóvel deve ser simples e flexível e desenvolvido na seqüência a seguir.

(1) Plano tático terrestre

(a) Engloba todos os detalhes de execução da missão da patrulha no terreno. A ação no objetivo, o posicionamento, as missões de cada grupo após o desembarque, a reorganização e as medidas de coordenação e controle, são abordados no plano tático terrestre.

(b) Basicamente, existem dois tipos de assalto aeromóvel: no primeiro, a patrulha é desembarcada, ou lançada sobre ou nas proximidades do objetivo, e tem como vantagens a surpresa e um desgaste físico menor; no segundo, existe um desembarque, uma reorganização e, a seguir, um deslocamento a pé para a ação no objetivo, tendo como vantagens a redução da perda de aeronaves e pessoal e a facilidade da coordenação do apoio de fogo de fora da área do objetivo.

(2) Plano de desembarque

(a) É confeccionado baseado no plano tático terrestre. Nele estão definidos os locais de aterrissagem onde desembarcam ou aterram os diversos grupos da patrulha. Esses locais a serem utilizados nem sempre são os mesmos para os escalões de assalto e de segurança. Daí a necessidade de se estabelecer neste plano a seqüência, a hora e o local do desembarque das frações.

(b) O escalão de assalto deverá ser desembarcado, ou lançado numa única vaga.

(c) No plano de desembarque, normalmente, ficam estabelecidos os auxílios de pouso, decolagem e reorganização da tropa, através da utilização de painéis, fumígenos etc.

(d) A reorganização é o momento mais vulnerável da patrulha, razão pela qual é fundamental a surpresa tática inicial, neste tipo de operação.

(3) Plano de deslocamento aéreo — Baseia-se no plano de desembarque. Elaborado por escrito, inclui um diagrama de rotas de vôo e um quadro de deslocamento aéreo. No plano de deslocamento aéreo são considerados os aspectos a seguir.

(a) Rotas de vôo

— São selecionadas para evitar as posições inimigas conhecidas ou suspeitas.

— Pontos de controle aéreo (PCA), estabelecidos por meio de acidentes do terreno facilmente identificáveis, definem uma rota de vôo. Os pontos que definem uma rota podem ser identificáveis por meio de recursos eletrônicos de navegação.

(b) Corredor de vôo — É definido por todas as rotas de vôo. Designados e coordenados com o escalão superior e com a artilharia. Os fogos dentro dos corredores são coordenados ou restritos.

(c) Formação de vôo — Determinada por considerações técnicas e táticas. As técnicas regulam as restrições de vôo. A formação determinada deve ser

a que melhor apóia o plano de desembarque e o plano tático terrestre.

(d) Altitude de vôo

— A baixa altitude reduz as possibilidades inimigas de detectar o movimento ou de, efetivamente, utilizar fogos e armas de longo alcance e de grosso calibre contra as aeronaves em vôo.

— Voando à baixa altitude, as aeronaves tiram o máximo partido das irregularidades do terreno, obtendo assim, alguma proteção contra os fogos das armas portáteis, contra os radares de busca do inimigo e os mísseis terra-ar.

(e) Velocidade de vôo — Depende do tipo de aeronave e da formação adotada. Normalmente, as aeronaves voam na velocidade de cruzeiro estabelecida. Quando dois ou mais tipos de aeronaves voam em um único grupamento, a velocidade-cruzeiro é definida pela aeronave de menor velocidade.

(f) Controle de deslocamento

— Normalmente, a navegação é visual. Havendo dificuldade de visualização dos acidentes do terreno, definir suficientes pontos de controle aéreo (PCA), equipados com meios eletrônicos de auxílio à navegação aérea.

— Pontos de liberação (P Lib) são determinados para auxiliar o controle do deslocamento aéreo.

(g) A assessoria do pessoal da Força Aérea é imprescindível no plano de deslocamento aéreo.

(4) Plano de carregamento e embarque

(a) Baseia-se no plano de deslocamento aéreo. Deve ser simples.

(b) Para operações de pequeno vulto, pode consistir apenas em informar onde e quando a patrulha deverá embarcar. O embarque deve ser o mais rápido.

(c) Princípios que o comandante da tropa deve obedecer, no plano de carregamento e embarque:

— distribuir pessoal e material taticamente, procurando manter a unidade tática de seus grupos;

— o pessoal e o equipamento, mais importantes, devem ser distribuídos em aeronaves diferentes;

— os patrulheiros conduzem o equipamento necessário ao cumprimento da missão, individualmente, bem como a munição necessária;

— conduzindo cargas, marcá-las e registrá-las no manifesto de carga (relação do pessoal e material embarcado);

— as guarnições acompanham as armas coletivas.

#### 5-4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLANEJAMENTO E A PREPARAÇÃO

a. O emprego das normas de comando na fase do planejamento, agiliza as ações do comandante de patrulha.

b. Normalmente, são confeccionados os quatro planos específicos de uma patrulha aeromóvel, independente da forma de condução dos patrulheiros até o obje-

tivo, ou transportados por quaisquer tipos de aeronaves ou lançados por pára-quadras.

c. O entendimento entre o comando da força terrestre, responsável pela operação, e o elemento da força aérea em apoio, é realizado através dos elementos de ligação de ambas as forças.

d. São estabelecidos, normalmente, "briefing" operacionais, após o planejamento. Com o desenrolar de sucessivas operações, a rotina dos "briefing" tornar-se-á bastante simplificada.

(1) "Briefing" operacional da força terrestre

(a) Conduzido pelo comandante da operação ou seu representante.

(b) É exclusivo da força terrestre e conta com a presença dos comandantes de frações subordinadas.

(c) Ao término do "briefing" os comandantes de fração estão cientes da execução das missões no solo, dos locais de aterragem ou pista de desembarque, das zonas de lançamento e as vagas que transportarão suas frações, especificamente, para os diversos tipos de transporte.

(2) "Briefing" operacional força terrestre – força aérea

(a) Emitido pelos comandantes de ambas as forças, pelos elementos de ligação, pelos pilotos e todos os comandantes de frações empenhados na missão.

(b) É conduzido por elementos da força aérea.

(c) Confirmará os detalhes concernentes ao apoio da força aérea à força terrestre.

(3) "Briefing" operacional da força aérea

(a) A finalidade específica é o estabelecimento de medidas de coordenação e controle entre as aeronaves que participam da missão.

(b) Além de todos os pilotos, participa o elemento de ligação da força terrestre.

#### 5-5. OBSERVAÇÕES AO COMANDANTE DE PATRULHA AEROMÓVEL

a. Normalmente, elementos especializados, tanto da força terrestre quanto da força aérea, podem apoiar o comandante da missão.

b. É importante a realização de ensaios de todas as ações e prováveis condutas, específicos para cada tipo de aeronave empregada.

c. O conhecimento sobre zona de pouso para helicópteros, locais de aterragem, balizamentos, formações, utilização do rádio, embarque e desembarque, técnicas de lançamento, medidas de segurança e apoio de fogo aéreo será baseado e orientado pela instrução das unidades ou elementos especializados.

## ARTIGO II

### PATRULHA NA CONTRAGUERRILHA

#### 5–6. PRELIMINARES

a. O planejamento, a preparação e a conduta de uma patrulha na contraguerrilha, foram vistos nos capítulos 1, 2 e 3, deste manual.

b. Nas operações de contraguerrilha, a patrulha é a forma de atuação típica da pequena fração.

c. As ações de patrulha na contraguerrilha, por força das peculiaridades complexas desse tipo de luta e do ambiente onde se desenvolvem, exigem o emprego de homens adestrados, de armamentos e equipamentos especiais e adequados. O patrulheiro deve possuir uma mentalidade profissional de cumprimento de missão, pois esta será árdua e, nem sempre, os resultados serão palpáveis ou visualizados a curto prazo.

d. Frações taticamente organizadas para ações regulares, podem ser adaptadas na organização, para as missões de contraguerrilha.

#### 5–7. OBJETIVOS DAS PATRULHAS NA CONTRAGUERRILHA

a. Obter informes sobre a força de guerrilha, realizar ações para inquietá-la ou destruí-la. Impedir pela presença física que a força de guerrilha tenha liberdade de movimentos em sua área de operações.

b. Contactar com povoados isolados, proporcionar-lhes sensação de segurança e o conhecimento do terreno onde se desencadeiam as operações.

c. Eliminar líderes guerrilheiros poupando combates e, conseqüentemente, vidas humanas.

d. Colher informes precisos, que assegurem o êxito nas operações de contraguerrilha.

#### 5–8. MISSÕES

a. As missões de reconhecimento, de combate ou ambas de uma patrulha na contraguerrilha visam, normalmente, à força de guerrilha.

b. Os tipos de missões são os comuns a todas as patrulhas.

#### 5–9. PROCESSOS DE PENETRAÇÃO E RETRAIMENTO

a. Normalmente, a patrulha atinge a área do objetivo realizando uma infiltração. Os processos de infiltração dependem de vários fatores como a missão, a situação dos guerrilheiros, os meios de transporte disponíveis, a profundidade da penetração, as condições meteorológicas, a prioridade do objetivo, a superioridade aérea (em fases mais adiantadas) e o terreno.

b. Qualquer que tenha sido o processo de penetração, nas proximidades do objetivo, a patrulha, normalmente, seguirá a pé, a fim de manter o sigilo.

c. A infiltração pode ser aérea (para-quedas, helicóptero, avião), terrestre (a pé ou motorizada), ou aquática. Na infiltração terrestre por ultrapassagem do inimigo, a patrulha permanece escondida, permitindo a ultrapassagem pelas forças guerrilheiras.

d. Normalmente, o escalão que lança a patrulha é responsável pelo fornecimento de meios para o retraimento, quando for necessário. O processo de retraimento depende da(o) (s):

- (1) missão;
- (2) situação de guerrilheiros;
- (3) terreno;
- (4) meios de transporte disponíveis;
- (5) proximidade das tropas amigas;
- (6) futuras missões da patrulha.

## 5-10. BASE DE COMBATE, BASE DE PATRULHA E ÁREA DE REUNIÃO

### a. Conceituações

#### (1) Base de combate

(a) É instalada pelo batalhão, companhia ou equivalente, normalmente, em área verde ou amarela, para se constituir em pontos de concentração dos seus órgão de comando e de serviços, de sua reserva e de outras frações não empenhadas nos patrulhamentos ou encarregadas da segurança da base.

(b) A reserva, normalmente, deve possuir grande mobilidade.

(c) Há um equilíbrio entre as medidas de segurança e de conforto.

#### (2) Base de patrulha

(a) É uma base temporária, instalada na área de responsabilidade de uma subunidade ou equivalente, a partir da qual o pelotão ou grupo de combate cumprem missões de reconhecimento ou de combate.

(b) O tempo de ocupação, normalmente, não deverá ultrapassar 48 (quarenta e oito) horas, por medida de segurança e sigilo.

(c) As bases de patrulhas são instaladas por pelotões, lançados pelas subunidades ou equivalentes, de suas bases de combate.

(d) Localizam-se, geralmente, em áreas amarelas e delas se irradiam pequenas patrulhas.

(e) As medidas de segurança e táticas prevalecem sobre as medidas de conforto.

#### (3) Área de reunião

(a) Destina-se ao pernoite de final de jornada ou à dissimulação da patrulha durante o dia, quando, taticamente, isto for necessário.

(b) Prevalecem as medidas de segurança, adequadas em função do efetivo da patrulha e do ambiente operacional.

(c) A instalação de uma área de reunião é semelhante a uma base de patrulha, sendo restritas as medidas administrativas.

#### 5–11. SELEÇÃO DO LOCAL DA BASE DE PATRULHA

a. O planejamento, o estudo da carta e de fotografias aéreas indicam os melhores locais para a instalação da base de patrulha.

b. A escolha na carta deve ser confirmada no terreno, antes da ocupação. Prever um outro local, como opção.

c. Na escolha do local, observa-se os aspectos a seguir.

(1) Missão da patrulha.

(2) Dissimulação e segurança do local desejado.

(3) Possibilidade do estabelecimento das comunicações necessárias.

(4) Necessidade de suprimento aéreo. A área de lançamento não deve comprometer a localização da base. Havendo mais de um lançamento, prever outras áreas. A noite é favorável para o lançamento.

(5) Adequabilidade da área. Considerando o ambiente operacional, escolher um terreno seco e bem drenado. As medidas de segurança preterem as de conforto da patrulha.

(6) Proximidade de uma fonte de água, sempre que possível.

#### 5–12. FASES DA INSTALAÇÃO DE UMA BASE DE PATRULHA

a. Definido o local da base, o planejamento e a preparação da instalação, normalmente, obedece à seqüência abaixo:

(1) aproximação da base;

(2) reconhecimento;

(3) ocupação;

(4) estabelecimento de um sistema de segurança;

(5) medidas administrativas;

(6) inspeções;

(7) evacuação da base.

b. **Aproximação e reconhecimento** (Fig 5-1).

(1) Evitar regiões habitadas.

(2) Observar ao máximo a disciplina de ruídos.

(3) Aproveitar judiciosamente o terreno.

(4) Fazer um alto-guardado, numa posição coberta e abrigada, próxima do local escolhido para a base. A distância, considerando o ambiente operacional, deve permitir a visualização da base e o apoio mútuo entre os elementos do reconhecimento e os que permanecem no alto-guardado.

(5) Reconhecimento do local exato pelo comandante da patrulha, acompanhado pelos comandantes de escalões e grupos, rádio-operador e mensageiro da patrulha. Cada comandante de grupo leva um homem, que será o guia posteriormente.

(6) Designação pelo comandante da patrulha, após reconhecimento, do ponto de entrada da base, que será o ponto das 6 horas pelo processo do relógio.

(7) Desloca-se para o interior da base e define o centro (PC) e o ponto das 12 horas. Os pontos 6 e 12 horas são definidos por referências que se destaquem no ambiente.

(8) Não tendo a patrulha uma NGA de ocupação, do centro da base, o comandante designa os setores para os grupos, utilizando-se do processo do relógio.

(9) Os comandantes subordinados reconhecem os seus setores, verificam sua situação no terreno e retornam para junto do comandante da patrulha, que se encontra no centro da base.

(10) O comandante de grupo permanece à entrada da base, aguardando a chegada da patrulha, auxiliada pelos guias.

### c. Ocupação da base de patrulha

(1) O início da ocupação, propriamente dita, deve ser feito com alguma luminosidade, antes do escurecer, visando à preparação correta do sistema de segurança. A ocupação durante a noite é dificultada pelas condições de visibilidade para os reconhecimentos, identificação do terreno e escolha das posições.

(2) Normalmente, as patrulhas devem possuir uma NGA de ocupação, o que torna rotina para o soldado, a instalação de uma base de patrulha ou área de reunião. O emprego das NGA elimina grandes reajustes no dispositivo.

(3) A mecânica da ocupação é definida a seguir (Fig 5-2).

(a) A patrulha abandona a direção de marcha em ângulo reto, e atinge a entrada da base em coluna por um e por grupos.

(b) Cada comandante de grupo, que está à entrada da base, conduz sua fração pela linha 6-12 horas até atingir o flanco esquerdo de seu setor, ocupando-o no sentido horário. Deixa o primeiro homem da coluna em posição. Cada homem tem que conhecer a localização de quem está nos seus flancos, à frente e à retaguarda, bem como saber as rotas de qualquer movimentação prevista, dentro e fora da área da base.

(c) O grupo de comando se dirige para o PC, no centro da base.

(d) O comandante verifica o perímetro da base e determina as alterações que julgar necessárias.

(e) Os comandantes dos grupos reconhecem o terreno à frente do seu setor, definindo as posições dos postos de vigia e de escuta, conforme planejamento do comandante da patrulha.

(f) O comandante de grupo ocupa uma posição em seu setor onde possa melhor controlar seus homens e ligar-se, visualmente, com o comandante da patrulha. Havendo restrições em função do ambiente operacional, adaptar as ligações por quaisquer meios disponíveis.

(4) Uma **falsa base** (Fig 5-3), prevista para iludir o inimigo quanto a localização da base principal, pode ser ocupada, quando o comandante da patrulha tiver suspeitas de persiguição. A **falsa base**, escolhida na região da **base principal**, funcio-



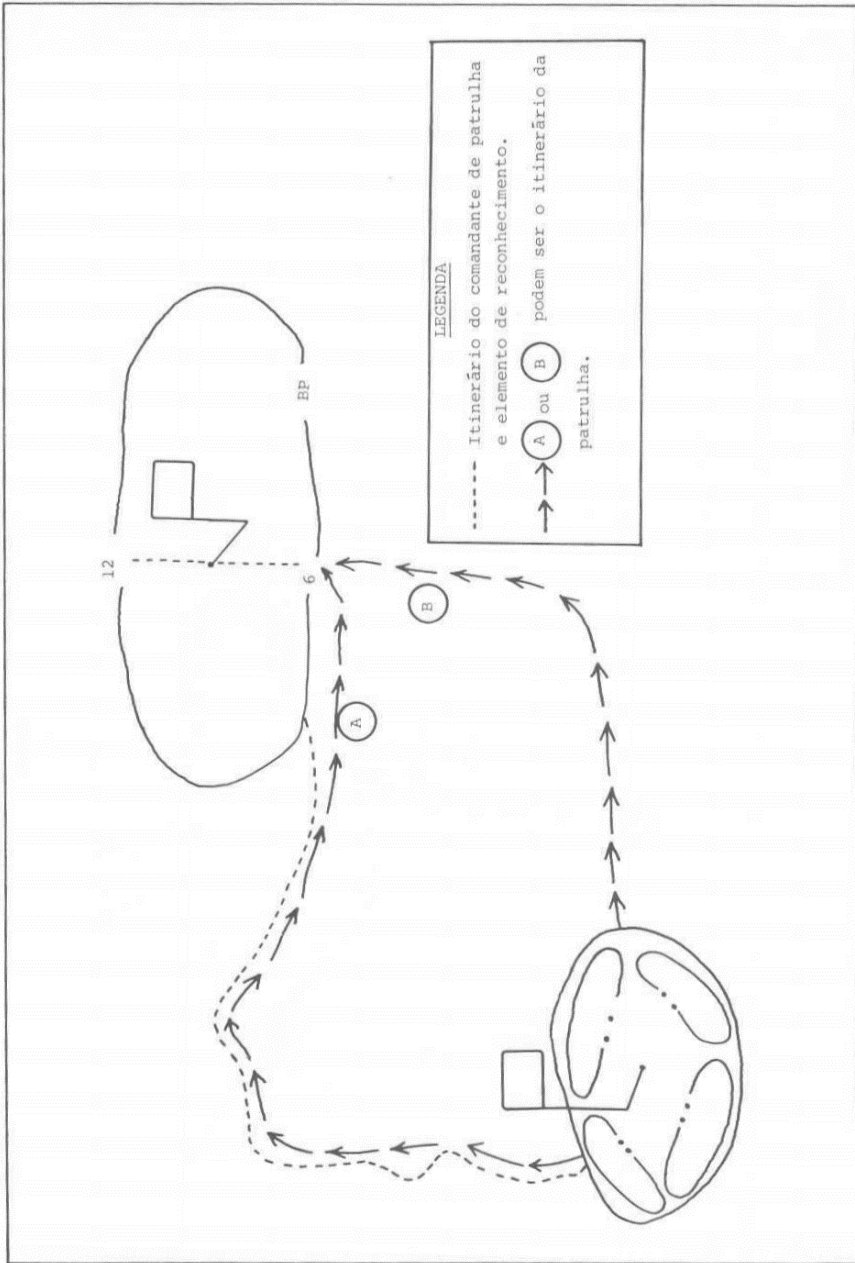


Fig 5-1. — Aproximação e reconhecimento de uma base de patrulha.

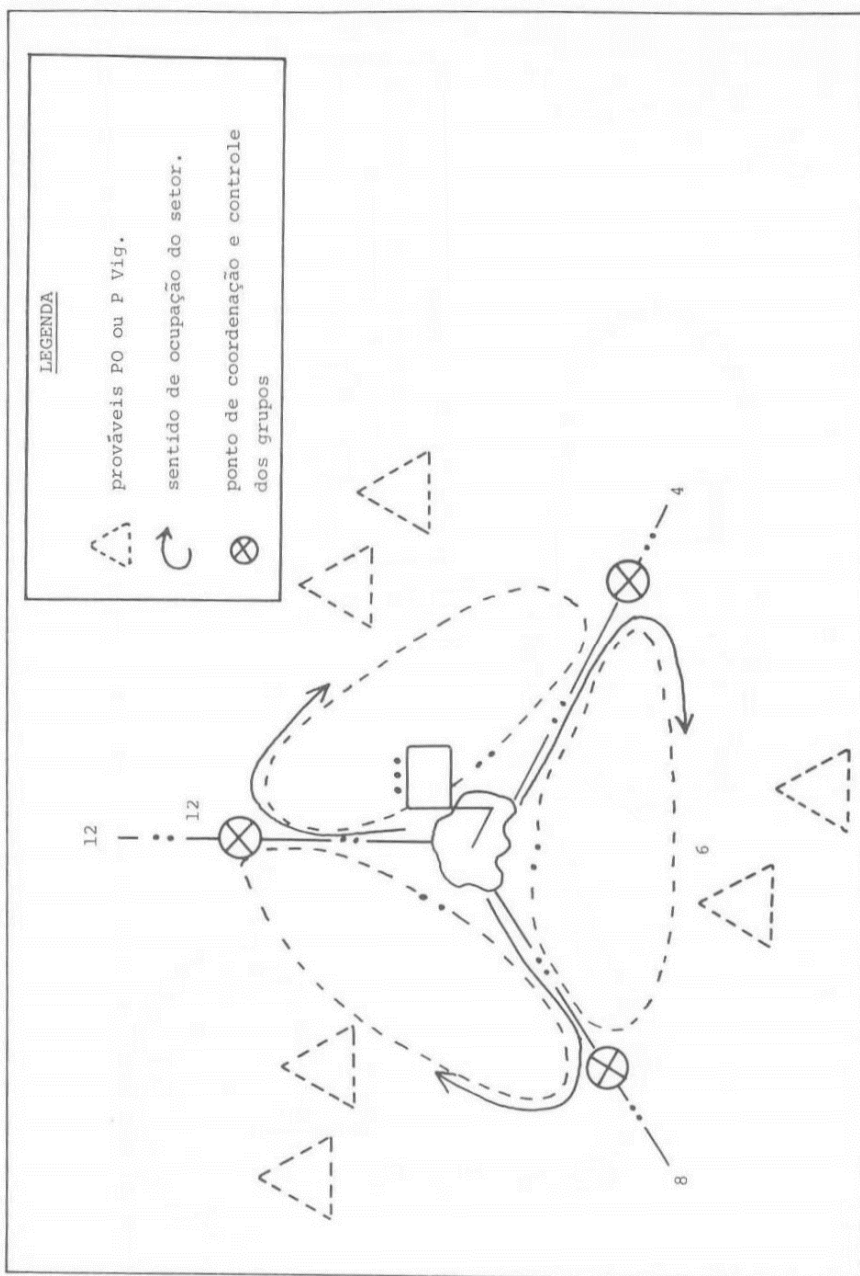


Fig 5-2. — Um exemplo de ocupação de base de patrulha.

nará como um segundo alto-guardado. Um processo de ocupação da **falsa base** é abaixo descrito.

- (a) A patrulha se aproxima da área e realiza o alto-guardado.
- (b) O comandante de patrulha, seu radioperador e mensageiro, juntamente com os comandantes de grupo e seus guias deslocam-se para o reconhecimento da **falsa base**.
- (c) Os guias retornam e a patrulha é conduzida pelo subcomandante até a entrada da falsa base.
- (d) Procede-se, normalmente, a ocupação.
- (e) Visando ganhar tempo diurno, enquanto a patrulha se instala na falsa base o comandante da patrulha com os elementos de reconhecimento partem para a **base principal**, (verdadeira). Assim, tem início a segunda fase da instalação de uma base, que é o reconhecimento.
- (f) O subcomandante responde pela patrulha na **falsa base**, até conduzi-la para a entrada da **base principal**, onde se encontra o comandante.

(5) **Base alternativa** (Fig 5-3)

- (a) É uma medida de segurança que dá flexibilidade ao comandante da patrulha, caso a **base principal** seja atacada.
- (b) Iniciada a ocupação da **base principal** e transmitidas as ordens aos homens, o comandante da patrulha, com seu radio-operador e mensageiro, acompanhados pelos comandantes de grupo e respectivos guias, partem para o reconhecimento da **base alternativa**.
- (c) O comandante da patrulha deve estudar as prováveis direções de atuação do inimigo e definir um mínimo de rotas de fuga para a **base alternativa**. As rotas são opostas às prováveis direções de atuação do inimigo e dirigidas para a **base alternativa**. Normalmente, dois guias são designados para cada rota selecionada. Um orienta o grosso da patrulha e o outro aguarda o grupo que faz face ao inimigo.
- (d) Os comandantes de grupo e os guias partem para o reconhecimento pelas rotas de provável utilização até a entrada da **base alternativa**. Os itinerários são amarrados por azimutes ou balizados por quaisquer meios.
- (e) Na **base alternativa**, o comandante define o setor dos grupos. Considerando o fator tempo, esta ocupação será semelhante a de um alto-guardado, com redobradas medidas de segurança.
- (f) Retornando à **base principal**, onde o subcomandante deu andamento aos trabalhos, o comandante da patrulha realiza sua inspeção. Os comandantes de grupo informam seus homens sobre o itinerário, a quem ou o que seguir e o setor do grupo na **base alternativa**. Na jornada seguinte, a situação permitindo e mediante autorização do comandante da patrulha, os homens dos grupos reconhecem os itinerários.

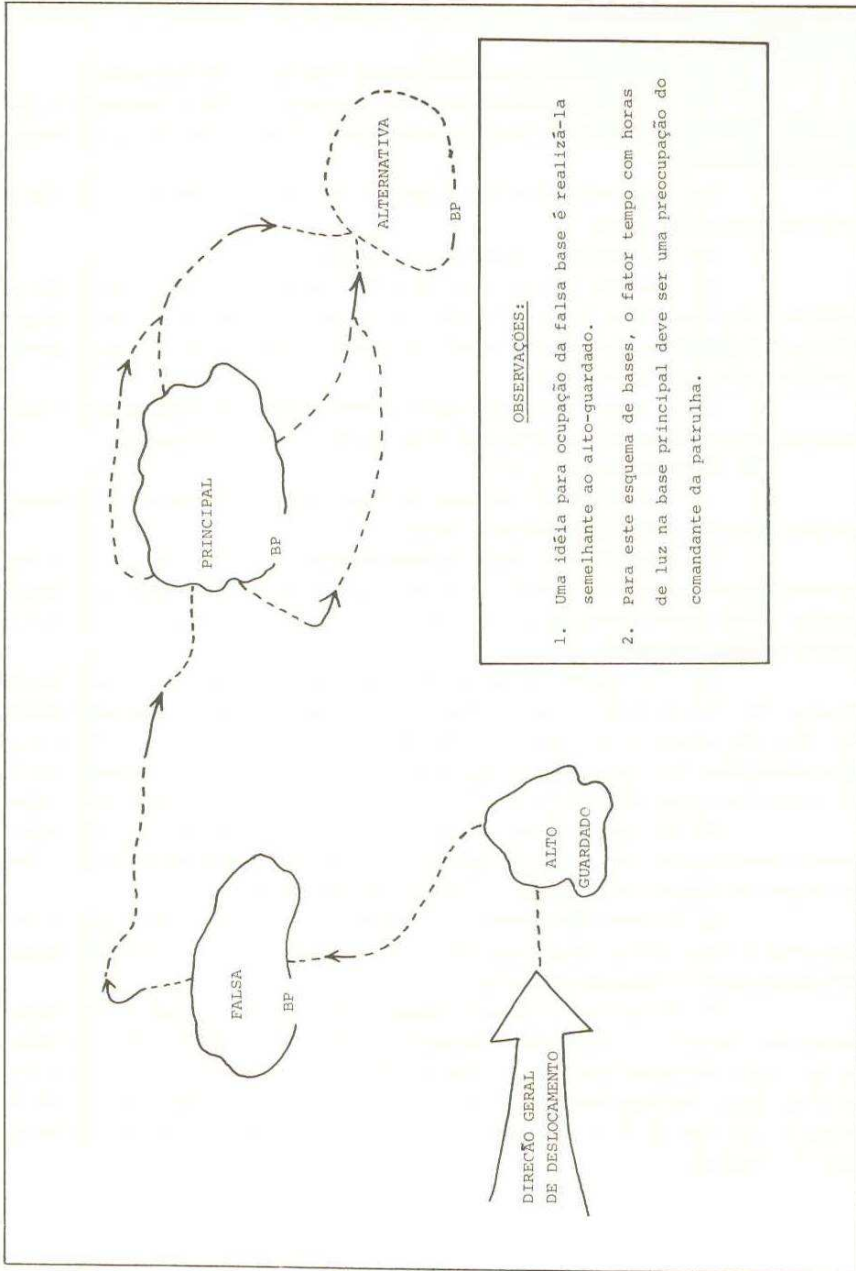


Fig 5-3. — Um exemplo da localização das bases.

**d. Estabelecimento do sistema de segurança (Fig 5-4)****(1) Sistema de postos de escuta e de vigia**

(a) Postos de vigia e/ou postos de escuta, definidos e instalados em função do ambiente operacional, integram o sistema de comunicações da base. Havendo disponibilidade, grupos de 2 ou 3 elementos são designados e operam esses postos, evitando-se o movimento. Normalmente, são lançados pelos grupos ou previstos pelo comandante da patrulha.

(b) Meios de comunicações silenciosos ligam os postos aos comandantes de grupo e estes ao comandante da patrulha. Cordas e cipós, empregados com convenções estabelecidas, quanto ao número de puxadas, são eficientes. Sempre que possível, empregar o telefone.

(c) Durante o dia, os vigias devem colocar-se bem à frente, a uma distância que não lhes permita ouvir os ruídos naturais vindos da base. À noite, os postos de escuta devem ocupar posições centrais e mais próximos dos homens da periferia da base.

(2) Normalmente, não se defende uma base de patrulha atacada. Para esta situação, o comandante deve prever bases secundárias e o plano de evacuação da base principal. Conseqüentemente, rotas de fuga e pontos de reunião, dependendo das distâncias, são planejados e reconhecidos.

(3) Para maior segurança, somente uma saída-entrada para a base deve ser utilizada. O ponto é camuflado e guardado permanentemente.

(4) Normalmente, o comandante da patrulha designa elementos com conhecimentos especiais para instalar fora da área da base, um sistema de alarme, lançar minas e montar armadilhas. Tal sistema deve ser definido antes da ocupação, considerando a necessidade de material.

(5) Determinar a senha, contra-senha e sinais de reconhecimento.

(6) Determinar as ações a realizar em caso de ataque, incluindo a evacuação da base sob fogos inimigos. Existindo armas coletivas na patrulha, o comandante define posições de tiro considerando as características de seu inimigo.

**(7) Defesa da base**

(a) Para evitar a destruição ou captura do material essencial para o cumprimento da missão, o comandante da patrulha deve decidir por uma defesa limitada, dando prioridade de fogos para a direção de penetração do inimigo.

(b) Normalmente, quando a base for atacada, é abandonada, mediante controle e determinação do comandante da patrulha e uma expressiva ação de comando dos comandantes de grupos.

(c) A ocupação da base secundária implica em reforçar o esquema de segurança, considerando que o inimigo tem conhecimento das atividades da patrulha na região.

(d) Quando na área da base existirem restrições de cobertas e abrigos, devem ser preparados abrigos individuais para o homem deitado.

(8) Por medida de segurança, todos devem estar em condições de emprego, trinta minutos antes do escurecer e do amanhecer.

(9) A posição para dormir deve favorecer uma pronta resposta do homem para tomar uma posição de tiro.

(10) Em função da missão, a patrulha que ocupa uma base, pode pulverizar-se em outras patrulhas de menor efetivo. Em tal circunstância, deve permanecer sempre uma segurança na base que tenha ligação rádio com as patrulhas.

(11) Normalmente, duplas de homens são lançadas para reconhecimentos à frente da periferia da base, para verificar a presença do inimigo nas proximidades. São designados pelo comandante e coordenados pelo comandante de grupo que planeja a execução. Os homens aguardam no setor e mediante um sinal, deslocam-se no sentido dos ponteiros do relógio, cobrindo uma área em torno de 200 metros, observando as características do ambiente operacional.

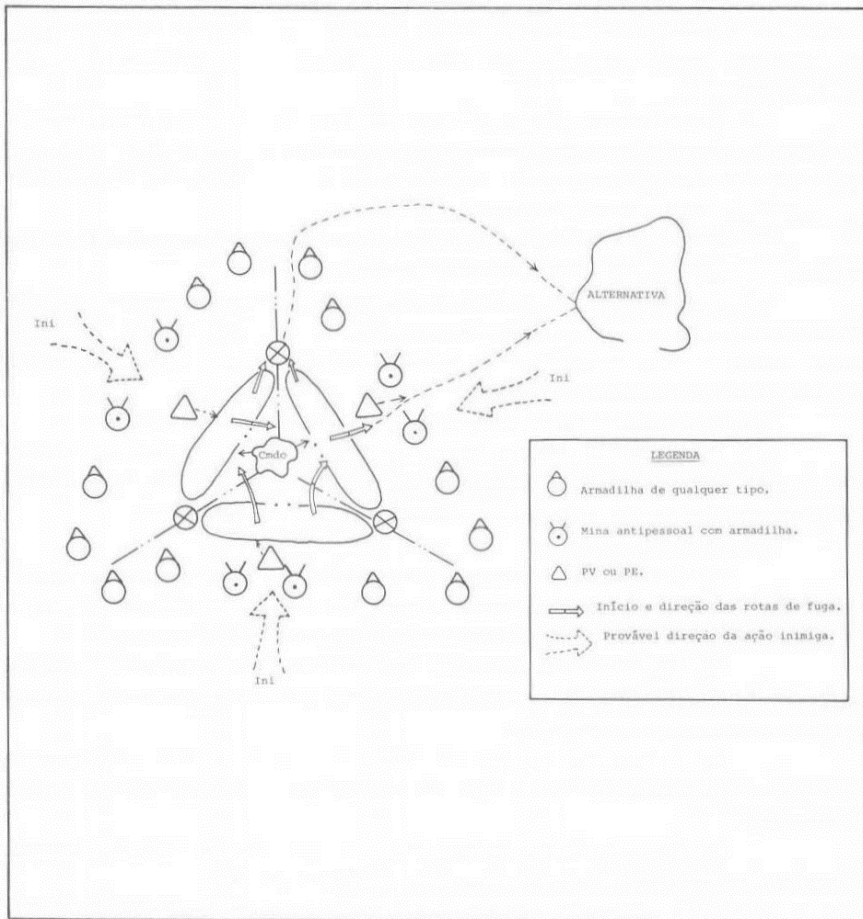


Fig 5-4. — Um esquema de segurança de base.

**e. Medidas administrativas** — Concluídas as medidas de segurança (instalação operacional), iniciam-se as medidas administrativas (instalação administrativa). O comandante decide qual o grau de conforto que dará aos seus homens. Entre outras medidas, o comandante pode determinar as que se seguem.

- (1) A construção de latrinas entre as posições dos grupos e os PV ou PE.
- (2) O suprimento ou ressuprimento de água (por dois ou três homens) uma vez por dia e normalmente, antes do amanhecer. Disciplinar o consumo.
- (3) A construção de abrigos sumários para o pernoite. Conforme o grau de segurança exigido, cada homem tem o seu horário de serviço. O homem, sempre que a situação o permitir, pode descansar ou dormir.
- (4) Um terço da patrulha, no mínimo, deverá sempre estar alerta em seus postos.
- (5) Regras rígidas de higiene.
- (6) Utilizar do fogo para preparo da alimentação, dependendo da atividade do guerrilheiro na região. Normalmente, o consumo da ração será ainda com luz.
- (7) O horário da manutenção diária do material. O material permanece em condições de pronto emprego.
- (8) Horários para as próximas atividades, inclusive para a jornada no dia seguinte.

**f. Inspeção**

- (1) As medidas de segurança e administrativas devem estar prontas por volta de trinta minutos antes do escurecer, para que o comandante da patrulha possa inspecioná-las.
- (2) As inspeções são contínuas e têm por objetivo agilizar a instalação da base, concorrendo para que, operacionalmente, a base fique pronta ainda com luz.
- (3) Normalmente, são inspecionados(as):
  - (a) limites dos setores dos grupos;
  - (b) ligações entre os grupos (homens dos flancos);
  - (c) localização dos PV ou PE, bem como sua ligação com o grupo do setor e/ou centro da base (PC);
  - (d) sistema de alarme (ligações) e segurança; interrogar os homens quanto a setor de tiro e condutas; válido também para as armas coletivas;
  - (e) patrulhas com saída prevista à noite;
  - (f) condutas para ocupação da base alternativa.
- (4) Durante a inspeção, o comandante deve transmitir as medidas administrativas e de segurança, ainda não transmitidas e de interesse da patrulha.

**g. Evacuação da base de patrulha**

- (1) A base, normalmente, será evacuada por imposição do inimigo, por imposição tática ou por segurança.
- (2) Todas as medidas são tomadas para impedir ou dificultar vestígios de permanência da patrulha no local.
- (3) Detritos são enterrados ou camuflados ou ainda, conduzidos pela pa-

trulha para outro local.

- (4) A limpeza da área é de responsabilidade de todos os patrulheiros.
- (5) O período favorável à evacuação da área é o noturno.
- (6) Agilizar a preparação para a evacuação.

### 5-13. COMUNICAÇÕES NA BASE DE PATRULHA

a. As comunicações são estabelecidas com o escalão superior e com as frações subordinadas. No âmbito da patrulha, o sistema deve permitir uma comunicação silenciosa entre os homens. Sempre que possível, dobrar os meios.

b. Pode-se empregar:

- (1) rádio, que exige grande disciplina de exploração;
- (2) telefone, desde que seu fardo, peso e tempo de instalação não tragam desvantagens às operações;
- (3) mensageiro, muito empregado no âmbito da base;
- (4) meios acústicos, óticos e de fortuna;
- (5) antenas improvisadas para melhorar e facilitar as comunicações.

### 5-14. RESSUPRIMENTO

a. O ressuprimento terrestre exigirá os cuidados necessários para que o deslocamento não seja descoberto pelo inimigo, correndo o risco do material cair em seu poder. Não é recomendado e será executado, em caso de muita necessidade.

b. O ressuprimento aéreo em seu planejamento deve prever:

- (1) rota de aproximação;
- (2) zona de lançamento, afastada da base;
- (3) pista de aterrissagem, se for o caso;
- (4) hora de lançamento, de preferência à noite;
- (5) ligação terra-avião, por código;
- (6) depósito camuflado, caso o material não possa ser todo transportado à noite.

### 5-15. OBSERVAÇÕES AO COMANDANTE DE PATRULHA NA CONTRA-GUERRILHA

a. O homem necessita de uma preparação psicológica para combater nas operações de contraguerrilha. As informações corretas e seguras, a conversa informal do comandante de patrulha e a injeção moral, fortalecem a consciência do patrulheiro para o cumprimento da missão.

b. O planejamento minucioso e uma preocupação adequada elevam o moral dos homens, pois evitam incertezas.

c. No prosseguimento das ações, acompanhar a evolução das reações de seus homens. Sempre que possível, após o cumprimento da missão, inicie um processo



de decompressão psicológica, que deverá ter continuidade após o término da operação.

d. Durante a permanência em uma base de patrulha, rever o planejamento e conduzir com segurança as operações.

e. Partindo de qualquer base de patrulha, informar aos homens a localização da base alternativa ou o ponto de reunião, para o caso da base ser desativada.

f. Obtém-se segurança e conforto numa base de patrulha, através de uma disciplina rigorosa e uma liderança hábil.

g. Defina as condutas e fiscalize se todos os integrantes da patrulha tomaram conhecimento, principalmente com relação às medidas restritivas de segurança.

h. As operações contraquerrilhas, normalmente, são desencadeadas sob condições especiais de ambiente. Compete ao comandante de patrulha se informar da maneira de atuação do inimigo, suas peculiaridades e deficiências naquele ambiente operacional. É interessante, também, tomar conhecimento como tem se conduzido as patrulhas amigas.

i. O apoio da população local e o emprego de guias cadastrados da região, muito contribuem para o êxito na missão.

j. O pelotão de fuzileiros, constituindo-se em uma patrulha na contraquerrilha, adaptará sua organização à missão e sempre que possível, manterá a integridade tática dos grupos de combate. Na ocupação de uma base de patrulha, o Pel Fzo possuindo uma NGA de ocupação, empregá-la-á, observando os conceitos definidos neste manual.

### ARTIGO III PATRULHA FLUVIAL

#### 5–16. GENERALIDADES

a. As patrulhas fluviais são comuns em áreas ribeirinhas, onde predominam as vias de comunicações pela água, em regiões pouco desenvolvidas e cuja população habita, geralmente, às margens dos rios. Podem apresentar trechos com terrenos relativamente alagados, pântanos ou florestas, grandes planícies ou terrenos relativamente planos.

b. Nas operações ribeirinhas, é também comum o emprego de patrulhas aeromóveis helitransportadas.

c. Todos os conceitos sobre patrulhas terrestres são aplicáveis às patrulhas fluviais, ressaltadas as características peculiares do ambiente operacional ribeirinho.

d. Sempre que possível, as atividades das patrulhas fluviais devem ser coordenadas com o reconhecimento aéreo dos cursos-d'água e áreas vizinhas.

- e. São empregados botes de assalto nas patrulhas fluviais.
- f. As vantagens de uma patrulha fluvial são:
  - (1) maior velocidade do que as patrulhas a pé, em conseqüência, possibilita um maior raio de ação;
  - (2) maior capacidade de carga, aumentando o poder de combate da patrulha;
  - (3) proporciona um menor desgaste físico aos homens.
- g. Como desvantagens apresenta:
  - (1) o movimento é canalizado, ficando subordinado aos cursos-d'água existentes;
  - (2) maior vulnerabilidade às vistas e fogos inimigos;
  - (3) dependência da disponibilidade de botes;
  - (4) utilizando-se o motor de popa, provável quebra do sigilo.

#### 5-17. PROCESSOS DE DESLOCAMENTOS FLUVIAIS

a. Os conceitos referentes aos movimentos motorizados são aplicáveis aos deslocamentos fluviais: segurança à frente, nos flancos e à retaguarda.

b. Em princípio, os deslocamentos são realizados pelos processos a seguir descritos.

(1) Movimento contínuo — Durante o movimento contínuo, todas as embarcações movem-se a uma velocidade moderada. A segurança é baseada na observação e na ação de pequenos grupos nos locais mais viáveis às ações inimigas. Este processo é o que oferece maior rapidez de movimento e menor grau de segurança.

(2) Movimento por lanços sucessivos (Fig 5-5) — Durante o movimento por lanços sucessivos as embarcações da patrulha mantêm suas respectivas posições na coluna. O sistema de segurança entre os botes é recíproco e um inicia o seu deslocamento, quando o outro já tenha ocupado posição.

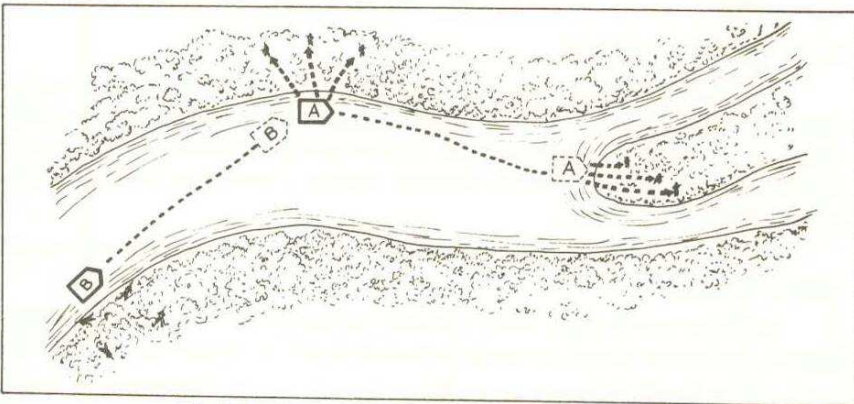


Fig 5-5 — Movimento por lanços sucessivos.

(a) O bote **A** avança até um ponto em que tenha observação à frente; seus ocupantes desembarcam e entram em posição. Uma vez em condições de fornecer a segurança, sinaliza para o bote **B** e este prosseguirá para o local do bote **A**. Os demais botes se deslocam para o local anterior do bote **B**.

(b) Os elementos do bote **B** ocupam as posições dos elementos do bote **A**. Ato contínuo, os elementos do bote **A** embarcam e prosseguem até o próximo ponto de observação escolhido, onde desembarcarão e o processo se repete.

(c) É o processo que oferece maior segurança, sendo, porém, o mais lento.

(3) Movimento por lanços alternados (Fig 5-6) – O movimento das duas embarcações da frente é alternado por ultrapassagem. Um bote não pára no local do que está à frente e sim, ultrapassa-o.

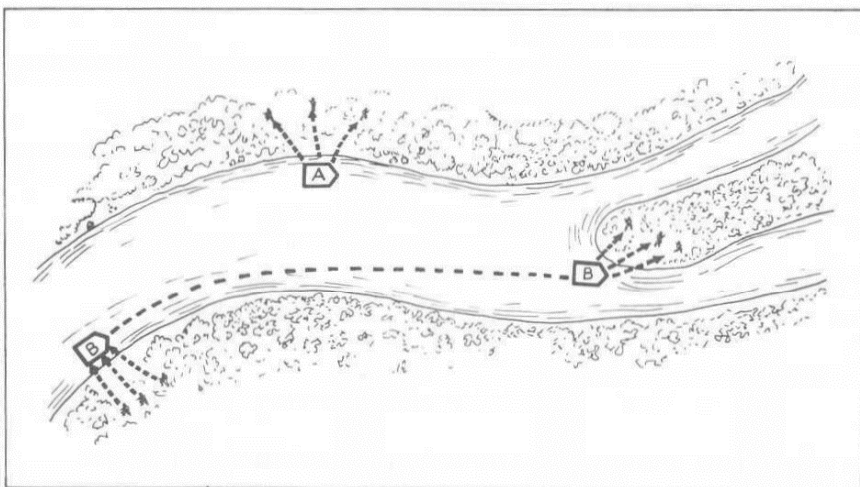


Fig 5-6 – Movimento por lanços alternados.

(a) O bote **A** ocupa posição num ponto que permita observação à frente. Sinaliza para o bote **B** que, tendo embarcado o pessoal, ultrapassa o local do bote **A** e entra em posição à frente. Os demais botes se deslocam e ocupam a antiga posição do bote **B**. Proporciona maior rapidez que o movimento por lanços sucessivos, mas não permite ao homem do bote que ultrapassa, um reconhecimento cuidadoso à frente.

(b) O contato rádio entre os botes permite que o bote em posição auxiliar, com informações, o bote que irá ultrapassá-lo.

c. Responsabilidades específicas por zonas de observação e setores de tiro, são dadas a cada homem por embarcação. O contato visual é mantido entre as embarcações.

d. Homens, armas e equipamentos devem ser distribuídos entre as embarcações de tal maneira que a patrulha possa cumprir sua missão, mesmo que uma das embarcações se perca.

e. Designar um membro da patrulha para observar e anotar as condições da aquavia e margens.

f. As patrulhas utilizando pequenas embarcações, podem ser transportadas por helicópteros. As embarcações a remo podem ser helitransportadas rio acima, eliminando-se o esforço de remar contra a correnteza, permitindo à patrulha realizar um reconhecimento rio abaixo. Incluir, neste caso, medidas para evacuação de emergência ou reforço da patrulha.

g. No deslocamento, a patrulha pode seguir pelo centro da aquavia ou próximo à margem, dependendo da distância.

(1) Pelo meio da aquavia

(a) O deslocamento é feito distante das margens, em consequência dificulta a realização de fogos ajustados sobre os botes.

(b) Possibilita uma maior capacidade de manobra.

(c) Nos deslocamentos rio abaixo, aproveita-se a corrente, obtendo-se maior velocidade e menor consumo de combustível.

(d) Maior dificuldade em localizar o inimigo.

(e) Quando rio acima, a corrente é maior, conseqüentemente, menor velocidade e maior consumo de combustível.

(2) Próximo à margem

(a) Maior possibilidade de dissimulação no deslocamento.

(b) Facilita a localização do inimigo.

(c) Maior possibilidade de receber fogos ajustados.

## 5-18. FORMAÇÕES UTILIZADAS NOS DESLOCAMENTOS FLUVIAIS

a. A formação a ser adotada e as distâncias e intervalos entre as embarcações, serão função da situação, das características da aquavia e de suas margens, das condições de visibilidade e da disponibilidade de embarcações.

b. Normalmente, uma boa formação é aquela que permite o controle pelo comandante da patrulha.

## 5-19. ORIENTAÇÃO NOS DESLOCAMENTOS FLUVIAIS

a. Basicamente, a orientação nas aquavias é amarrada por pontos de referência existentes. Cachoeiras, ilhas, bancos de areia, pequenas localidades e até mesmo árvores de grande porte, que se destacam na vegetação das margens, serão excelentes pontos de referência.

b. A utilização de guias é o meio mais eficiente para a navegação fluvial.

c. Durante a noite, um processo que pode ser empregado, é o da determina-

ção do itinerário por pontos. O comandante da patrulha tira azimutes ao longo do itinerário até o objetivo, prevendo atingí-lo ou chegando próximo em uma das margens (Fig 5-7).

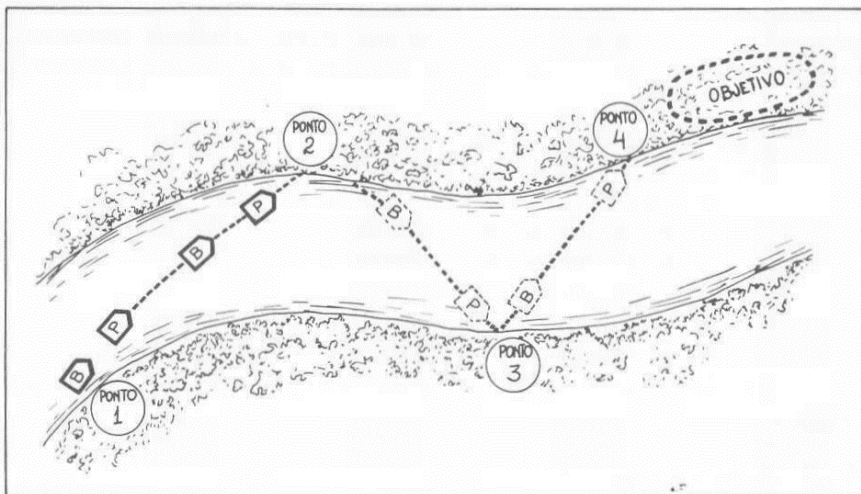


Fig 5-7 – Uma técnica para orientação fluvial noturna.

(1) Tira-se o azimute magnético do **ponto 1** para o **ponto 2**. O **bote-ponto** (P), atingindo o **ponto 2**, ancora firmemente, aguardando a chegada do **bote-bússola** (B).

(2) Do **ponto 2**, tira-se o azimute do **ponto 3** e o **bote-ponto** inicia deslocamento até atingí-lo. Aguarda a chegada do **bote-bússola** e, assim, o mecanismo se repete até cumprir o planejamento pelo comandante da patrulha.

(3) Existindo outros botes na patrulha, estes se deslocam à retaguarda do **bote-bússola** ou conforme determinação do comandante da patrulha.

(4) O **bote-ponto** deve ter uma lanterna escurecida para que possa ser visto pelos demais botes, quando o deslocamento for noturno.

(5) As correções na direção do **bote-ponto** devem ser feitas pelo **bote-bússola** e através do rádio.

## 5-20. EMBOSCADAS E CONTRA-EMBOSCADA

a. Normalmente, em ambiente ribeirinho, emboscadas são empregadas por ambos os contedores, tanto em deslocamento fluvial, quanto nos deslocamentos terrestres.

b. O planejamento e a execução de uma emboscada em área ribeirinha assemelham-se à emboscada terrestre. Adaptações necessárias são feitas face às características desta área.

c. Cuidado especial com a segurança nos deslocamentos, visando impedir o desencadeamento ou minimizar os efeitos de uma emboscada inimiga.

d. As ações de uma tropa ao sofrer uma emboscada, quando em deslocamento numa aquavia, são semelhantes às executadas numa ação de contra-emboscada terrestre. As características das margens do curso-d'água, os tipos de embarcações utilizadas, o número de motores, o inimigo e a missão, serão os fatores condicionantes da ação de reação.

e. Durante a ação de emboscada

(1) Elementos dentro da área de destruição

(a) Procurar abandoná-la o mais rápido possível.

(b) Identificar a posição emboscante.

(c) Guarnições dos botes respondem ao fogo.

(2) Elementos fora da área de destruição

(a) Procurar desembarcar, cerrando para as margens.

(b) Atacar a posição emboscante pelos flancos ou retaguarda.

(3) Considerar a distância da posição emboscante e da patrulha para a conduta.

#### 5-21. AÇÃO NO OBJETIVO

a. Normalmente, existem dois casos, definindo a forma de atuação.

b. Combinar ação fluvial com bloqueio terrestre (Fig 5-8).

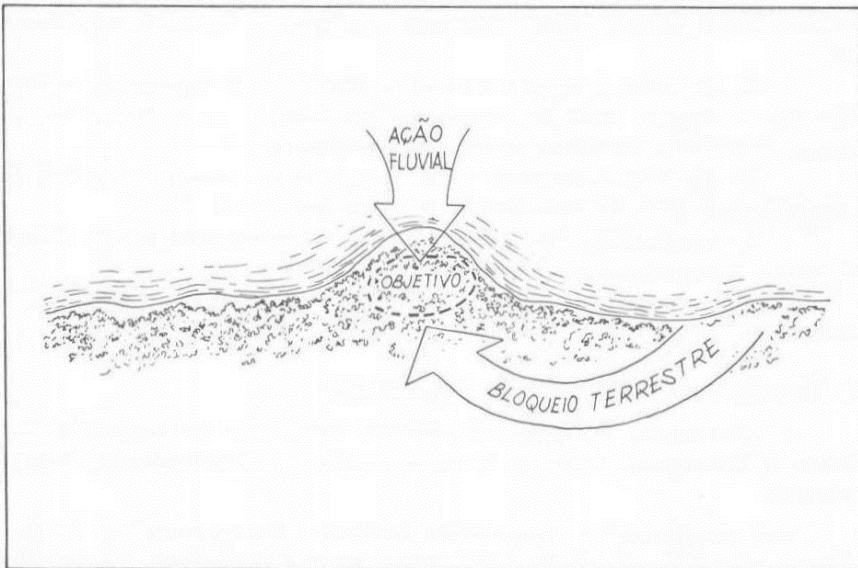


Fig 5-8 – Ação fluvial com bloqueio terrestre.

(1) A força do bloqueio pode ser transportada em embarcações ou em helicópteros, e de conformidade com o planejamento do comandante da patrulha, desembarcada distante do objetivo (botes e helicópteros) ou sobre o objetivo (helicópteros).

(2) É a ação mais indicada contra objetivos localizados em partes salientes do terreno.

c. Combinar ação terrestre com bloqueio fluvial (Fig 5-9)

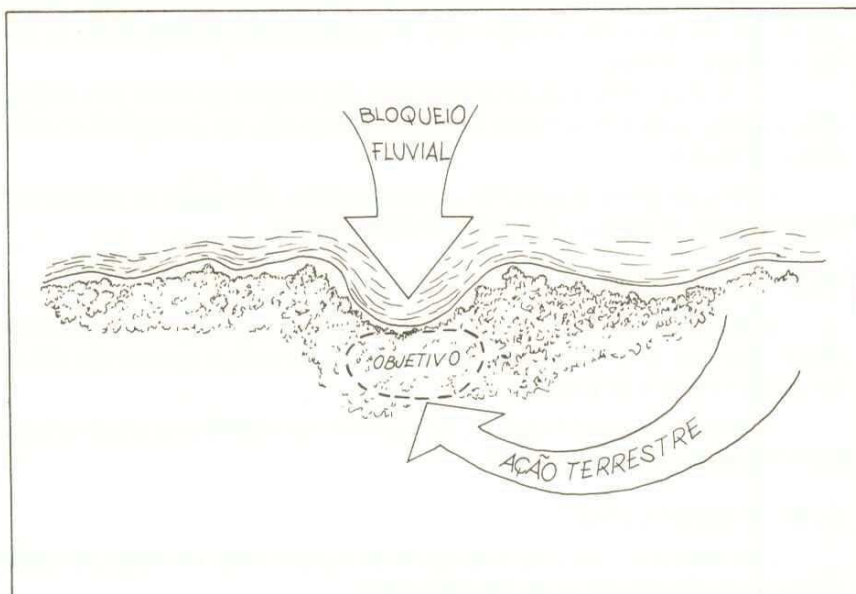


Fig 5-9 – Ação terrestre com bloqueio fluvial.

(1) É a ação mais indicada contra objetivos localizados em enseadas.

(2) O elemento de bloqueio deverá ocupar posições de emboscadas e fica em condições de executar uma perseguição.

d. Para qualquer forma de ação no objetivo, o planejamento e a coordenação são detalhados, ressaltando-se a importância da realização de ensaios.

## 5-22. BASE PARA PATRULHA EM ÁREA RIBEIRINHA

a. São instaladas em terra ou flutuantes.

### b. Base de patrulha em terra

(1) A escolha do local será influenciada pela facilidade do acesso às primeiras linhas de comunicação aquática, facilidade de defender e do grau de influência sobre a população civil.

(2) A sua defesa é em função do efetivo da patrulha, do terreno, do inimigo e da missão.

(3) Sempre que possível, as patrulhas que utilizam pequenas embarcações, com dificuldades de ancoragem, devem optar por uma base terrestre.

(4) O planejamento, a aproximação, o reconhecimento, a ocupação e a evacuação, são comuns a todas as bases de patrulha.

**c. Bases flutuantes**

(1) Serão montadas em embarcações de maior ou menor calado, em função do efetivo do escalão considerado e da possibilidade de deslocamento na aquavia, onde será instalada.

(2) Para a defesa das bases flutuantes são lançadas patrulhas com embarcações armadas, postos de sentinela e freqüentes inspeções são realizadas nas imediações do flutuante.

d. Para pernoites, as patrulhas ocupam posições, observando as mesmas medidas para bases terrestres ou flutuantes, conforme o caso.

#### 5-23. APOIO LOGÍSTICO

a. As técnicas de apoio logístico são basicamente as mesmas das patrulhas terrestres, devendo ser orientadas também, para o suprimento e manutenção das embarcações e motores de popa.

b. Havendo disponibilidade de helicópteros, empregá-los nos ressuprimentos, nas evacuações e repletamento.

#### 5-24. COMUNICAÇÕES

a. O rádio é o meio mais empregado. Os equipamentos instalados nas embarcações funcionam dentro de seu alcance normal.

b. Normalmente, cada embarcação conduz um equipamento rádio.

c. Atuando em área de selva ou em local de difícil propagação, utilizar antenas improvisadas.

d. Utilizar o rádio economicamente.

e. Sinais e gestos convencionais são utilizados, conforme determinação do comandante da patrulha.

f. O emprego de aeronaves de reconhecimento e ligação, permite um recobrimento das comunicações, proporcionando benefícios no aspecto moral.



## ARTIGO IV PATRULHA MOTORIZADA

### 5-25. MISSÃO

A patrulha motorizada recebe, normalmente, missões semelhantes às patrulhas a pé. Devido a sua mobilidade e capacidade de penetração é comum, também, cumprirem missões à retaguarda das linhas inimigas.

### 5-26. FINALIDADE

As patrulhas são motorizadas para permitir:

- a. percorrer maiores distâncias em menor tempo;
- b. conduzir equipamentos e munições de maior peso e quantidade;
- c. operar em áreas contaminadas;
- d. reduzir as vulnerabilidades, considerando as possibilidades do inimigo e a disponibilidade dos tipos de viatura para a missão.

### 5-27. ORGANIZAÇÃO GERAL E PARTICULAR

a. A patrulha motorizada é organizada em grupos e escalões, à semelhança da patrulha a pé. A missão recebida define o tempo e os limites para o transporte motorizado e as situações de conduta no desembarque ou não dos homens.

b. Manter, sempre que possível, a integridade da esquadra de fuzileiros, do grupo de combate ou de outros grupos organizados em função da missão, na articulação dos homens pelas viaturas.

### 5-28. PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE UMA PATRULHA MOTORIZADA

a. De um modo geral, a patrulha motorizada é planejada e preparada da mesma forma que as patrulhas a pé. Seguem-se considerações referente a uma patrulha motorizada.

#### b. Viaturas

(1) O número e o tipo de viaturas a serem utilizados na missão dependem, principalmente, da missão, do terreno, das possibilidades do inimigo e da disponibilidade dos meios. A utilização de viaturas sobre roda propicia uma maior mobilidade.

(2) Durante a preparação, o comandante da patrulha verifica se as viaturas estão em boas condições de funcionamento e se forem devidamente abastecidas de combustível, óleo e água, bem como supridas de acessórios, sobressalentes e combustível suplementar.

(3) Os motoristas são também patrulheiros.

(4) Tampa traseira rebatida. Os toldos e cajados serão retirados, permanecendo apenas os cajados das extremidades. Mochilas e equipamentos extras, colocá-los sobre os bancos, deixando livre a parte central. O comandante, em função da possibilidade de atuação do inimigo, pode determinar que os bancos sejam rebatidos.

(5) Camuflá-las quanto ao brilho e identificação. Baixando o pára-brisa (Vtr 1/4 e 3/4 Ton), cada viatura necessita de um cortador de arame (antidecapitador), colocado na parte central do pára-choque dianteiro.

(6) Os pisos e as laterais das viaturas são reforçados com sacos de areia ou chapas de aço.

(7) O efetivo a ser transportado não deve ultrapassar a capacidade prevista para cada tipo de viatura.

(8) Cada viatura terá o seu comandante, previamente designado. Seu lugar na viatura é o que lhe permita exercer a ação de comando sobre seus homens.

(9) Normalmente, são instaladas armas automáticas nas viaturas.

(10) Uma equipe de manutenção, quando possível, é incorporada à patrulha para a depanagem de problemas mecânicos.

(11) O comandante da patrulha define os chefes de viatura e estes designam o patrulheiro que irá na cabine com o motorista. É importante que o patrulheiro escalado conheça o itinerário.

#### **c. Armamento e equipamento**

(1) O equipamento e o armamento a serem conduzidos dependem da missão, do terreno, inimigo e meios disponíveis.

(2) A patrulha motorizada tem possibilidade de transportar meios mais pesados, tais como: canhões sem recuo, morteiros, metralhadoras pesadas, botes pneumáticos, motores de popa etc. Cabe ao comandante da patrulha a decisão sobre o que conduzir.

(3) As armas são alimentadas, carregadas e travadas, em condições de pronto emprego.

#### **d. Comunicações**

(1) As comunicações bem planejadas e executadas são essenciais para o cumprimento da missão de uma patrulha motorizada.

(2) Estabelecer ligações entre as viaturas e entre a patrulha e o escalão que a lançou.

(3) Utilizar-se de rádios de curto alcance, comandos a voz e sinais visuais. A ligação com o escalão superior é estabelecida através da utilização e seleção de meios como estações veiculares de longo alcance e aeronaves leves.

#### **e. Plano de embarque**

(1) Tem por finalidade facilitar tanto o embarque quanto o desembarque do material e pessoal no início do movimento, durante o deslocamento e no objetivo, se necessário.

(2) O plano de embarque é simples e bem elaborado e deve responder as perguntas: o quê e quem vai por viatura, e a seqüência do embarque e desembarque

do pessoal e material.

(3) Ensaiar tantas vezes até atingir um bom nível de execução.

**f. Segurança**

(1) Os comandantes de viatura atribuem a cada homem um setor de observação, recobrando frente, flancos e retaguarda. Isto proporciona às viaturas a realização de fogos para quaisquer direção e o contato visual entre as viaturas.

(2) Orientar os motoristas para possíveis condutas. Definir distâncias entre as viaturas e velocidade.

(3) Prever um vigia antiaéreo, realizando rodízio para evitar a fadiga.

**5–29. EXECUÇÃO**

**a. Organização para o movimento**

(1) Considerar na articulação das viaturas as necessidades táticas da patrulha e o emprego dos meios.

(2) Recebendo blindados, colocá-los à testa e/ou retaguarda da coluna.

(3) Havendo possibilidade de se lançar um grupo de segurança motorizado (Gp Seg Mtz), como testa, precedendo a patrulha em 2 ou 3 minutos (1 Km aproximadamente). Este grupo compõe-se de viaturas leves (1/4 Ton) e, de preferência, com armamento e equipamento rádio orgânicos.

(4) Quando em deslocamento em área com possibilidade de contato iminente com o inimigo, a velocidade será mais lenta (15 a 25 Km/h). A distância entre as viaturas é definida pelo terreno, porém, num mínimo de 50 (cinquenta) metros.

(5) A viatura deve manter contato visual com a da frente e a da retaguarda, possibilitando o apoio mútuo.

**b. Processos de penetração nas áreas inimigas**

(1) Existem duas formas de uma patrulha motorizada penetrar nas linhas inimigas: à viva força e realizando uma infiltração.

(2) Na penetração à viva força, a patrulha rompe o dispositivo do inimigo e, em seguida, inicia seu deslocamento para a região do objetivo. É utilizada quando o inimigo encontra-se em larga frente. Tem como desvantagem a quebra do sigilo, e a possibilidade de iniciar sua missão com o poder de combate enfraquecido, caso encontre resistência inimiga.

(3) Atuando à viva força, normalmente, a patrulha é reforçada por elementos blindados e recebe apoio de fogo. Em princípio, a decisão do emprego deste processo caberá ao escalão superior.

(4) Na infiltração, a patrulha desloca-se: por viaturas, por grupo de viaturas, ou como um todo, através ou em torno dos elementos avançados da defesa do inimigo, até pontos de reunião, previamente designados e situados à retaguarda. É o processo, normalmente, mais empregado e que apresenta as menores possibilidades de ação inimiga; é favorável também, em noites escuras e chuvosas.

(5) As ligações com tropa amiga, em cuja área de ação ou interesse a pa-

trulha atuará, são de responsabilidade do comandante do escalão que a lança. Normalmente, o comandante da patrulha, durante o seu planejamento, reconhece várias posições por onde a patrulha passará, coordenando seus movimentos e estabelecendo contatos com os responsáveis pela área.

(6) Aproximando-se das posições ocupadas por tropa amiga, a patrulha desloca-se com a máxima cautela, fazendo as ligações necessárias com um mínimo de homens, procurando com isso preservar o sigilo da missão. É importante, a patrulha tomar conhecimento dos últimos informes do inimigo na área, do terreno à frente, da existência de obstáculos e do apoio que possa ser dado à patrulha.

### 5-30. PROCESSOS DE PROGRESSÃO

a. A patrulha motorizada se desloca pelos seguintes processos ou combinação deles: deslocamento contínuo, lanços sucessivos e lanços alternados.

#### b. Deslocamento contínuo

- (1) A velocidade da viatura é moderada durante todo o deslocamento.
- (2) A rapidez do deslocamento é limitada pela necessidade de segurança.
- (3) As viaturas da testa só param para reconhecer áreas perigosas.
- (4) É o processo mais rápido, porém, o menos seguro.

#### c. Lanços sucessivos (Fig 5-10)

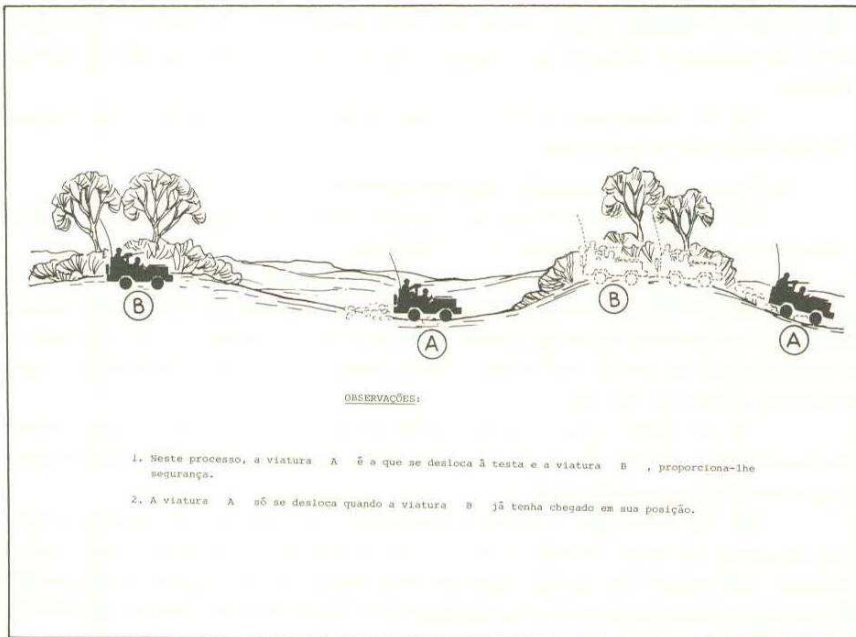


Fig 5-10 — Lanços sucessivos.

(1) As viaturas mantêm sua posição relativa na coluna.

(2) As duas viaturas-testa atuam em conjunto, deslocando-se de um ponto de observação para outro. A segunda viatura coloca-se numa posição coberta (se necessário, seus ocupantes desembarcam) e cobrem o deslocamento da primeira viatura até um ponto de observação; ao atingir este ponto, os integrantes da primeira viatura observam e reconhecem, desembarcando, se for o caso. A área estando segura, a segunda viatura recebe um sinal para cerrar até a primeira; o Cmt da primeira viatura observa o terreno à frente e seleciona o próximo ponto de parada. A primeira viatura se desloca até o ponto de observação selecionado e o processo é repetido.

(3) O lanço da primeira viatura não deve exceder o limite de observação e/ou o alcance do apoio de fogo da segunda viatura. As outras viaturas da coluna deslocam-se por lanços, sem sair de sua posição relativa.

(4) Cada viatura mantém o contato visual com a viatura à frente (evitando se aproximar) e à retaguarda.

#### d. Lanços alternados (Fig 5-11)

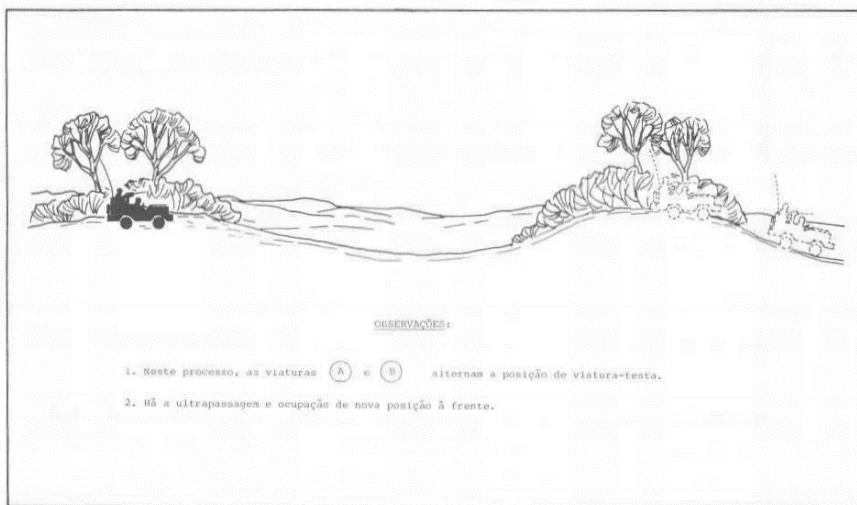


Fig 5-11 — Lanços alternados.

(1) Todas as viaturas, exceto as duas da testa, devem manter suas posições relativas na coluna.

(2) As viaturas-testa se alternam como primeira viatura. Uma cobre o lanço da outra.

(3) Este processo proporciona um avanço mais rápido que no deslocamento por lanços sucessivos; entretanto não permite tempo suficiente aos homens da segunda viatura para que observem bem o terreno à frente, antes de ultrapassar a primeira viatura e assim, sucessivamente.

e. O estudo de situação contínuo permite ao comandante decidir pelo processo a ser utilizado e suas conseqüentes mudanças.

#### 5-31. CONDUTA EM ÁREAS PERIGOSAS E PONTOS CRÍTICOS

a. O comandante da viatura-testa informa de imediato ao comandante da patrulha, a existência de obstáculos ou área perigosa no itinerário. Os homens reconhecem estes locais sob cobertura das armas automáticas da viatura.

b. Sempre que possível, os obstáculos são desbordados; caso contrário, são cautelosamente removidos.

c. Os cruzamentos e bifurcações existentes no itinerário são reconhecidos. Os homens da primeira viatura fazem a segurança, enquanto que a segunda viatura reconhece os acessos ao itinerário. A distância até onde se deve reconhecer uma estrada lateral, é determinada pelo conhecimento que o comandante da patrulha tem da situação; entretanto os elementos que a reconhecem deslocam-se até a distância de apoio do grosso da patrulha.

d. Pontes, cruzamentos, desfiladeiros e curvas de estrada, que impeçam a visão à frente, são considerados como áreas perigosas. Os homens desembarcam e aproveitam todas as cobertas e abrigos existentes para realizarem o reconhecimento. As viaturas ocupam posições cobertas, fora da estrada e as armas coletivas, dão cobertura ao reconhecimento do pessoal desembarcado.

e. O adestramento do motorista e dos atiradores das armas automáticas, instaladas nas viaturas, são condições essenciais para o êxito, nas condutas de uma patrulha motorizada.

#### 5-32. AÇÕES AO TOMAR CONTATO COM O INIMIGO

a. Há duas formas de encontro com o inimigo: o contato fortuito e a emboscada.

b. O contato fortuito é um encontro acidental. A patrulha motorizada e o inimigo não esperam o encontro, ou sequer estão preparados para ele. Neste caso, as ações da patrulha dependerão da missão recebida: a patrulha retrai pelo eixo e prossegue através de um eixo secundário, ou manobra para destruir o inimigo.

e. Sempre que possível, nos contatos fortuitos com o inimigo, o comandante de uma patrulha motorizada busca a seguinte conduta:

- (1) avançar até um ponto de observação coberto;
- (2) observar, realizando um rápido estudo de situação;
- (3) decidir (o que fazer, quando, como e para quê);
- (4) emitir ordens aos elementos subordinados;
- (5) informar ao escalão superior (se houver ligação).

d. Aos primeiros indícios de uma emboscada, as viaturas, de início, tentam sair da área de destruição; os atiradores procuram fixar pelo fogo a posição embos-

cante e devem ser seguidos pelos demais da patrulha. Caso não seja possível abandonar a área de destruição, os homens desembarcam, sob a cobertura do fogo das armas automáticas. É um momento crítico e há o desembarque por todos os lados da viatura. Não esperar a parada e sim a visualização do bloqueio. É de fundamental importância a ação de comando dos respectivos comandantes. A preocupação seguinte será a de cerrar organizada e agressivamente sobre o inimigo. A parte da patrulha que não estiver sendo atacada, manobra buscando o flanco ou a retaguarda da posição de emboscada. Os patrulheiros que estiverem na área de destruição, apóiam, fixando o inimigo pelo fogo.

e. A utilização de granadas fumígenas é de grande valia na dissimulação da reação da contra-emboscada. Normalmente, evitar reação para liberar a estrada, a não ser quando a patrulha possuir blindados.

### 5–33. AÇÃO NO OBJETIVO

a. Os diversos tipos de missões de reconhecimento ou de combate atribuídos a uma patrulha motorizada, definem as ações para o cumprimento da missão.

b. A patrulha motorizada realiza uma infiltração como um todo ou fracionada. Como um todo prevê uma reorganização num ponto de reunião próximo do objetivo (PRPO), escolhido na carta e confirmado no terreno. Na infiltração fracionada, com a utilização de diversos itinerários, reorganizar num ponto anterior ao ponto de reunião próximo do objetivo (PRPO), medida esta para preservar o sigilo.

c. Normalmente, do ponto de reunião próximo do objetivo (PRPO), o comandante da patrulha, com os homens que julgar necessário, parte para o seu reconhecimento e confirma ou modifica seu planejamento para a ação no objetivo. As viaturas, com seus respectivos motoristas, juntamente com um grupo encarregado da segurança, permanecem no PRPO.

d. A conduta de partir embarcado até o objetivo e desembarcando só para saltá-lo, decide-se em função da missão e da situação. Normalmente, o cumprimento da missão (destruir, capturar, conquistar, resgatar etc) é feito com a patrulha desembarcada. As demais ações no objetivo são em tudo, semelhantes às realizadas pelas patrulhas a pé.

#### e. Roteiro de ação no objetivo

- (1) Aproximação.
- (2) Reconhecimento aproximado.
- (3) Tomada do dispositivo.
- (4) Assalto.
- (5) Cumprimento da missão.
- (6) Retraimento.
- (7) Reorganização.

**5-34. RETRAIMENTO ÀS LINHAS AMIGAS**

- a. Utilizar-se de itinerários que permitam flexibilidade em caso de conduta.
- b. Retrair como um todo, sempre que possível.
- c. Havendo resgate, por vias aéreas ou aquáteis, executar um planejamento pormenorizado e uma perfeita coordenação com o escalão que lança a patrulha.
- d. O comandante da patrulha, normalmente, deve prestar ao comandante da posição amiga os informes que possam ter valor imediato. Existindo homens ou viaturas em atraso, informar os postos amigos.

**5-35. OBSERVAÇÕES**

- a. O planejamento é simples e objetivo: plano de embarque, processo de deslocamento e dispositivo, técnicas para possíveis condutas, o **como** cumprir a missão e o retraimento.
- b. As viaturas em boas condições mecânicas e a preocupação com a necessidade de combustível a ser consumida, são ações também importantes na preparação da patrulha.
- c. O controle da patrulha, a rapidez e a agressividade, são fundamentais para o êxito nas diversas condutas.
- d. Evitar que toda a patrulha entre num mesmo compartimento, antes da liberação da segurança à frente.
- e. Realizar ensaios para as possíveis condutas durante o cumprimento da missão.
- f. Um motorista adestrado, bem orientado e seguro, traduz-se em fator de êxito.
- g. Lembrar que a tropa é um alvo compensador e relativamente fácil; estabelecer um sistema de segurança confiável.



## ÍNDICE ALFABÉTICO

A	Prf	Pag
Ações ao tomar contato com o inimigo . . . . .	3 – 11	3 – 10
Ações em áreas perigosas e pontos críticos . . . . .	3 – 10	3 – 9
Área de reunião. . . . .	3 – 12	3 – 12

### C

Classificação		
– quanto à finalidade da missão . . . . .	1 – 5	1 – 2
– quanto à extensão da operação. . . . .	1 – 6	1 – 5
Complementação detalhada do planejamento		
– considerações gerais . . . . .	2 – 14	2 – 12
– desenvolvimento . . . . .	2 – 15	2 – 12
Conceito . . . . .	1 – 4	1 – 1
Condutas normais de uma patrulha de reconhecimento. . . . .	3 – 19	3 – 16
Controle . . . . .	3 – 5	3 – 4

### D

Deslocamento. . . . .	3 – 4	3 – 3
-----------------------	-------	-------

### E

Emprego das comunicações. . . . .	3 – 8	3 – 8
Ensaio. . . . .	2 – 19	2 – 17
Estudo de situação		
– considerações iniciais . . . . .	2 – 7	2 – 4

	Prf	Pag
– condução do estudo de situação . . . . .	2 – 8	2 – 4
Estudo sumário da missão		
– finalidade. . . . .	2 – 2	2 – 2
– procedimentos . . . . .	2 – 3	2 – 2
<b>F</b>		
Finalidade (do manual)	1 – 1	1 – 1
<b>G</b>		
Generalidades		
– condutas gerais das patrulhas . . . . .	3 – 1	3 – 1
– conduta das patrulhas de reconhecimento . . . . .	3 – 15	3 – 15
– conduta das patrulhas de combate . . . . .	3 – 20	3 – 19
<b>I</b>		
Infiltração . . . . .	3 – 13	3 – 13
Inspeção		
– inicial . . . . .	2 – 18	2 – 17
– final . . . . .	2 – 20	2 – 18
<b>L</b>		
Ligação com outros manuais . . . . .	1 – 3	1 – 1
<b>M</b>		
Missões		
– das patrulhas de reconhecimento . . . . .	3 – 16	3 – 15
– das patrulhas de combate . . . . .	3 – 21	3 – 19
<b>O</b>		
Objetivo (do manual) . . . . .	1 – 2	1 – 1
Ordem à Patrulha		
– generalidades . . . . .	2 – 16	2 – 14
– memento da Ordem à Patrulha. . . . .	2 – 17	2 – 14
Ordem Preparatória		
– considerações gerais . . . . .	2 – 9	2 – 8

	Prf	Pag
– elaboração . . . . .	2– 10	2 – 8
Organização		
– fundamentos . . . . .	1– 9	1 – 6
– patrulha de reconhecimento . . . . .	1– 10	1 – 8
– patrulha de combate . . . . .	1– 11	1 – 10
Organização para o movimento . . . . .	3– 2	3 – 1
Orientação . . . . .	3– 7	3 – 6

P

Partida e regresso das linhas amigas . . . . .	3– 3	3 – 3
Patrulha		
– de captura . . . . .	3– 28	3 – 26
– de contato . . . . .	3– 29	3 – 27
– de destruição . . . . .	3– 24	3 – 23
– de eliminação . . . . .	3– 25	3 – 24
– de emboscada . . . . .	3– 34	3 – 31
– de incursão . . . . .	3– 22	3 – 19
– de inquietação . . . . .	3– 32	3 – 28
– de ocupação . . . . .	3– 30	3 – 27
– de oportunidade . . . . .	3– 23	3 – 22
– de reconhecimento em força . . . . .	3– 31	3 – 28
– de resgate . . . . .	3– 27	3 – 25
– de segurança . . . . .	3– 26	3 – 24
– de suprimento . . . . .	3– 33	3 – 30
Patrulha aeromóvel		
– composição, comando e responsabilidade . . . . .	5– 2	5 – 1
– considerações sobre o planeamento e preparação . . . . .	5– 4	5 – 3
– generalidades . . . . .	5– 1	5 – 1
– observações ao comandante da patrulha . . . . .	5– 5	5 – 4
– seqüência do planeamento . . . . .	5– 3	5 – 2
Patrulha em área de caatinga		
– administração . . . . .	4– 8	4 – 4
– armamento, uniforme e equipamento . . . . .	4– 6	4 – 3
– aspectos topotáticos do terreno . . . . .	4– 2	4 – 1
– comunicações . . . . .	4– 9	4 – 4
– contato com população local . . . . .	4– 5	4 – 3
– generalidades . . . . .	4– 1	4 – 1
– marchas . . . . .	4– 3	4 – 2
– observações ao comandante da patrulha . . . . .	4– 10	4 – 4
– orientação . . . . .	4– 4	4 – 3

	Prf	Pag
– sobrevivência na caatinga . . . . .	4 – 7	4 – 3
<b>Patrulha em área de montanha</b>		
– administração . . . . .	4 – 21	4 – 8
– alimentação e pernoites . . . . .	4 – 19	4 – 7
– armamento, uniforme e equipamento . . . . .	4 – 15	4 – 6
– aspectos topotáticos do terreno . . . . .	4 – 12	4 – 5
– bivaques . . . . .	4 – 16	4 – 7
– comunicações . . . . .	4 – 20	4 – 8
– emboscada e contra-emboscada . . . . .	4 – 17	4 – 7
– generalidades . . . . .	4 – 11	4 – 4
– marchas . . . . .	4 – 13	4 – 6
– observações ao comandante da patrulha . . . . .	4 – 22	4 – 8
– orientação . . . . .	4 – 14	4 – 6
– segurança . . . . .	4 – 8	4 – 4
<b>Patrulha em área de selva</b>		
– administração . . . . .	4 – 31	4 – 12
– aspectos topotáticos do terreno . . . . .	4 – 25	4 – 9
– base de patrulha . . . . .	4 – 30	4 – 12
– comunicações . . . . .	4 – 32	4 – 12
– generalidades . . . . .	4 – 23	4 – 8
– marchas . . . . .	4 – 26	4 – 10
– observações ao comandante da patrulha . . . . .	4 – 33	4 – 12
– orientação . . . . .	4 – 28	4 – 11
– planejamento e preparação da patrulha . . . . .	4 – 24	4 – 9
– segurança . . . . .	4 – 27	4 – 11
– sobrevivência na selva . . . . .	4 – 29	4 – 11
<b>Patrulha em área urbana</b>		
– emboscada em área urbana . . . . .	4 – 38	4 – 14
– equipe de caçadores aéreos . . . . .	4 – 37	4 – 14
– generalidades . . . . .	4 – 34	4 – 13
– observações ao comandante da patrulha . . . . .	4 – 39	4 – 18
– patrulha de combate em área urbana . . . . .	4 – 36	4 – 13
– patrulha de reconhecimento em área urbana . . . . .	4 – 35	4 – 13
<b>Patrulha fluvial</b>		
– ação no objetivo . . . . .	5 – 21	5 – 22
– apoio logístico . . . . .	5 – 23	5 – 24
– base de patrulha em área ribeirinha . . . . .	5 – 22	5 – 23
– comunicações . . . . .	5 – 24	5 – 24
– emboscada e contra-emboscada . . . . .	5 – 20	5 – 21
– formações utilizadas nos deslocamentos fluviais . . . . .	5 – 18	5 – 20
– generalidades . . . . .	5 – 16	5 – 17

	Prf	Pag
– orientação nos deslocamentos fluviais . . . . .	5 – 19	5 – 20
– processos de deslocamento fluvial . . . . .	5 – 17	5 – 18
<b>Patrulha motorizada</b>		
– ação no objetivo . . . . .	5 – 33	5 – 31
– ações ao tomar contato com o inimigo . . . . .	5 – 32	5 – 30
– conduta em áreas perigosas e pontos críticos . . . . .	5 – 31	5 – 30
– execução . . . . .	5 – 29	2 – 27
– finalidade . . . . .	5 – 26	5 – 25
– missão . . . . .	5 – 25	5 – 25
– observações . . . . .	5 – 35	5 – 32
– organização geral e particular . . . . .	5 – 27	5 – 25
– planejamento e preparação . . . . .	5 – 28	5 – 25
– retraimento às linhas amigas . . . . .	5 – 34	5 – 32
<b>Patrulha na contraguerrilha</b>		
– base de combate, base de patrulha e área de reunião . . . . .	5 – 10	5 – 6
– comunicações na base de patrulha . . . . .	5 – 13	5 – 16
– fases da instalação de uma base de patrulha . . . . .	5 – 12	5 – 7
– generalidades . . . . .	5 – 6	5 – 5
– missões . . . . .	5 – 8	5 – 5
– objetivos das patrulhas na contraguerrilha . . . . .	5 – 7	5 – 5
– observações ao comandante da patrulha . . . . .	5 – 15	5 – 16
– processos de penetração e retraimento . . . . .	5 – 9	5 – 5
– ressurgimento . . . . .	5 – 14	5 – 16
– seleção para o local de uma base de patrulha . . . . .	5 – 11	5 – 7
<b>Planejamento da utilização do tempo</b>		
– conduta do comandante da patrulha . . . . .	2 – 5	2 – 2
– exemplo de quadro horário . . . . .	2 – 6	2 – 3
– finalidade . . . . .	2 – 4	2 – 2
<b>Ponto de reunião . . . . .</b>	<b>3 – 9</b>	<b>3 – 8</b>

## R

<b>Reconhecimento</b>		
– considerações gerais . . . . .	2 – 11	2 – 11
– execução . . . . .	2 – 13	2 – 12
– planejamento . . . . .	2 – 12	2 – 11
– tipos . . . . .	3 – 17	3 – 16
<b>Relatório . . . . .</b>	<b>3 – 14</b>	<b>3 – 13</b>
<b>Responsabilidades</b>		
– específicas (S2, S3 e S4) . . . . .	1 – 8	1 – 6
– do comandante que lança a patrulha . . . . .	1 – 7	1 – 6

S

Segurança ..... 3- 6 3- 5

## DISTRIBUIÇÃO

### 1. ÓRGÃOS

Gabiente do Ministro . . . . .	1
Estado-Maior do Exército . . . . .	10
DEP . . . . .	2
DFA, DEPA . . . . .	2
SGEX, CIE . . . . .	1

### 2. GRANDES COMANDOS E GRANDES UNIDADES

Comandos Militares de Área (CMA, CMSE, CML, CMS, CMNE, CMP, CMNO) . . . . .	3
Regiões Militares . . . . .	2
Divisões . . . . .	2
Brigadas . . . . .	3
Grupamentos de Engenharia . . . . .	2
Artilharias Divisionárias . . . . .	2
Artilharia de Costa . . . . .	2

### 3. UNIDADES

Inf . . . . .	8
Cav . . . . .	7
Art . . . . .	6
Eng . . . . .	4
Com . . . . .	5
Fron . . . . .	7
Mat Bel . . . . .	5
Pol Ex . . . . .	5
Ap Log . . . . .	5
Guarda . . . . .	5

#### 4. SUBUNIDADES (autônomas ou semi-autônomas)

Inf (Cia Inf, Cmdo, Fron, Guarda, PE) . . . . .	2
Cav. . . . .	2
Art. . . . .	2
Eng. . . . .	2
Com . . . . .	2
Organizações de valor Pel (Inf e Mat Bel) . . . . .	2

#### 5. ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

AMAN . . . . .	350
EsSA. . . . .	50
CPOR . . . . .	10
NPOR . . . . .	2
CI Pqdt GPB. . . . .	2
EsPCEX. . . . .	10

#### 6. OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Arq Ex . . . . .	1
BIBLIEX. . . . .	1
C Doc Ex. . . . .	1



PARTICIPE-INFLUA-COOPERE NO APERFEIÇOAMENTO DA DOCTRINA !

De acordo com o Port 092-EME, de 20 de dezembro de 1978, propõe-se:
1. Publicação: (Indicativo, Título, Ano da edição) 2. Correções de Texto (Página, parágrafo, linha, DE, PARA) 3. Outras observações ou comentários
1.
OM, Local, Data: ----- Nome, Posto/Grad: ----- Assinatura: -----

REM:

Nome .....

Endereço .....

.....

Cidade ..... Estado .....

SEÇÃO DE DOCTRINA - ST/A  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO  
QG DO EXÉRCITO - SMU  
70630 BRASÍLIA - DF



**Este manual foi elaborado com base em anteprojeto apresentado pela  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.**





IPÉA GRÁFICA E EDITORA IDEAL LTDA.

SIG - Quadra 08 - Lote 2.265

Fone: 225-6446 - Brasília-DF

1ª Edição

Tiragem: 2.000 Exemplares

Setembro/86